

Este trabalho surgiu após ricas vivências como membro do Grupo EDUSEX, em que se desenvolveu pautado numa concepção do materialismo histórico dialético aportado, também, pela vertente de Educação Sexual Emancipatória Intencional, aqui expressa pela Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH.

Este trabalho teve como intuito realizar uma pesquisa qualitativa exploratória numa perspectiva de análise de conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA. Estas que foram desenvolvidas no decorrer da pesquisa

“Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsídio em processos de formação de profissionais da educação” como subprodutos das vídeoaulas, as transcrições literais que foram utilizadas neste trabalho. Dos subprodutos foram excertados indicadores que apontassem para a perspectiva emancipatória em que este trabalho se fundamenta.

Estes indicadores foram cotejados com os Direitos da DDSDH a fim de compreender se havia nas falas transcritas perspectivas emancipatórias que pautassem propostas intencionais de Educação Sexual. Contribuindo, assim, com a categoria de estudo e compreendendo as categorias expressas.

Orientadora: Sonia Maria Martins de Melo

Florianópolis, 2019

ANO
2019

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS | A SÉRIE DE VIDEOAULAS “EDUSEXCOMUNICA” À
LUZ DA DDSDH



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A SÉRIE DE VIDEOAULAS
“EDUSEXCOMUNICA” À LUZ DA
DDSDH: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS
MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM
INTERFACES MIDIÁTICAS PRODUZIDOS
DE 2013 A 2018**

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS

FLORIANÓPOLIS, 2019

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A SÉRIE DE VIDEOAULAS “EDUSEXCOMUNICA” À LUZ DA DDSDH:
ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM
INTERFACES MUDIÁTICAS PRODUIZIDOS DE 2013 A 2018**

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS

FLORIANÓPOLIS, SC

2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Mattos, Mellany Viaro Gobbi de

A série de videoaulas EDUSEXCOMUNICA à luz das
DDSDH : análise de conteúdo dos materiais pedagógicos
com interfaces midiáticas produzidos de 2013 a 2018 /
Mellany Viaro Gobbi de Mattos. -- 2019.
131 p.

Orientadora: Sonia Maria Martins de Melo

Coorientador: Lourival José Martins Filho

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,
2019.

1. Educação Sexual Emancipatória Intencional. 2.
Produção Coletiva de Conhecimentos via Grupo EDUSEX. 3.
Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos ?
DDSDH. 4. Produção de Materiais com Interfaces Midiáticas.
5. Série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA. I. Melo, Sonia
Maria Martins de. II. Martins Filho, Lourival José. III.

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS

**A SÉRIE DE VIDEOAULAS “EDUSEXCOMUNICA” À LUZ DA DDSH:
ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM
INTERFACES MIDIÁTICAS PRODUZIDOS DE 2013 A 2018**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como Requisito Parcial para Obtenção do Título de Mestre em Educação – Linha de pesquisa: Educação, Comunicação e Tecnologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

(Prof.^a Dr.^a. Sonia Maria Martins de Melo)
UDESC

Co-orientador:

(Prof. Dr. Lourival José Martins Filho)
UDESC

Membros:

(Prof.^a Dr.^a. Julice Dias)
UDESC

(Prof.^a. Dr.^a. Yalin Brizola Yared)
UNISUL

(Prof.^a Dr.^a. Alba Regina Battisti de Souza)
UDESC

Florianópolis, 29 de novembro de 2019.

Dedico este trabalho ao meu amado fruto Sebastián, que veio para esta vida no decorrer deste movimento *stricto sensu*...

AGRADECIMENTOS

Agradeço sempre à minha amada orientadora que me acolheu e guiou neste mar profundo e insano: a vida e a carreira acadêmica. Digo sinceramente que serei eternamente grata.

Agradeço ao meu Co-orientador por todo apoio e zelo no decorrer desta “longa e curta” caminhada.

Agradeço à minha família que vibrou, chorou, desesperou-se e torceu por mim desde o início do processo acadêmico. Este mar turbulento e cheio de mistérios não seria como o foi se vocês não estivessem ao meu lado. Agradeço especialmente ao meu marido. Por tudo.

Agradeço ao Grupo EDUSEX que me presenteou com vivências plenas e ricas de desconstrução e transformação constantes.

Agradeço à todas e todos que estiveram presentes de alguma forma neste percurso. Agradeço especialmente aos que me proporcionaram e permitiram este movimento acadêmico se desenvolver. Terei eterna gratidão.

Agradeço desde sempre aos membros da Banca que com todo carinho guiaram este trabalho e estiveram disponíveis para realizar um parecer *sui generis*.

Agradeço ao Universo, à Deus, Deusas, energias que permitiram este movimento acontecer!

E, por fim, agradeço a você, leitora e leitor, por disponibilizar estes momentos para acompanhar minha pesquisa!

RESUMO

Este trabalho surgiu após ricas vivências como membro do Grupo EDUSEX, em que se desenvolveu pautado numa concepção do materialismo histórico dialético aportado, também, pela vertente de Educação Sexual Emancipatória Intencional, aqui expressa pela Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH. Este trabalho teve como intuito realizar uma pesquisa qualitativa exploratória numa perspectiva de análise de conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA. Estas que foram desenvolvidas no decorrer da pesquisa “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsídio em processos de formação de profissionais da educação” como subprodutos das vídeoaulas, as transcrições literais que foram utilizadas neste trabalho. Dos subprodutos foram excertados indicadores que apontassem para a perspectiva emancipatória em que este trabalho se fundamenta. Estes indicadores foram cotejados com os Direitos da DDSDH a fim de compreender se havia nas falas transcritas perspectivas emancipatórias que pautassem propostas intencionais de Educação Sexual. Contribuindo, assim, com a categoria de estudo e compreendendo as categorias expressas.

Palavras-chave: Educação Sexual Emancipatória Intencional; Produção Coletiva de Conhecimentos via Grupo EDUSEX; Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH; Produção de Materiais com Interfaces Midiáticas; Série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA.

RESUMEN

Este trabajo surgió después de una rica experiencia como miembro del Grupo EDUSEX, en el que se desarrolló a partir de una concepción del materialismo histórico dialéctico contribuido, también apoyado por el aspecto de la Educación Sexual Emancipadora Intencional, expresado aquí por la Declaración de los Derechos Sexuales como Derechos Humanos - DDSDH. Este trabajo tuvo como objetivo llevar a cabo una investigación cualitativa exploratoria desde una perspectiva de análisis de contenido de las transcripciones de la serie de clases de video EDUSEXCOMUNICA. Estos se desarrollaron durante la investigación "Desarrollo y producción de clases de video de educación sexual emancipadoras como subsidio en procesos de capacitación de profesionales de la educación" como subproductos de las lecciones de video, las transcripciones literales que se utilizaron en este trabajo. De los subproductos se extrajeron indicadores que apuntaban a la perspectiva emancipadora en la que se basa este trabajo. Estos indicadores se compararon con los Derechos del DHSD para comprender si en el discurso se transcribieron perspectivas emancipadoras que guiaron las propuestas intencionales de Educación Sexual. Contribuyendo así a la categoría de estudio y comprendiendo las categorías expresadas.

Palabras clave: Educación sexual emancipatoria intencional; Producción colectiva de conocimiento por medio del Grupo EDUSEX; Declaración de Derechos Sexuales como Derechos Humanos - DDSDH; Producción de materiales con interfaces de medios; Serie de video clase EDUSEXCOMUNICA.

ABSTRACT

This work emerged after rich experiences as a member of the EDUSEX Group, in which it developed based on a conception of dialectical historical materialism contributed, also supported by the Intentional Emancipatory Sexual Education aspect, here expressed by the Declaration of Sexual Rights as Human Rights - DDSDH. This work aimed to carry out an exploratory qualitative research from a content analysis perspective of the transcripts of the EDUSEXCOMUNICA video class series. These were developed during the research “Development and production of emancipatory sex education video classes as subsidy in processes of training of education professionals” as byproducts of the video lessons, the literal transcriptions that were used in this work. From the byproducts were extracted indicators that pointed to the emancipatory perspective on which this work is based. These indicators were compared with the Rights of the DHSD in order to understand if there were in the speech transcribed emancipatory perspectives that guided intentional proposals of Sex Education. Thus contributing to the study category and comprising the expressed categories.

Keywords: Intentional Emancipatory Sex Education; Collective Production of Knowledge through the EDUSEX Group; Declaration of Sexual Rights as Human Rights - DDSDH; Production of materials with media interfaces; EDUSEXCOMUNICA video class series.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1– Síntese do Projeto (Continua)	37
Quadro 2 – Síntese do Projeto (Conclusão).....	38
Quadro 3 – Busca sistemática das Palavras-chaves 1º Conjunto	46
Quadro 4 – Busca sistemática das Palavras-chaves 2º Conjunto	47
Quadro 5 – Busca sistemática Aprofundada – Palavras-Chaves Cotejadas	49
Quadro 6 – Relação Palavras-chaves x Trabalhos encontrados 1º Grupo	50
Quadro 7 – Relação Palavras-chaves x Trabalhos encontrados 2º Grupo	51
Quadro 8 – Pesquisa 2013 a 2018.....	82
Quadro 9 – Indicadores da DDSDH	90
Quadro 10 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V1 X Excertos DDSDH.....	99
Quadro 11 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V2 X Excertos da DDSDH.....	106
Quadro 12 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V3 X excertos da DDSDH.....	112
Quadro 13 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V4 X Excertos da DDSDH.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS

DDSDH	Declaração de Direitos Sexuais como Direitos Humanos
EDUSEX	Grupo de Pesquisa EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
IC	Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC's	Tecnologia da Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1.	O AFLORAR DE UMA PESQUISADORA	14
2.	JUSTIFICATIVA À LUZ DA BUSCA SISTEMÁTICA	39
3.	CONHECER É SUBSIDIAR: CÚMPLICES TEÓRICOS DAS CATEGORIAS EIXO...	52
3.1	...CATEGORIA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA	52
3.2	...CATEGORIA GRUPOS DE PESQUISA	61
3.3	...CATEGORIA PRODUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO	64
3.4	...CATEGORIA MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM INTERFACES MIDIÁTICAS	68
4.	MOVIMENTOS METODOLÓGICOS	74
4.1	PASSO INICIAL: COLETA, ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS	81
4.2	PASSO SEGUINTE: IMERSÃO NA DDSH E O QUE DIZEM OS DIREITOS	82
4.3	PERCEPÇÃO DOS INDICADORES POR MEIO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: DESVELANDO AS CATEGORIAS	90
5.	MOVIMENTO DILÉTICOS: AS SÍNTESES DESTE CICLO	119
	REFERÊNCIAS	124
	ANEXOS	126

Mas tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas¹. (NIETZSCHE, 2017, p.9)

1. O AFLORAR DE UMA PESQUISADORA

Trago no decorrer deste trabalho o porquê da escolha desse caminho investigativo, bem como o porquê desses mesmos percursos estarem entrelaçados com os do Grupo EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC. Como nos diz Nietzsche (2017, p.45) “Quem não passou por diversas convicções, mas ficou preso à fé em cuja rede se emaranhou primeiro, é em todas as circunstâncias, justamente por causa dessa imutabilidade, um representante de culturas atrasadas” e, por isso, compreendo minhas vivências como plenas e ricas em movimentos dialéticos. Percebo que se faz essencial contextualizar previamente o surgimento de tal grupo, espaço que se deu origem esta dissertação, já que é este o grupo que me acolheu e proporcionou espaços de (des)construção paradigmática. Por isso, registro que este grupo nasceu com um pequeno coletivo de professoras e professores na antiga Faculdade de Educação – FAED em meados de 1985, aos poucos se consolidou como o Núcleo de Estudos da Sexualidade – NES. E durante o seu percurso até os dias atuais consolidou-se como grupo de pesquisa, hoje denominado Grupo EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC, localizado na sala 322-B no terceiro andar da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC no novo prédio do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED.

Início minha retrospectiva com a seguinte concepção trazida pela Prof.^a Dr^a Sonia Melo: “analise o macro e subsidie o micro”. Esta frase fundamentou todo meu processo vivido no decorrer da caminhada acadêmica. Desde meu primeiro contato com o referido Grupo, minha orientadora apresentou-a em meu primeiro dia como bolsista de Iniciação Científica, 20 de fevereiro de 2013, no meu segundo dia de aula na graduação.

Acredito que uma breve síntese de meus percursos pessoais contextualizaria o meu lugar de fala, minhas vivências e o que for necessário a fim de continuar este memorial. Venho da metrópole paulista, de família de italianos

com portugueses, alemães com gregos, ou seja, sou tipicamente brasileira. Por ser a filha mais nova de quatro crianças, com quase dez anos de diferença entre meus irmãos, isto resultou numa vivência do mundo familiar em grande parte do tempo sozinha e percebo que isto deu início a quem sou hoje. Não convivi com nenhuma avó nem avô e nem com muitos dos meus tios e tias, pois não mantinham contato com minha família por desavenças com meu pai. Registro ter sido educada numa perspectiva repressora de educação e, hoje sem mágoas, percebo que cresci vivenciando no seio familiar o mais puro senso comum e perpetuações dos processos histórico-sócio-culturais repressores presentes na nossa história como cidadãos e cidadãs. Nesta perspectiva vivida percebo também que aprendi, equivocadamente, conceitos repressores referentes ao que seria a Educação Sexual e, portanto, sobre a sexualidade humana. Mas percebo que este processo me auxiliou na construção de um espírito questionador.

Reflito que encontrei em Melo (2004) e Yared (2016) as mesmas inquietações que me surgiram ao retomar as minhas concepções prévias, uma vez que as próprias autoras refazem em suas teses e dissertações seus percursos com intuito de reconhecer quais processos lhes foram fundamentais em seu caminhar formador como educadoras, tanto como cidadãs quanto como profissionais. Como exemplo, Melo (2004) nos traz em sua obra “Corpos no Espelho: a percepção de corporeidade em professoras” questões que são bases para se construir uma retrospectiva e refletir acerca de todo um percurso de vida, pois questiona:

Intelectuais preocupados lançavam ao ar a célere pergunta: —Afinal, quem educa os educadores? “. Refletindo sobre meu fazer específico para a realização desta jornada pelo mundo vivido, e realizando — “plágio do plágio”, pergunto: Quem educou esta educadora? Quem me ajudou a me tornar a pessoa que sou? (p.16)

Logo, amparada na própria reflexão em que Melo retrata ser seu primeiro meio de educação o seio familiar, vejo também que este foi meu primeiro lugar de formação e educação.

No decorrer da vida escolar, pude vivenciar as mais diversas situações que me auxiliaram a despertar o meu olhar pedagógico, ainda que amparada num senso comum à época. Saliento, também, que aos dezesseis anos tive a perda familiar mais contraditória que poderia vivenciar: o falecimento do meu pai. A

pessoa que reproduzia todos os tipos de preconceitos, estereótipos, repressões junto à família foi também aquele que no decorrer do meu crescimento com minhas antíteses para as teses que ele vivenciava como verdades absolutas, fora ressignificando muitas de suas atitudes e se tornara, enfim, meu confidente. Esta situação foi completamente contraditória e dolorosa, pois havia em mim múltiplos sentimentos aflorados. Mas hoje percebo que, por fim, tornou-se uma evidência de que as antíteses que esse processo vivido me apresentava, ainda que baseadas no senso comum, despertaram-me novas perspectivas para as verdades que meu amado pai vivenciara em sua vida e, portanto, consolidou meu objetivo de caminhar em busca da emancipação numa perspectiva dialética de vida, aí incluída a dimensão de sexualidade, inseparável do existir humano.

Percebo que, também, ao final da adolescência ainda tive vivências pessoais profundamente imersas naquelas concepções equivocadas de uma Educação Sexual pautada numa perspectiva repressora, hoje sabendo que “[...] ter o corpo negado é ser negado como Ser no mundo, é ver negado o próprio mundo.” (MELO, 2001, p. 165). Vivências que percebo terem sido fundamentais no meu percurso, contribuindo para que muitas inquietações surgissem e se tornassem essenciais em meu caminhar já crítico-reflexivo, visto que compreender as perspectivas histórico-sócio-culturais do contexto humano de como e o porquê surgem estas concepções equivocadas que desviam as pessoas de um relacionamento humano saudável. Percebi que essas concepções não permitiam que a Educação Sexual e Sexualidade fossem aceitas numa abordagem emancipatória, além dessas perspectivas equivocadas também terem como pauta de sua constituição tantas questões “não-ditas” e perpetuadas equivocadamente como “certo e errado”. Toda essa contradição desvelada por um doloroso, mas necessário, processo de reflexão por mim vivido tornou-se algo fundamental para compreender e desmistificar o acontecido e caminhar na busca da emancipação.

Seguindo com minhas memórias, adentrei no percurso acadêmico na Educação aos meus vinte-um anos. Em 19 de fevereiro de 2013 iniciei meus estudos em Pedagogia no Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. No mesmo dia informaram em minha turma que havia uma professora que estava precisando de bolsistas de Iniciação Científica – IC para uma pesquisa que objetivava formular um Protótipo de programa de TV sobre Educação Sexual. Conheci, então, a

Professora Dr^a Sonia Melo, líder e fundadora do Grupo de Pesquisa EDUSEX, outrora Núcleo de Estudos da Sexualidade – NES e, no dia seguinte em 20 de fevereiro, participei do processo seletivo para Bolsista de Iniciação Científica do Grupo EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC e fui aprovada.

Assim que ingressei como bolsista a professora orientadora disponibilizou-me uma lista com referências de autores e autoras nos quais o Grupo EDUSEX pautava suas pesquisas, o ensino e suas ações de extensão para que me fosse possível conhecer a perspectiva teórico-prática do grupo. Isto resultou em todo um percurso vivido desde o início da graduação inserida como membro e bolsista do Grupo EDUSEX até os dias atuais.

Isto influenciou todo processo dialético que vivi, por isso, hoje afirmo que o materialismo-histórico-dialético é tanto o paradigma que norteia o EDUSEX quanto a perspectiva na qual hoje percebo a vida, compreendo e vivo na perspectiva das teses e antíteses se entrelaçarem, gerando novas sínteses e novas antíteses, em contínuos movimentos dialéticos.

Abro um parêntese para salientar que, ao escolher o curso não imaginava que as mudanças paradigmáticas seriam tantas. Por isso, considero que esta trajetória nessa Faculdade de Educação, entrelaçada com minhas vivências no EDUSEX, reconstruiu-me como pessoa, pois neste percurso tomei ciência do meu inacabamento, como diria Paulo Freire (1996) autor com quem muito aprendi e passei a admirar. Ciente deste inacabamento hoje permito-me errar e refazer, desaprender e conhecer, valorizar e reconhecer cada falha e cada conquista, dentro e fora das portas da Universidade. Por isso acredito que vivenciar também desde 2013 a linha teórico-prática do Grupo EDUSEX enriqueceu esta minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional e que estas percepções se construíram no decorrer da relação com os membros do Grupo, já que desde o início do meu vínculo com o grupo participei com entusiasmo e compromisso em todas as atividades, eventos, propostas, encontros, disciplinas, pesquisas e ações de extensão desenvolvidas *pelo* e *com* o Grupo EDUSEX desde então.

Além disso, essa vivência como membro e bolsista foi fundamental para hoje embasar minha luta para garantir os direitos básicos de uma cidadania plena, visto que o grupo estuda as questões mais intrínsecas de Educação Sexual e Sexualidade, bem como busca sensibilizar todas as questões referentes às

propostas intencionais que possibilitem um desenvolvimento crítico-reflexivo emancipatório das/dos cidadãs/os.

Ressalto que a linha teórico-prática do EDUSEX me encaminhou também para a compreensão dialética das minhas inquietações e incertezas, já que considerava ainda como “verdades absolutas” tudo o que me havia sido ensinado sobre cidadania, valores, sexo e sexualidade, reproduzindo intensamente o senso comum. Passei, então, a compreender o entorno e o meu próprio aprendizado na temática de modo relativo, analisando todo o meu percurso e contexto histórico de cada “verdade” que passei a conhecer à luz das novas leituras e reflexões desenvolvidas *com e pelo* Grupo.

Fundamentada nos autores e vivências com o Grupo, denomina-se de “verdade absoluta” tudo aquilo que está posto na sociedade como maneiras determinadas como únicas definidas como “corretas ou erradas” de se vivenciar a cidadania, de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Tudo isto naturalizado pelo senso comum, inclusive valores morais e conceitos perpetuados em cada cultura como “únicos possíveis”, inclusive o de como vivenciar a sexualidade humana e suas manifestações, como a própria citação inicial deste memorial indica, Nietzsche já questionava em sua época os valores, certezas e verdades postos como “absolutos” e, dentro desta perspectiva, relativizava e norteava as percepções para compreendermos este movimento dialético da vida com suas provisórias verdades.

Além disso, dentro do paradigma em que o Grupo EDUSEX pauta suas ações e perspectivas, o Materialismo Histórico Dialético, encontro em Marx que

Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem também os princípios, as ideias, as categorias, de acordo com as suas relações sociais. Por isso, essas ideias, essas categorias, são tão pouco eternas como as relações que exprimem. (MARX, 2001, p.98)

Ou seja, tantos os valores quanto as verdades são produtos históricos construídos de acordo com as necessidades da época, logo, são transitórios. Isto é, são teses e antíteses brotando das relações entre o Ser e o Outro, mediatizados pelo Mundo (MELO, 2004) em que vivem e que geram novas teses e novas antíteses, num constante movimento dialético. O Grupo EDUSEX trabalha neste pressuposto de que se vivenciam no presente os frutos de concepções e

“verdades” criadas ao longo dos anos, geralmente consideradas “verdades absolutas” e “imutáveis” em paradigmas repressivamente marcantes na temática Educação Sexual. Muitas dessas verdades foram construídas e/ou existem com único propósito, o de controle social e repressão, como no caso da criação da família patriarcal (ENGELS, 1984).

Por isso, hoje digo também “verdades provisórias”, como o próprio EDUSEX trabalha, incluído aí as que me movem como cidadã, pois dentro do paradigma-eixo dos estudos do grupo, considera-se mutável e em constante movimento dialético as teses e antíteses da vida.

Nessa perspectiva se compreende e relativiza cada momento histórico-sócio-cultural e suas implicações nas concepções vigentes na sociedade. Essas concepções e conceitos produzidos por seres humanos dentro de um contexto histórico-sócio-cultural a partir do modo de produção vivenciado podem, portanto, serem ressignificados e transformados. Esta transformação, no entendimento do EDUSEX pode ser auxiliada com a sensibilização sobre as possibilidades de construção e vivência de projetos intencionais numa abordagem de Educação Sexual Emancipatória.

Por isso, compreender a Educação e as suas interfaces com a Sexualidade num processo Intencional de Educação Sexual em uma perspectiva histórico-sócio-cultural emancipatória é para o Grupo EDUSEX um comprometimento permanente com a emancipação humana, perspectiva sempre presente nos seus estudos e reuniões do referido grupo, com destaque para o respeito às questões da riqueza da diversidade humana, hoje ampliada pela busca do desenvolvimento de metodologias, de produção coletiva de materiais que tenham interfaces midiáticas, por exemplo no projeto de pesquisa do EDUSEX de 2013 a 2018, percebe-se a preocupação de democratizar o acesso às pesquisas acadêmicas que contribuam com esta perspectiva de emancipação humana, estas sempre numa abordagem emancipatória.

A referida pesquisa se pautou nos movimentos dialéticos vividos pelo Grupo em pesquisas anteriores, em que foi registrado a fala de Flick (2004, p.64 *apud* MELO *et al*, 2013, p.03), “as questões de pesquisa não vêm do nada. A decisão acerca de uma questão específica depende essencialmente dos interesses

práticos de pesquisadores e de seu envolvimento em certos contextos históricos e sociais”, deste modo a pesquisa “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsidio em processos de formação de profissionais da educação” surgiu tanto do caminhar de três décadas de estudos do Grupo quanto da finalização da pesquisa anterior em que pôde-se notar nos registros dos questionários aplicados para as/os participantes voluntários, a ausência de espaços democratizantes ao acesso das/os profissionais da educação, principalmente. Além disso, o referido projeto de pesquisa atuou sempre integradamente com ensino, pesquisa e extensão em processos de formação de professores, em suas interfaces com uma educação sexual pautada no paradigma emancipatório, sendo que a categoria educação sexual emancipatória é compreendida como “estimuladora da formação de uma capacidade crítica e reflexiva do ser humano, sempre sexuado, sobre si e sobre o outro, no mundo”(p.04). Para tanto se compreende também que esta categoria de estudos

[...] busca auxiliar na conscientização sobre a existência plena, sexuada, sobre sermos seres num mundo que é produto da história e da cultura, produzidas pelas pessoas nas relações sociais que estabelecem entre si e no embate com a natureza, expressando-se nas relações de produção da vida material e simbólica, na qual estão também presentes lutas de poder e dominação. Esse processo de conscientização implica também, portanto, o conhecimento de si, do corpo, da dimensão da sexualidade sempre presente em todos os momentos do existir humano, dentro de um processo de relações educativas permanentemente presentes na totalidade das relações humanas.

Diante disto, a referida pesquisa traz também que desenvolver propostas intencionais de educação sexual numa abordagem emancipatória está diretamente entrelaçada com as vivências pessoais potencialmente repressoras, como pode-se perceber no excerto citado no referido projeto de pesquisa (p.04)

[...] segundo Kornatzki,(2013, p.20), trabalhar intencionalmente a educação sexual emancipatória é difícil para muitos educadores e educadoras, pois registram que lhes falta, pela educação familiar e escolar que vivenciaram, uma profunda compreensão do significado político-pedagógico da questão, o que os leva a se sentirem impossibilitados de propor e desenvolver projetos de educação sexual emancipatória. Registram também muitos desses profissionais que, muitas vezes, sentem que estão reproduzindo a repressão que lhes foi imputada em sua educação, mesmo que não queiram repeti-la.

Assim sendo pode-se concordar com Nunes (1997) quando este nos diz que falar de Educação Sexual e Sexualidade não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente pela temática estar permeada de valores morais, históricos,

políticos e socioculturais, visto que a temática possui também uma característica “explosiva”. Nunes (*ibidem*) ainda ressalta que “a sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana”. Inclusive sua compreensão “sempre envolve muitas controvérsias” (p. 51). Ou seja, os diferentes posicionamentos dizem respeito a um conjunto de pessoas, por isso e quase sempre, estas diferenças podem gerar compreensões distintas e/ou paradigmas repressoras quando não se desenvolve a possibilidade de construção de cidadania numa perspectiva crítica e emancipatória.

Logo, devido este caráter sócio-histórico-cultural da categoria educação sexual, a mesma permite múltiplas compreensões no decorrer da história humana, bem como a abordagem emancipatória também está entrelaçada com os movimentos dialéticos presentes em si. Por isso, as (trans)formações vividas nesta dialética se norteia, também, pelo momento presente em que as mídias e relações sócio midiáticas intervêm nas (trans)formações de opinião pública e, conseqüentemente, influi nas questões vividas pelas/os educadoras/es, principalmente no cotidiano escolar, visto que o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's aparenta estar, socialmente, cada vez mais ampliado.

Frente a este cenário, o Grupo EDUSEX compreendeu, na referida pesquisa de início em 2013, justamente que “esses processos de educação sexual, potencialmente repressores ou emancipatórios, estão hoje potencializados pelo uso intencional e crítico de várias ferramentas midiáticas” (PROJETO DE PESQUISA, p.05), por isso no caminhar destas três décadas de estudos do Grupo EDUSEX o olhar atento para uma possível sensibilização referente à esta categoria de estudo foi fundamental, pois a intensificação de utilização em massa das mídias contribui para o acesso à conteúdos correlatos, porém não necessariamente com intenção de serem emancipatórios.

O que resultou na referida pesquisa, pois com o desenvolvimento das pesquisas anteriores e especialmente na finalização da pesquisa de “Desenvolvimento de uma proposta de protótipo de programa de TV Educação sexual em debate como subsídio em processos de formação continuada de educadores” (2009 a 2013), o grupo teve o *insight* necessário para a compreensão do fenômeno atual da democratização em massa das mídias e seu uso na

produção coletiva de conhecimentos a fim de possibilitar o fácil acesso à conteúdos produzidos no âmbito acadêmico.

Por isso, “nesta ênfase do uso crítico das mídias foram já realizados pelo Grupo EDUSEX vários projetos nessa direção de desenvolvimento e produção de materiais pedagógicos na temática da educação sexual emancipatória intencional” (ibidem). Encontramos, por exemplo, no referido projeto de pesquisa que

Foram produzidos, baseados em pesquisas anteriores, Cadernos Pedagógicos de Educação Sexual em versão impressa e *online* para uso em cursos de formação, material que já atingiu mais de 15000 alunos em formação na Pedagogia-UDESC, presencial e a distância, programas de rádio semanais na Rádio UDESC, que são realizados ao vivo e também gravados em CDs para uso posterior em ambientes educativos, vários cursos de extensão em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, no caso o MOODLE, para apoiar a formação continuada de educadores, bem como foram reproduzidas disciplinas de graduação e pós-graduação neste mesmo AVA, além de ter sido produzido recentemente um protótipo de programa de TV denominado Educação Sexual em debate, inclusive já usado como material de apoio inserido na disciplina de Educação Sexual no Curso de Pedagogia a distância, já tendo atingido até agora em torno de 1000 alunos em toda Santa Catarina, com muitas outras possibilidades educativas de uso do mesmo. (p.05)

E, portanto, os materiais pedagógicos com interfaces midiáticas se fazem essenciais no desenvolvimento de pesquisas atuais, principalmente quando falamos de democratização de acesso, pois como foi notado pelo Grupo no decorrer de sua caminhada, as pesquisas que nós podemos considerar com intuito de serem intencionalmente emancipatórias dificilmente chegavam à quem mais necessitava de fundamentação teórico-prática numa abordagem emancipatória: as/os educadoras/es do cotidiano escolar, seja de espaços formais ou não-formais, pois como retrata o Grupo na pesquisa de 2013

Entende-se que há muito ainda o que se fazer nesse processo de inclusão digital para apoiar um consistente processo de sensibilização de educadores e educadoras sobre a existência de um processo permanente de educação sexual nas instâncias educativas formais e não formais. Essa sensibilização poderá, se assim for a decisão político-pedagógica dos envolvidos, ser o início da construção de uma práxis pautada em um paradigma emancipatório de vida, aí incluída a dimensão da sexualidade humana. (PROJETO DE PESQUISA, p.06)

A partir disto, ressalto que no decorrer da minha graduação (2013 – 2017), tive a felicidade de vivenciar vários espaços proporcionados intencionalmente numa abordagem emancipatória de Educação Sexual, bem como de eventos específicos de Educação Sexual em que o Grupo EDUSEX realizou e/ou colaborou nas mais diversas e amplas perspectivas de emancipação por meio da

apresentação de suas verdades provisórias inclusive divulgando e socializando muitos desses materiais produzidos em interfaces com as novas mídias, como por exemplo, arquivos com seus programas de rádio. Participei, inicialmente, como ouvinte em vários eventos como, por exemplo, o “CISES – Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual 2013”, nos vários Colóquios Ibero-Americanos de Educomunicação, no IV Colóquio Catarinense de Educomunicação 2014 e nos Colóquios Grupos de Pesquisa sobre Formação de Educadores e Educação Sexual em vários anos. Em todos estes momentos pude refletir acerca das concepções ali presentes e ressignificar os meus próprios conceitos, já com perspectivas pautadas numa compreensão dialética de Educação Sexual Emancipatória Intencional. Alegro-me em poder registrar que desde o meu primeiro ano como bolsista de Iniciação Científica – IC participei no 23º, 24º, 26º Seminário de Iniciação Científica FAED/UDESC e em todos recebi Menção Honrosa na avaliação do trabalho que desenvolvi e apresentei, todos em pesquisas do Grupo.

Em 2015, fui privilegiada com uma bolsa de estudos de intercâmbio de um semestre no programa *Erasmus Mundus* – IBrasil em Portugal, no qual pude desenvolver uma proposta de estudos baseada em minhas vivências acadêmicas e profissionais, o que resultou no estabelecimento de novos vínculos acadêmicos na perspectiva sempre como membro do Grupo EDUSEX. Desenvolvi em Portugal durante o percurso de uma Unidade Curricular (Teatro e Ensino) do curso que lá frequentei, (Psicologia e Ciências da Educação), uma proposta de *workshop* a fim de proporcionar espaços intencionais de discussão sobre a temática Educação Sexual Emancipatória, em que sugeri atividades de drama baseadas no lúdico-pedagógico para desenvolver e sensibilizar as/os educadoras/es para propostas intencionais na temática, ali inserida minhas concepções compreendidas na vivência dos movimentos dialéticos do EDUSEX. No decorrer da execução desta proposta de *workshop* pude perceber várias concepções arraigadas na cultura local e o quanto essas concepções são próximas das nossas do Brasil e capazes de marcar e até prejudicar a construção de cidadania de cada um de nós. Também durante o percurso do intercâmbio, graças ao olhar atento e afinado que consegui desenvolver nas vivências com o grupo, pude registrar situações de repressão vividas por alguns acadêmicos nas relações austeras entre professores-alunos. Este olhar me possibilitou questionar e abrir espaços para algumas

reflexões críticas, a fim de desvelar estas situações e permitir que ambos os lados envolvidos pudessem pensar sobre as próprias concepções.

Voltando ao Brasil em 2016 retornei na sexta fase do Curso de Pedagogia e, após essa rica experiência como aluna de intercâmbio Erasmus, concorri novamente à vaga de bolsista junto ao Grupo EDUSEX. Pude retomar minhas atividades como bolsista de Iniciação Científica, que se caracterizava por me envolver em todas as propostas e caminhos do Grupo.

Caminhos que me levaram a atuar voluntariamente em diversas disciplinas ministradas pela líder e orientadora do EDUSEX Professora Dr^a Sonia Melo na quarta fase do curso de graduação em Pedagogia na disciplina “Educação, Gênero e Sexualidade” e, também, na pós-graduação na disciplina ministrada pela mesma docente, qual o EDUSEX tem responsabilidade de ensino, a saber: “Tecnologias e Formação de Educadores: Interface com a Temática Educação Sexual”.

Dentre uma das minhas atividades como membro do Grupo EDUSEX, pude também auxiliar no desenvolvimento de uma Oficina intitulada “Conversando sobre Educação, Gênero e Sexualidade” ministrada na Semana da Pedagogia, no Centro de Ciências Humanas e da Educação FAED/UDESC.

A oficina foi coordenada pela Professora Dr^a. Sonia Melo e realizada por quatro dinamizadoras que tinham em comum a vivência coletiva da disciplina junto à turma da quarta fase daquele semestre letivo: uma como estagiária de docência do doutorado, eu como voluntária e duas como alunas regulares da disciplina.

A oficina foi organizada em cinco momentos nos quais foram abordados os conceitos de orientação sexual, identidade de gênero e sexo biológico com o intuito de sensibilização e exercício de empatia ao debater, explorar e problematizar esses conceitos, buscando desmistificar visões preconceituosas e estereotipadas relacionadas à sexualidade e à ideia de relação de interdependência desses conceitos.

Em dezembro de 2016, também participei apresentando trabalhos no V Congresso Brasileiro de Educação Sexual UNESP-UEL-UDESC que abrangeu os eventos IX Colóquio Internacional Grupos de Pesquisa sobre Formação de Educadores e Educação Sexual e VII Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual Paraná – São Paulo – Santa Catarina em Araraquara/SP promovida pela UNESP – Universidade do Estado de São Paulo, UDESC – Universidade do

Estado de Santa Catarina e UEL – Universidade Estadual de Londrina, com a sede desse evento na UNIP – Universidade Paulista de Araraquara/SP.

No que diz respeito ao tripé acadêmico entrelaçando ensino, pesquisa e extensão, base do trabalho do Grupo, vivenciei amplamente estes aspectos considerados de extrema importância e de preocupação constante no fazer coletivo do Grupo EDUSEX. Senão vejamos que este encontra hoje espaços intencionais de discussão da temática quando aborda:

a) no ensino na graduação a disciplina “Educação, Gênero e Sexualidade” ministrada hoje na quarta fase do curso de Pedagogia na FAED/UDESC;

b) no ensino na pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Educação, ministrando as disciplinas “Educação Sexual - Interfaces Curriculares”, “Seminário de Pesquisa em ECT” e “Tecnologias e Formação de Educadores: Interface com a Temática Educação Sexual”;

c) na extensão em projeto desenvolvido na Rádio UDESC “Educação Sexual em Debate”, criada, coordenado e executado por membros do Grupo, sendo uma ação do Programa Formação de Educadores e Educação Sexual: Interface com as Tecnologias, que há mais de onze anos convida os todos ouvintes interessados ao diálogo sobre Educação e Sexualidade. O programa conta com a entrevista e participação dos mais diversos profissionais de múltiplas perspectivas teóricas e de várias organizações que também dão dicas de filmes, leituras e eventos ligados ao tema Educação Sexual. O programa de duração de 30 minutos vai *on air* todas às sextas-feiras ao vivo às 10h30, com reprise todas as quartas-feiras às 23h30 e possui mais de 350 programas disponibilizados na página do Facebook “Programa Educação Sexual em Debate - UDESC/Florianópolis” (@programaedusex);

d) também nos projetos de pesquisa, os quais pude participar mais efetivamente de dois, um deles denominado “Desenvolvimento de uma proposta de protótipo de programa de TV Educação sexual em debate como subsídio em processos de formação continuada de educadores” iniciado em 2009 e finalizado em julho/2013. Neste ingressei com a pesquisa já iniciada, mas como membro do grupo em seus estudos desde 2013 participei também do processo de construção do projeto. Participei também como Bolsista de Iniciação Científica, desta vez desde o início no projeto de pesquisa intitulado “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsidio em processos de

formação de profissionais da educação”, que teve seu início em agosto/2013 e findou em julho/2018, sendo que meu comprometimento com a pesquisa foi pleno, tanto que mesmo não sendo mais bolsista por ter me graduado e já ter adentrado ao mestrado em julho de 2017, auxiliei a nova bolsista a finalizar as etapas restantes de cada vídeoaula, de cada transcrição e áudio descrição além de trabalhar na efetivação e inserção de produção de LIBRAS em cada vídeoaula. Também auxiliei a elaborar o artigo, resumos, apresentações, dentre todas as outras funções relacionadas à finalização desta pesquisa, que resultou numa série de 04 vídeoaulas, denominada EDUSEXCOMUNICA;

e) em Eventos de Educação e de Educação Sexual, em Oficinas elaboradas e desenvolvidas pelos membros do Grupo, dentre outros, inclusive junto às disciplinas afetas ao Grupo EDUSEX tanto na graduação como na pós-graduação em Mestrado e Doutorado.

Ainda em 2016, realizei as últimas disciplinas de estágios supervisionados obrigatórios, em que vivenciei falas e situações tanto de falta de conhecimento da própria legislação quanto de perpetuações de concepções equivocadas de uma educação cidadã, vejamos o que cito no meu trabalho de conclusão de curso sobre um conflito entre duas crianças de quatro anos de idade:

Muitos relatos e conversas me foram marcantes no estágio, principalmente em duas situações: a primeira quando dois meninos estavam discutindo e um deles começou a chorar. Intervi para saber o que se passava e descobri o motivo da discussão ser o não desejo de seu colega brincar com ele, pois seu colega havia dito que não brinca com quem não tem mãe, já que outro menino é filho de dois pais e por isso eles não poderiam brincar juntos. Aproveitei para conversar com eles que cada família tem sua forma de ser e agir, mas que isto não deveria ser sinônimo de briga, mas sim um motivo de conhecer as diferenças e respeitá-las. Isto resolveu a questão e o momento de discussão, mas fiquei intrigada: como uma criança de quatro anos possui tal concepção preconceituosa? (MATTOS, 2017, p.21)

A segunda situação que me intrigou foi a fala dos professores sobre inúmeras situações observadas, alguns disseram não terem percebido manifestações, porém muitos disseram terem percebido as situações, mas tinham receio de se manifestar por causa do contexto histórico atual em nosso país, como cito em seguida sobre a observação e atuação no último estágio supervisionado obrigatório, já no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, mais especificamente no terceiro ano, com crianças de oito anos de idade, em que

[...] notei o reforço dos estereótipos e a sexualização das crianças ainda como fatos marcantes no cotidiano escolar. Como exemplo, vi vários meninos fingirem o ato de autoerotismo, bem como várias meninas utilizando-se de frases sexuais inadequadas para suas idades, sem noção alguma do que reproduziam. Percebi também, muitos professores e professoras apenas “ignorando” os fatos para “não se incomodarem com a família” (citado por um professor, 2016), entrando novamente no currículo oculto, como também vi outros desses profissionais coibindo os acontecidos sem explicar ou desmistificar a situação, perpetuando a desinformação e os tabus. Questionados sobre os motivos de não discutirem a questão quando surgiu o tema, a resposta geralmente pautava-se na perspectiva de ou “não surgiu o tema” ou que “não possuíam base em suas formações para lidar com aquelas situações”, ou mesmo a preocupação de “não terem apoio posterior da escola” se assim o fizessem, demonstrando insegurança quanto a uma atuação numa perspectiva emancipatória por não terem para isso amparo legal. (ibidem, p.23)

Para tanto, desenvolvi em 2017 meu trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado: “Quem educa o educador?: do vivido em cotidianos escolares a uma análise do prescrito em documentos legais como indicadores de direito dos educadores às vivências de processos de educação sexual emancipatória”, elaborado a partir das experiências vividas nos estágios obrigatórios supervisionados, principalmente na observação das relações vivenciadas pelas/os professoras/es com as crianças, sobre a temática Educação Sexual. Isto me levou a buscar a importância e necessidade das/os professoras/es terem suporte legal para propostas de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória, devido ao contexto sócio-político brasileiro da época, o qual sentiam-se ameaçados devido ao ultraconservadorismo vivenciado nos últimos tempos e que perdura até hoje e, inclusive, está tomando força, principalmente, com o Projeto de Lei 246/2019 que afronta os direitos básicos da educação laica, bem como os direitos básicos de cidadania que dá luz à pesquisas científicas essenciais que promovam a democratização do acesso à informação e ao conhecimento científico produzido pelas universidades públicas e que, além disso, está recebendo apoio de governantes estagnados, inscientes e conservadores.

Constatei, na época, que a insegurança evidenciada nas/nos professoras/es a respeito da forma como poderiam lidar intencionalmente e de modo emancipatório com as questões da Educação Sexual e Sexualidade estaria e está diretamente ligada à sua formação na graduação e, também, está intensificada pelas condições político-histórico-sócio-cultural do nosso país, neste momento em que as questões da Sexualidade e dos processos de Educação

Sexual estão no auge dos debates, mas evidentemente no sentido de grandes retrocessos diante desses temas. E era necessário buscar subsídios para compreender se essa formação e/ou a falta de apoio legal influenciava suas ações e propostas pedagógicas sobre o tema. Muitos deles já conscientes da sexualidade como inerente à condição humana tinham dúvidas se haveria na lei sobre Educação no Brasil que proporcionasse o suporte para que pudessem realizar estas propostas.

Por isso, ao finalizar as reflexões em meu trabalho de conclusão de curso o qual cotejei a Base Nacional Curricular Comum – BNCC com a Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSH e com a Proposta Curricular do Curso de Pedagogia da FAED/UDESC, constatei que há sim aporte legal e subsídio na formação de pedagogas/os da referida universidade para os professores e professoras que apreciam desenvolver a proposta intencional sobre a temática numa abordagem emancipatória.

Mas também percebi que apesar de existirem aportes legais, o acesso às produções acadêmicas que estudam estas temáticas de modo crítico e potencialmente emancipatório, não estavam alcançando o público-alvo principal. Algo constatado pelo Grupo EDUSEX em suas pesquisas anteriores e que retratam no referido projeto de pesquisa (2013), quando trazem que

Tem-se hoje a certeza que esse processo de sensibilização poderá ser potencializado cada vez mais com o uso intencional e crítico das várias ferramentas midiáticas surgidas do avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação-TIC, o que permitirá atingir mais amplamente educadores e educadoras em nosso estado, país e em outros países, convidando-os para essa reflexão tão necessária. Reflexão esta que já tem sido feita nas IES principalmente pelos seus grupos de pesquisas, com a produção de conhecimento científico referendado pelo espaço onde atuam, conhecimento este que, na temática da educação sexual, é já bastante significativo em termos numéricos, e que já deveria ter sido socializado junto à ampla maioria dos professores e professoras em formação. Mas não é o que acontece: mesmo com a ampliação das ferramentas midiáticas, inclusive de uso gratuito, que permitiriam a rápida socialização dos resultados de várias maneiras, é muito limitado ainda o uso de recursos midiáticos que podem facilitar a socialização quase que imediata do que foi produzido, especialmente junto aos professores e professoras em formação regular e continuada. E essa divulgação imediata é crucial para que o que foi produzido atinja em plenitude sua função social e não se torne mais um trabalho encadernado em bibliotecas, com pouca consulta pelos usuários, perdendo seu objetivo maior. (p.05)

Por isso, o trabalho permanente do Grupo em democratizar o acesso às produções acadêmicas, estas numa perspectiva emancipatória, auxiliou-me na

percepção da necessidade de continuar meu percurso acadêmico a fim de possibilitar à comunidade, principalmente a escolar, novos caminhos, o acesso à conhecimentos e materiais produzidos coletivamente.

E diante de todas essas concepções e vivências me percebi no encerramento de um ciclo, o qual perdurou por muitas idas e vindas, altos e baixos e, principalmente, equívocos e ressignificados, mas que na verdade abriram possibilidades para novos caminhos.

Caminhos estes que me possibilitariam a compreensão aprofundada sobre as concepções da sexualidade como parte da dimensão humana e suas influências na formação de educadoras e educadores.

Caminhos que tenho percorrido junto ao Grupo EDUSEX e têm me mostrado a riqueza e a importância da produção coletiva de conhecimentos, bem como de Grupos de Pesquisa desta natureza na formação das/os educadoras e educadores.

Caminhos estes que vem sendo percorridos há mais de três décadas por um Grupo de Pesquisa o qual se construiu no coletivo e democraticamente com intuito de sensibilizar essencialmente Pedagogas e Pedagogos e a todas/os que se interessarem pelo tema, sobre as possibilidades da construção de uma Educação Sexual Emancipatória Intencional e, assim, auxiliar uma possível transformação dos indivíduos e das sociedades em que estamos inseridos, já que o papel social dos profissionais da educação se pauta na contínua transformação e emancipação de cidadãos em sua dimensão humana plena, portanto sempre sexuada.

Caminhos que me auxiliaram a concluir a graduação em 2017 com a preocupação constante de democratizar o acesso às produções dos Grupos de Pesquisa para a comunidade escolar, bem como sempre com o olhar sensível para as questões da sexualidade e da Educação Sexual, o que fez-me transformar ainda mais as minhas perspectivas político-pedagógicas antes pautadas apenas no senso comum das mais diversas áreas de conhecimento. Inclusive aprofundando, nessa perspectiva emancipatória, aquelas ligadas à cidadania, educação e ao processo histórico-sócio-cultural que envolve a produção de conhecimento em todas as áreas, principalmente referente aos meus conceitos fundamentais que regem a Educação e o papel social dos educadores, aí incluído a Educação Sexual.

Caminhos que me levaram, então, para a busca de reflexões sobre como a abordagem emancipatória do Grupo EDUSEX está expressa nos produtos da pesquisa que acompanhei e desenvolvi integralmente de 2013 a 2018, tendo como intuito analisar se o conteúdo transcrito das 04 vídeoaulas expressam a DDSDH como abordagem de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória.

Os movimentos dialéticos vivenciados coletivamente pelo Grupo são essenciais na solidificação do campo teórico Educação Sexual Emancipatória Intencional como categoria de estudo, hoje em várias instituições de ensino brasileiras e internacionais. E mesmo em outros países esses materiais produzidos pelo Grupo têm servido como importante meio de sensibilização sobre a temática, tendo em vista que na abordagem emancipatória vivida e proposta pelo Grupo parte do eixo de que a Educação Sexual é um processo inseparável do existir humano, pois “a sexualidade é uma dimensão indissociável do fato de sermos humanos” logo “todos e todas são seres sexuados e essa sexualidade se manifesta de diversas formas” (MELO *et al* 2002, p.18). Aliás, como Freire (1993) nos diz

A sexualidade enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo (p.12)

A fim de elucidar previamente a concepção de “Educação Sexual Emancipatória”, encontro em Nunes (1996), que a Educação Sexual consiste em vertentes repressoras e o autor propõe a vertente Emancipatória, que é aquela que “nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza única da sexualidade humana” (p.227). O autor também diz que a concepção emancipatória, na prática, ainda coexiste como utópica, como uma *práxis* a ser conquistada, justamente por não vivermos num modelo de sociedade que seja sua base, na qual possa abranger a sexualidade humana como condição do existir dos seres humanos, estes como ser político, social, cultural e sexuado.

O conceito emancipatório também consiste na busca de “superar um conceito de alienação” (p.221) e pode “possibilitar a cada um de nossos interlocutores, quer na escola ou na sociedade, a possibilidade de perceber a sexualidade em sua globalidade e totalidade e não como uma parte misteriosa ou

alienada de seu corpo” (p. 17). Essa emancipação pode auxiliar os sujeitos a se compreenderem de modo pleno, científico e cultural, tendo a sexualidade como parte inerente da condição humana.

Desta forma, compreendi que a dimensão da sexualidade é parte inseparável do existir humano e que Educação Sexual sempre existe nas relações humanas. Junto à essas vivências plenas como membro do grupo compreendi melhor o que vivenciei no seio familiar e em minhas outras experiências. Além disso, pude perceber que a produção coletiva do grupo na temática educação sexual numa abordagem emancipatória permitiu o desenvolvimento de materiais produzidos com interfaces midiáticas com intuito de

Contribuir com a democratização dos resultados de produções contemporâneas de grupos de pesquisa sobre educação sexual emancipatórias, pelo desenvolvimento e produção de uma série de vídeoaulas denominada EDUSEXCOMUNICA, facilitando o acesso desse material em processos regulares e continuados de formação de profissionais de educação no Brasil e em Portugal. (PROJETO DE PESQUISA, p.02)

Compreendi, também, que a intencionalidade inserida na concepção da emancipação do sujeito na Educação Sexual proposta pelo Grupo EDUSEX está pautada na perspectiva de finalidade da “emancipação”, ou seja, a intencionalidade se baseia numa ideologia que se pode denominar de emancipatória, mas com a intenção expressa em práticas concretas de assim atingir esse objetivo, construído em processos intencionais e coletivos com os envolvidos. Desta forma, uma Educação Sexual Emancipatória Intencional se pauta na perspectiva de desenvolvimento concreto de propostas que colaborem com as possibilidades de vivenciarmos uma cidadania exercida plena, crítica e integralmente.

Ciente dessas questões, baseada em Freire (1996); Nunes (1997); Melo (2004); Melo *et al* (2011); Pacheco (2014); Freitas (2016); Yared (2016), Warken (2018), dentre outros, vejo sim que somos inseparáveis da nossa dimensão sexualidade e que nos educamos e somos educados por meio das nossas relações sociais, pois “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 78).

Logo, a partir do entendimento de que somos sempre seres sexuais, educamos e somos educados sexualmente por meio das relações e a educação, sempre sexualizada, ocorre a todo o momento saibamos ou não, queiramos ou não

(Melo *et al*, 2011). Portanto, somos todos educadores sexuais uns dos outros. Porém nem sempre numa perspectiva emancipatória, visto que há concepções nitidamente repressoras ainda expressas nas relações sociais, principalmente no modo de produção em que vivemos, como percebe-se em Melo *et al* (2011)

Ao longo da nossa existência, em todas as nossas relações sociais, fomos construindo e sendo construídos, elaborando histórica e culturalmente discursos, regras, modelos, posturas, exigências, cerimoniais, permissões e interdições, códigos em torno do sexo, tornando a sexualidade muitas vezes permeada de tabus, mitos e preconceitos que se perpetuam até nossos dias e que dizem respeito a determinados interesses das diferentes épocas, muitas vezes considerando as relações sexuais como sendo também relações sociais. (p. 24)

Por isso, compreendo hoje que a dimensão da sexualidade é “parte indissociável de todos nós, em qualquer época de nossa vida, em qualquer ambiente, inclusive no escolar.” (MELO *et al*, 2011, p. 24). Assim, sigo mais segura de minhas decisões e ações na busca de mais suportes teórico-metodológicos que me possam apoiar nessa caminhada, hoje no mestrado. Considero também, assim como o Grupo o faz, essa “verdade provisória” como fundamental, ou seja, a concepção de sermos sempre educadoras e educadores sexuais uns dos outros, *queiramos ou não, saibamos ou não*, é uma verdade vivenciada no Grupo EDUSEX por mais de três décadas. Ressalto que o EDUSEX apresenta uma trajetória coerente, centrada em auxiliar em processos de formação de professores e educadores em suas interfaces, norteadas pela perspectiva de uma Educação Sexual guiada pelo paradigma emancipatório de sexualidade.

Lembrando que paradigmas, de acordo com Azibei (2001) são

Estruturas de pensamento que, de modo quase que inconsciente, comandam nosso modo de ser, de olhar, de viver, de fazer, de falar sobre as coisas e sobre nós mesmos. São os nossos sistemas mentais, que filtram toda a informação que recebemos: ignoramos, censuramos, rejeitamos, desintegramos o que não queremos saber. Não os entendemos como modelos, rígidos e acabados, mas como horizontes, que se ampliam e se modificam a cada passo dado, ou teias de significados, sempre se re-tecendo e rearticulando (p.02).

Logo, o Grupo EDUSEX se fundamenta e utiliza-se do método dialético para análise da realidade, expressão de um paradigma filosófico o Materialismo Histórico-Dialético, aqui entendido como essência da “observação e compreensão

do mundo, para análise e explicação da realidade, bem como das relações humanas, estas sempre sexuadas, como produtos e produtoras nas transformações sociais” (YARED, 2016, p.188).

Ou seja, o materialismo histórico-dialético aqui é compreendido como uma vertente do pensamento marxista que “entende o ser humano – assim como o conhecimento científico e o mundo onde estamos inseridos – como seres inconclusos, em movimento, com possibilidades de mudança, portanto, em constante processo de transformação” (YARED, 2016, p.32). Logo, o EDUSEX e nele esta pesquisadora, acredita que os movimentos dialéticos ressignificam as “verdades” presentes nas concepções.

Nesse sentido desenvolve e emprega em suas pesquisas, ações de extensão e ensino diversas estratégias pedagógicas, inclusive frente a ditas novas Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC’s e suas interfaces com as mídias de hoje. A pesquisa-ação é muito utilizada pelo Grupo EDUSEX por ser muito aderente a esse paradigma. A pesquisa-ação com o apoio de várias técnicas de pesquisa, auxilia o Grupo na produção de vários materiais pedagógicos com o apoio de ferramentas tecnológicas, inclusive as chamadas “ferramentas midiáticas”, para desenvolvimento desses materiais. Conforme ressaltado em muitos projetos e nas pesquisas, no ensino e na extensão vividos no Grupo, a Educação Sexual Emancipatória Intencional é compreendida como estimuladora da formação de uma capacidade crítica e reflexiva sobre as pessoas na sensibilização sobre ser a sexualidade parte integral da dimensão humana. E essa verdade provisória é eixo constante da criação, planejamento e produção desses materiais.

Portanto, a construção e utilização crítica e intencional de diversos materiais com apoio de ferramentas midiáticas refletem o modo de agir constante e caminhos do Grupo EDUSEX pautado no comprometimento constante com um processo de sensibilização das pessoas sobre a possibilidade de romper paradigmas repressores e buscar viver processos via projetos intencionais que colaborem com a emancipação humana via uma Educação Sexual Emancipatória Intencional. E ainda mais neste momento crítico sócio-político ultraconservador se faz fundamental reafirmar a construção plena e emancipatória do Ser como cidadão.

E dentre estes caminhos, no decorrer dos movimentos dialéticos do Grupo EDUSEX, foi possível perceber que não há uma sistematização dos materiais pedagógicos, percursos, entrelaços e metodologias desenvolvidas *pelo e com o* Grupo EDUSEX ao longo de seus trinta anos, algo que se faz fundamental para o processo de movimento dialético do Grupo EDUSEX.

Desta forma, devido ao momento histórico atual, este trabalho busca cotejar à luz da DDSH o conteúdo transcrito das 04 vídeoaulas desenvolvidas no decorrer da pesquisa citada acima a “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsidio em processos de formação de profissionais da educação” de 2013 – 2018.

Percebi, então, que se fez necessário o recorte específico do tema dentro da linha do Mestrado Educação, Comunicação e Tecnologia – ECT, das contribuições do EDUSEX em seus produtos e produções, bem como para a consolidação do campo teórico Educação Sexual Emancipatório Intencional via análise de conteúdo dos materiais pedagógicos desenvolvidos por meio de ferramentas midiáticas dentro de 2013 a 2018, sendo o lócus as transcrições das 04 Vídeoaulas.

Percebo que este movimento possibilitará ao EDUSEX solidificar o processo dos percursos vividos de acordo com a necessidade do contexto atual. Um movimento de cotejar as transcrições literais das 04 vídeoaulas com a DDSH se faz essencial na concepção paradigmática do grupo de verdades provisórias. Este movimento dialético de reflexão-crítica sobre o que é e foi feito no decorrer da elaboração das 04 vídeoaulas e seus subprodutos inclui a possível percepção de propostas de produções de materiais com perspectivas emancipatórias intencionais. Dito isto, percebemos em eventos ao qual o EDUSEX organiza e participa, este movimento em muitos grupos de pesquisas com os quais mantemos contato. Percebemos, também, que isto facilita a troca de experiências e os novos processos de movimentos dialéticos, por isso esta pesquisa inicia este processo e abre caminhos para que seja possível realizar este movimento com todas as mais de três décadas de estudos, produções e produtos elaborados pelo Grupo EDUSEX.

Desta forma, a entrada no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE no curso de Mestrado em Educação, ainda na UDESC no segundo semestre de 2017, foi meta essencial atingida logo ao término da graduação, com

intuito de aprofundar meus estudos em um curso *stricto sensu*, a partir das inquietações vividas por mim em toda minha formação como ser humano, mas principalmente para analisar o conteúdo dos produtos obtidos durante minha participação como bolsista. Pois, busco hoje compreender se a **Produção Coletiva de Conhecimento** desenvolvida pelo **Grupo de Pesquisa EDUSEX** está calcada numa abordagem de **Educação Sexual Emancipatória Intencional** expressa por meio da **Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos** via análise de conteúdo dos **Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas**, que se apresenta no recorte *in lócus* das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA da referida pesquisa de 2013 a 2018.

Esta pesquisa auxiliará na construção de novos movimentos dialéticos no EDUSEX, bem como na percepção aprofundada do que já foi produzido e democraticamente disponibilizado. Por isso, analisar o conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas produtos da pesquisa de 2013 a 2018 à luz da DDSDH corrobora com os movimentos dialéticos do Grupo EDUSEX. E, portanto, o projeto brota desta necessidade.

Por fim, compreendo neste memorial minhas vivências e contextos os quais me levaram onde estou com a consciência de que os movimentos dialéticos vividos são contínuos. Por isso, percebo em meus relatos esta ânsia por desvelar as inquietações trazidas, principalmente por querer cada vez mais compreender a sexualidade como inerente ao existir humano, desvelando também de que não há necessidade de validações sociais que perpetuem conceitos repressores e desrespeitosos perante a dignidade humana, sendo que esta é garantida em lei (MATTOS, 2017) e também expressa na Declaração de Direitos Sexuais como Direitos Humanos (WAS, 2014).

Direitos estes que servirão de embasamento para a análise de conteúdo desta pesquisa e que expressam pedagogicamente a luz de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória. Direitos que foram apresentados e promulgados pela World Association for Sexual Health - WAS num congresso em Valência na Espanha em 1997, revisado no congresso em Hong Kong em 1999 e hoje se encontra na versão atualizada de 2014 e esta servirá de embasamento desta pesquisa. A WAS (2014), que é criadora da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos, é “um grupo mundial multidisciplinar de sociedades científicas, ONGs e profissionais do campo da sexualidade humana que promove

a saúde sexual por toda a vida e em todo o mundo” (p.01) que desenvolve e apoia à temática de Sexo e Sexualidade por meio de Direitos Sexuais para todos e busca realizar os objetivos propostos em sua missão, visão e valores “através de ações de defesa e integração, facilitando a troca de informações, ideias, experiências e avanços científicos baseados na pesquisa da sexualidade, educação e sexologia clínica, com uma abordagem multidisciplinar” (p.02). Acredito que a proposta do EDUSEX de ser possível vivenciar processos calcados numa Educação Sexual Emancipatória Intencional pode sensibilizar as pessoas sobre as possibilidades de vivenciarmos em organizações educativas formais e não formais projetos pautados na Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH (WAS, 2014), que é um documento oficial dessa organização mundialmente reconhecida, mas não é uma norma legal. O Grupo EDUSEX hoje se inspira, também nesta declaração como um documento pedagógico que expressa a abordagem em que desenvolve as suas atuações no ensino, pesquisa e extensão, a partir da UDESC. Nessa direção o Grupo acredita inclusive que os materiais de vários tipos por eles criados e disponibilizados gratuitamente aos educadores e educadoras facilitam este processo democrático de acesso às informações consistentes e científicas.

Assim sendo, as questões que norteiam este estudo se fundamentam a partir da produção coletiva de conhecimento por esse grupo de pesquisa numa Universidade pública, que caminha a fim de ampliar e promover uma Educação Sexual Emancipatória Intencional para auxiliar a vivência de propostas em que os sujeitos possam exercer plenamente suas cidadanias. Por isso, analisar os produtos de suas produções à luz da DDSDH é validar a probidade e seriedade de nossas pesquisas, bem como perceber os percursos de um grupo que se mobiliza e mobilizou desde o princípio com estas questões a fim de democratizar o acesso à essas produções.

Defino, portanto, a estrutura do projeto nos quadros um e dois “síntese do projeto” para elucidar o caminho desta pesquisa e sua estrutura.

ESTRUTURANDO O CAMINHAR

Quadro 1– Síntese do Projeto (Continua)

Título	EDUSEXCOMUNICA À LUZ DAS DDSH: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM INTERFACES MÍDIÁTICAS PRODUZIDOS DE 2013 A 2018
Tema	Subsídios pedagógicos que corroborem com os movimentos dialéticos e propostas intencionais de Educação Sexual Emancipatória desenvolvida no Grupo EDUSEX
Problema	O surgimento do NES e sua consolidação como Grupo EDUSEX, possibilitou a produção coletiva de conhecimentos, isto é, permitiu que diversos materiais fossem intencionalmente desenvolvidos numa abordagem Emancipatória de Educação Sexual, porém, como a abordagem de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória é expressa em materiais pedagógicos com interfaces midiáticas na produção do Grupo EDUSEX à luz da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos?
Questões Norteadoras	<p>1) A formação de um Grupo de Pesquisa proporcionou a produção teórico-prática coletiva de conhecimentos emancipatórios?</p> <p>2) Como surgiu a proposta da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA como materiais pedagógicos com interfaces midiáticas?</p> <p>3) O conteúdo das vídeoaulas produzidas contém uma abordagem de Educação Sexual Intencional Emancipatória?</p>

Fonte: produção da própria autora, 2019.

Quadro 2 – Síntese do Projeto (Conclusão)

Objetivo Geral	Contribuir com a solidificação do campo teórico da Educação Sexual Emancipatória
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> – Aprofundar teoricamente as categorias que embasam a pesquisa – Analisar o conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA à luz das DDSDH
Paradigma, Método e Metodologias.	Paradigma: materialismo histórico-dialético, Método: dialético, Metodologia: análise de conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA produzidas pelo Grupo EDUSEX
Palavras-chave	Educação Sexual Emancipatória Intencional; Produção Coletiva de Conhecimentos; Grupo EDUSEX; Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH; Produção de Materiais com Interfaces Midiáticas; Série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA.

Fonte: produção da própria autora, 2019.

2. JUSTIFICATIVA À LUZ DA BUSCA SISTEMÁTICA

Seguindo esta temática, conforme já discorrido, apresento a proposta de analisar o conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas produzidas pelo Grupo EDUSEX à luz da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos via pesquisa documental, que nesta pesquisa se apresenta como um recorte referente aos anos de 2009 a 2018. Esta pesquisa auxiliará na construção de novos movimentos dialéticos no Grupo EDUSEX, bem como, na percepção aprofundada do que já foi produzido e democraticamente disponibilizado.

Para tanto, afirmo que o Grupo em sua caminhada procurou refletir o compromisso ético-político de democratizar o acesso aos materiais e projetos desenvolvidos no âmbito acadêmico, bem como sensibilizar educadores e educadoras sobre as possibilidades de construção de projetos intencionais de educação sexual emancipatória. E por isto, este projeto tem como intuito de analisar os materiais à luz da DDSH. Materiais estes que foram democraticamente disponibilizados e socializados por meio de vários meios midiáticos.

Ressalto que o Grupo está numa vivência plena há mais de trinta anos com propostas intencionais de emancipação do sujeito, pois, como nos diz MELO (2012)

A categoria educação sexual emancipatória que norteia os objetivos do grupo é compreendida como estimuladora da formação de uma capacidade crítica e reflexiva do ser humano, sempre sexuado, sobre si e sobre o outro, no mundo. Ela busca auxiliar na conscientização sobre a existência plena, sexuada, sobre sermos seres num mundo que é produto da história e da cultura, produzidas pelas pessoas nas relações sociais que estabelecem entre si e no embate com a natureza, expressando-se nas relações de produção da vida material e simbólica, na qual estão também presentes lutas de poder e dominação. (p.1)

O Grupo pauta também em Melo *et al* (2011) o que entende por sexualidade

[...] a sexualidade é uma dimensão inseparável do existir humano. Portanto, os seres humanos, sempre sexuados, estão em permanente processo de educação com os outros seres no mundo, processo este também sempre de educação sexual

Melo *et al* (2011) ainda ressalta que “Somos, portanto, queiramos ou não, saibamos ou não, educadores sexuais uns dos outros” (p.48), ou seja, a educação sempre sexuada ocorre a todo o momento, consciente e/ou emancipatória ou não, por isso compreendo que, como Paulo Freire (1993) diz:

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. (p.12)

Considerando as perspectivas acima se percebe a dimensão da compreensão de ser a sexualidade como parte inerente do existir humano. Logo, o desenvolvimento de um cidadão crítico só se faz possível ao compreender este sujeito por inteiro, numa visão micro e macrosocial com todas as suas dimensões. O Grupo EDUSEX surgiu e continua ativo numa Universidade pública e estadual há mais de trinta anos, a qual forma dezenas de educadoras e educadores a cada semestre letivo e realiza propostas nos três grandes pilares de estudos desta Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Reafirmo que a categoria educação sexual emancipatória intencional, norteadora dos objetivos do grupo, é compreendida como estimuladora da formação de uma capacidade crítica e reflexiva do ser humano, sempre sexuado, sobre si e sobre o outro, no mundo, buscando auxiliar na conscientização sobre a existência plena, sexuada, sobre sermos seres num mundo produto da história e da cultura como frutos das pessoas nas relações sociais que estabelecem entre si e no embate com a natureza, expressando-se nas relações de produção da vida material e simbólica, na qual estão também presentes lutas de poder e dominação. Lutas essas perpassadas atualmente pelo uso das mídias, com suas várias ferramentas midiáticas usadas pelos seres humanos para repassar suas mensagens, reforçando ou reprimindo valores que cada segmento social pretende seja o hegemônico, inclusive nas questões ligadas ao tema educação sexual. Como nos diz Melo *et al* (2011)

Todo esse processo educativo, seja formal ou informal, é sempre sexuado, já que a sexualidade é uma dimensão inseparável do existir humano. Portanto, a educação sexual, com todos seus componentes explícitos e implícitos, formais e não formais, não escapa a essa dimensão sociopolítica e cultural. (p.39)

Durante seu percurso de mais de trinta anos em suas reflexões permanentes perante as possibilidades de construção intencional de uma abordagem de educação sexual emancipatória intencional nos espaços educativos formais e não formais, o Grupo EDUSEX percebeu a necessidade de desenvolver além de atividades integradas em ensino seja na graduação em Pedagogia (presencial na FAED ou à distância pelo CEAD) seja na pós-graduação (no PPGE na FAED), em extensão nas mais diversas ações desde cursos presenciais e web cursos ministrados nos diferentes âmbitos, tais como capacitação de profissionais das redes de ensino das prefeituras da região até a atuação na Rádio UDESC com o Programa Educação Sexual em Debate que está ativo há mais de onze anos e conta com mais de 350 programas gravados ao vivo semanalmente e que se tornam materiais pedagógicos importantes na socialização das temáticas lá registradas.

Nas mais diversas pesquisas o Grupo faz interface entre a vertente Emancipatória e com as ditas “novas tecnologias”, mais especificadamente as duas mais recentes: a de 2009 a 2013 denominada “Desenvolvimento de uma proposta de protótipo de programa de TV Educação Sexual em Debate como subsídio em processos de formação continuada de educadores” e a que se findou em julho de 2018 no projeto: “Desenvolvimento e Produção de Vídeoaulas de Educação Sexual Emancipatória como subsídio em Processos de Formação de Profissionais da Educação”, por entender que:

A possibilidade de divulgar, socializar, ampliar o debate sobre a temática EDUSEX numa perspectiva emancipatória, fica em muito ampliada pelo uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação formal e na formação continuada de educadores. Democratizar esses acessos via o uso de várias ferramentas midiáticas, no objeto atual de nosso projeto a produção intencional de vídeoaulas, fortalecendo o aprender a aprender também na área da Educação Sexual, é meta hoje do Grupo EDUSEX/UDESC, ao qual pertencemos, (Projeto, 2014, p.12).

Aliás, no primeiro projeto de pesquisa citado, o que se iniciou em 2009 e se encerrou em julho/2013, foi o momento de *insight* para o Grupo sobre a imensa capacidade das ferramentas midiáticas no processo de democratização do acesso à todas/os educadoras/es e pessoas interessadas na temática, visto que na perspectiva do Grupo entendeu-se haver urgência em desenvolver pesquisas sobre a produção de metodologias, materiais e meios que busquem subsidiar a

ampliação da discussão/comunicação dessa vertente com o uso de ferramentas midiáticas, as mais variadas cabíveis, em tempo de cibercultura. Uma vez que, como também foi constatado por nosso grupo durante a realização de projetos anteriormente finalizados, frente ao avanço constante do desenvolvimento das TIC's, há que se fazer urgentemente o desvelamento e o enfrentamento da questão das interfaces pedagógicas entre a educação, comunicação e tecnologia e para isso este projeto se propõe a realizar essa interface ao descrever os materiais desenvolvidos no percurso do Grupo.

Saliento que trabalhar nessas interfaces com a temática da educação sexual emancipatória é fundamental, uma vez que, com a democratização dessas TIC's, as informações científicas se disseminam muito rapidamente, mas geralmente o que é divulgado junto ao grande público, em sua grande maioria, ainda é na maioria das vezes perspectivas emanado do senso comum, com pouca conotação do conhecimento científico produzido, ajudando a reforçar, com essa abordagem, muitas vezes, estereótipos e desinformações intrínsecas na sociedade atual no que se refere à temática da educação sexual e seus desdobramentos, principalmente, como diz Nunes (1996), quando podemos perceber o quão múltipla é esta temática, visto que:

Não é uma tarefa fácil a abordagem da sexualidade. Pois a riqueza dessa dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre a mesma acabaram engendrando certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade. Frequentemente a sexualidade se encontra envolta em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu caráter social explosivo. (p.13)

Ficou evidente para o Grupo EDUSEX que muitas pesquisas contemporâneas têm sido feitas nessa abordagem de uma educação sexual emancipatória e que as mesmas são socializadas em muitos eventos específicos no país e até no exterior, mas esse conhecimento pouco é divulgado junto aos espaços educativos formais e não formais. Por isso, o Grupo se propôs a fazer esse movimento dialético de socialização em suas pesquisas, mais especificamente com a denominada “Desenvolvimento e Produção de Vídeoaulas de Educação Sexual Emancipatória como subsídio em Processos de Formação de Profissionais da Educação”. Esse teve a proposta de disseminar ainda mais o

acesso e ampliar o público alvo, contribuindo com a democratização do acesso desse conhecimento coletivo produzido em pesquisas específicas às pessoas que não estão ligadas diretamente à academia nem a eventos científicos, como geralmente ocorre, pois as vídeoaulas propostas pelo Grupo, após todas as edições finais juntamente com a acessibilidade, estão disponíveis online nas redes sociais do grupo de modo público, com uma linguagem acessível sem perder o caráter científico.

Por esta razão o estímulo ao uso crítico das mídias permeia hoje muito fortemente os projetos do Grupo EDUSEX, sendo esta a razão, portanto na ênfase nas suas pesquisas mais recentes realizadas na perspectiva de desenvolvimento e produção de materiais pedagógicos na temática da educação sexual emancipatória intencional. Como citamos em pesquisas anteriores

[...] Esse material já atingiu mais de 20.000 alunos em formação na Pedagogia/UDESC, presencial e a distância. Também, foram e continuam sendo produzidos e foco de pesquisas o programa de rádio semanal na Rádio UDESC Florianópolis, realizados ao vivo e, também, gravados em CDs, pendrives, disponíveis em links nas redes sociais, etc. para uso de todos e qualquer um que dele necessite, pessoalmente ou profissionalmente em ambientes educativos ou não, hoje com mais de 350 programas transformados em material pedagógico. Foram e continuam sendo desenvolvidos vários cursos de extensão em Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA, no caso o MOODLE, para apoiar a formação continuada de educadores, bem como foram utilizados em cursos regulares em disciplinas de graduação e pós-graduação neste mesmo AVA, além de ter sido produzido, em outra pesquisa anterior, o protótipo de programa de TV denominado “Educação Sexual em debate”, inclusive utilizado como material de apoio inserido na disciplina de Educação Sexual no Curso de Pedagogia à distância, desta vez em turmas com apoio da UAB, tendo atingido na época em torno de 1.000 alunos em toda Santa Catarina, bem como no curso presencial de Pedagogia/UDESC na disciplina de Educação, Gênero e Sexualidade, usado como material de apoio essenciais de discussão e reflexão na constituição dos novos educadores, possibilitando, portanto, seu uso em diversas situações educativas. (MELO, MATTOS, 2018, p.6)

Registramos também concomitantemente outros materiais produzidos, por exemplo, em pesquisas correlatas terminadas pelo Grupo e/ou em andamento e que contribuem para a socialização do campo da Educação Sexual Emancipatória Intencional

análise do uso de jogos online gratuitos por crianças, a busca da compreensão de professoras sobre como os filmes da boneca Barbie influenciam a educação sexual de nossas meninas, para que se tornem eternas princesas, os fundamentos legais encontrados na Base Nacional

Comum Curricular – BNCC para desenvolver propostas de educação sexual emancipatória, contando também com pesquisas de análise sobre os programas produzidos pelo grupo na rádio, dentre outros trabalhos de pesquisas além da produção de livros, artigos, idas a eventos para estabelecer parcerias e conhecer novas experiências, dentre outras, a ampliação do debate sobre as interfaces entre educação, sempre educação sexual, comunicação e tecnologias. (MELO, MATTOS, 2018, p.7)

O resultado dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo EDUSEX, especialmente nesse recorte da produção de material pedagógico com interfaces de ferramentas midiáticas, tem sido o da construção de um acervo didático-metodológico expressivo, mas, infelizmente, ainda insuficiente para atender em plenitude os processos formais e não formais de formação de profissionais da educação, mais especificamente aos cursos de formação regular e continuada de professores e professoras nas modalidades presencial e a distância, bem como dos demais agentes educativos, em geral, no que se refere à temática estudada. Além disso, Melo e Mattos ressaltam que

Toda essa caminhada fez o EDUSEX se debruçar nesta pesquisa para contribuir com caminhos mais céleres de divulgação, junto aos profissionais da educação, da produção de pesquisadores e pesquisadoras na área da educação e sexualidade. Ainda com o compromisso ético-político de verdadeiramente democratizar o acesso, desenvolvemos, nos períodos de prorrogação da pesquisa, as acessibilidades das vídeoaulas já produzidas no decorrer da pesquisa, contanto com LIBRAS, a transcrição literal e a áudio descrição. Ressaltamos que a prorrogação foi necessária justamente por causa desse movimento dialético que o grupo está inserido em que revê suas perspectivas e verdades provisórias constantemente, o que nos levou a decidir realizar as acessibilidades a fim de abranger um público-alvo maior, bem como, de respeitar o compromisso do grupo em desenvolver propostas emancipatórias, críticas, de fácil acesso à população em geral e que promovam a cidadania. Lembramos que as transcrições literais não estavam previstas como material a serem desenvolvidos na justificativa da prorrogação, mas devido a este movimento dialético vivenciado pelo grupo, foi-se necessário abranger, por compreendermos que existem inúmeras especificidades e deficiências as quais se não fossem contempladas nosso material e pesquisa não respeitaria estas múltiplas diversidades humanas. (2018, p.8)

Relembramos que Melo e Mattos (2018) registram que o projeto de vídeoaulas citado

[...] se iniciou a partir da finalização de um projeto anterior, em que constatamos em nossa caminhada na produção de materiais pedagógicos de educação sexual nessa perspectiva havia apenas iniciado com um projeto de pesquisa via produção de um piloto de programa de TV denominado Educação Sexual em Debate, mesmo nome do programa de rádio que o Grupo mantém desde junho de 2007 na Rádio UDESC/Florianópolis, em seu braço extensionista, pois notamos o quanto o conhecimento sobre esta temática ainda é fragmentado no dia-a-dia das escolas e o quanto é necessário acelerar a

democratização do acesso ao conhecimento científico produzido sobre os seres humanos em sua dimensão da sexualidade. (p.9)

Entende o Grupo e nele também esta pesquisadora que, portanto, essa democratização e socialização de conhecimentos produzidos na perspectiva de emancipação pode ser ampliada pela socialização mais rápida das produções acadêmicas sobre ela, com o uso de várias ferramentas midiáticas.

Materiais que, depois de produzidos intencionalmente numa determinada perspectiva, pode circular rapidamente junto aos educadores e educadoras em geral e em especial nos espaços escolares, junto aos profissionais da educação que lá atuam, para divulgar o que se está produzindo sobre educação sexual emancipatória para provocar o debate necessário, ampliando reflexões críticas, talvez subsidiando projetos pedagógicos transformadores.

O surgimento do NES em meados de 1985 e sua consolidação como Grupo EDUSEX, possibilitou a produção coletiva de conhecimentos, isto é, permitiu que diversos materiais fossem intencionalmente desenvolvidos numa abordagem Emancipatória de Educação Sexual, **nesse sentido surge o problema de pesquisa: como a abordagem de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória é expressa em materiais pedagógicos com interfaces midiáticas na produção do Grupo EDUSEX à luz da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos?**

Para compreender, então, o problema de pesquisa e se este se justifica na elaboração e execução, encontro nas produções do Grupo: Melo (2004), Pacheco (2014), Yared (2016), Freitas (2016), Warken (2018), entre tantas outras autoras, as metodologias de busca em ambientes virtuais e sistematização das palavras-chave, a fim de verificar a iminência (ou não) desta pesquisa.

Por isso baseio esta etapa à luz da metodologia de busca sistemática utilizada pelas autoras e busco, então, as palavras-chaves utilizadas na pós-graduação em Educação, quando se busca palavras macro e, em seguida, filtra-se para as cunhadas no projeto. Assim sendo, dividi o processo em 2 grandes grupos de busca: a) “educação”, “educação emancipatória” e “educação sexual” que se refere à busca macro de Educação e Educação Sexual e grupo b) “educação sexual emancipatória”; “grupo de pesquisa”, “produção coletiva de conhecimento” e “materiais pedagógicos com interfaces midiáticas” que se refere ao foco da

pesquisa. Demonstro nos quadros 3 e 4 este processo de sistematização das palavras-chave e sigo com um relato do passo a passo e justificativas.

Fundamento minha busca nos sites mais utilizados pela pós-graduação na UDESC: Periódico Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (<http://bdtd.ibict.br/>), SciELO (<http://www.scielo.org/>), Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertação – TEDE da UDESC (<http://tede.udesc.br/>) e Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>). Ressalto que as palavras compostas foram utilizadas aspas a fim de buscar a composição total das palavras.

Quadro 3 - Busca sistemática das Palavras-chaves 1º Conjunto

Palavras-chave	Banco de dados				
	Capes	BDTD	SciELO	TEDE UDESC	Scholar Google
	Resultados				
Educação	83.734	69.520	30.304	570	2.000.000
Educação Emancipatória	502	622	106	563	5120
Educação Sexual	3.220	1.753	614	561	18.500

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Como podemos analisar no Quadro 3, inicio com a categoria mais ampla da linha de pesquisa “educação” e percebo que há mais de 2 milhões de resultados no Scholar Google, na Capes mais de 80 mil e, no TEDE 570 resultados. Em seguida busco por “Educação emancipatória” consigo resultado com 502 na Capes, 563 no TEDE e 106 no SciELO. Nota-se que a maioria das produções sinalizadas no TEDE pertencem ao Grupo EDUSEX.

Sigo então para o segundo conjunto no quadro 4 de conceitos-chave que foram desenvolvidas ao longo deste processo dialético de pesquisa, o que nos confirmou que a dialética é essencial nas produções humanas.

Quadro 4 – Busca sistemática das Palavras-chaves 2º Conjunto

Palavras-chave	Banco de dados				
	Capes	BDTD	SciELO	TEDE UDESC	Scholar Google
	Resultados				
Educação Sexual Emancipatória	73	54	0	590	251
Grupo de Pesquisa	24.779	42.853	6.686	2.255	173.000
Produção Coletiva de Conhecimento	2	1	0	0	265
Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Como podemos analisar no Quadro 4, dou início a partir da categoria mais ampla, a meu ver, a “educação sexual emancipatória”, nos ambientes virtuais e percebo que não há ou há poucos resultados com esta combinação de palavras nos cinco sites analisados, com a macrorregião “todos”, contando com perspectivas de saúde pública em sua maioria, sendo poucos os artigos e trabalhos divulgados na perspectiva de educação e formação humana.

Sigo para categoria ampla de palavras-chave, “grupo de pesquisa”, encontrando 6686 trabalhos nos mais variados temas. Por isso, certifico alguns conjuntos de palavras-chave e encontro 1086 trabalhos para “grupo de pesquisa educação”, 37 resultados para a combinação de “grupo de pesquisa educação sexual”, 18 resultados para “grupo de pesquisa educador”, 05 trabalhos da saúde para “educador educação sexual” e 03 resultados para “grupo de pesquisa educação emancipatória”, sendo outras combinações dos grupos de palavras-chave sem recorrência.

Sigo com a categoria “produção coletiva de conhecimento”, sendo esta a com menor recorrência de todas as palavras até aqui pesquisadas. Encontrei resultados diferentes quando retirei as aspas, mas partia para conceitos-chave como “produção” e “coletivo” separadamente o que não é o entendimento desta pesquisa.

E, por último a categoria “materiais pedagógicos com interfaces midiáticas” e obtive resultados nulos com as aspas, porém quando retirei as aspas, permitindo que a busca fosse ampla, encontrei resultados múltiplos para “materiais”,

“pedagógicos”, “interfaces” e “midiáticos”, dinamicamente pude perceber que a maioria das pesquisas encontradas foge à perspectiva trabalhada neste projeto.

Portanto, *a priori* compreendo dinamicamente que não há resultados significativos para as buscas realizadas diretamente, mesmo havendo alguns casos semelhantes em palavras-chaves, estes são completamente distantes de concepções e de áreas de estudo. Nesta direção, percebo a necessidade de desenvolver este estudo de análise dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas cotejados com a DDS DH, já que:

- 1) não há outros estudos referentes,
- 2) a originalidade da temática para o grupo e para a linha de pesquisa na pós-graduação se faz fundamental,
- 3) pode possibilitar o início do desvelamento das metodologias e materiais utilizados e desenvolvidos pelo grupo, o que contribui diretamente na linha de Educação Comunicação e Tecnologia a qual pertence este estudo,
- 4) compreender o percurso do Grupo facilita as reflexões dos movimentos dialéticos do Grupo em suas produções,
- 5) este estudo pode possibilitar subsídio para as discussões futuras acerca de políticas públicas e aportes legais explícitos para a atuação das/os educadoras/es em qualquer espaço de formação humana intencionalmente emancipatório o que contribui, também, para outros grupos de pesquisa, bem como outras linhas da pós-graduação.

Desta forma, sigo para a busca sistemática aprofundada que foi cotejada uma a uma com as palavras-chave desta pesquisa em meados de 2018, nos bancos de dados da SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Portal de Periódico Capes/MEC, com o intuito de legitimar a pertinência dessa pesquisa, além de buscar produções que embasem a metodologia da pesquisa das categorias *a priori*, a saber: Produção Coletiva de Conhecimento, Grupo de Pesquisa EDUSEX, Educação Sexual Emancipatória Intencional e Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas.

E para isso, sistematizo nos quadros 05 a 07 dialogando e cotejando com os resultados encontrados. Ressalto que a busca foi realizada da seguinte maneira: aspas em cada palavra-chave combinadas entre si, ou seja, busquei “Produção Coletiva de Conhecimento” cotejado com “Grupo de Pesquisa EDUSEX”, bem como “Produção Coletiva de Conhecimento” com “Educação

Sexual Emancipatória Intencional” e “Produção Coletiva de Conhecimento” com “Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas”, em seguida cotejei “Grupo de Pesquisa EDUSEX” com “Educação Sexual Emancipatória Intencional”, bem como “Grupo de Pesquisa EDUSEX” com “Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas”. Segui, então, com a última combinação de “Educação Sexual Emancipatória Intencional” e “Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas”. Contudo houveram resultados nulos com as aspas e, por isso, foi optado por retirar as aspas, mas ainda assim cotejar as palavras-chave para compreender a busca sistemática nos sistemas escolhidos. Todos os acessos aos trabalhos aqui relatados decorreram de uma busca constante desde meados de 2018, tendo como seu acesso mais recente no dia 20 de fevereiro de 2019 para conferência dos links ativos. Com isso, obtive o seguinte resultado:

Quadro 5– Busca sistemática Aprofundada – Palavras-Chaves Cotejadas

	CAPES	SciELO
Produção Coletiva de Conhecimento X Grupo de Pesquisa EDUSEX	07	05
Produção Coletiva de Conhecimento X Educação Sexual Emancipatória	01	-
Produção Coletiva de Conhecimento X Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas	-	01
Grupo de Pesquisa EDUSEX X Educação Sexual Emancipatória Intencional	01	-
Grupo de Pesquisa EDUSEX X Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas	-	-
Educação Sexual Emancipatória Intencional X Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas	-	-

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Percebo, então, que no primeiro cotejamento há existência de 12 trabalhos correlatos, lembrando que optei por abranger as palavras como um todo, sem utilizar aspas e por isso foi possível encontrar trabalhos no decorrer da busca sistemática, sendo sete encontrados na CAPES e cinco no SciELO.

Utilizo o resumo e palavras-chave destes para verificar a paridade com esta pesquisa e percebo que, apesar de não serem da mesma área, é possível utilizar

um como fonte documental de metodologia de pesquisa, pois como se percebe no quadro 06, há entrelaços com a perspectiva desta pesquisa.

Quadro 6 – Relação Palavras-chaves x Trabalhos encontrados 1º Grupo

Título	Autoras/es	Ano	Palavras-chave	Link para acesso:
Ensino na comunidade e inteligência coletiva: partilhando saberes com o WIKI	CYRINO <i>et al</i>	2012	Ensino na comunidade, Inteligência Coletiva, Tecnologia de Comunicação e Educação	http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000200009

Fonte: busca sistemática, quadro elaborado pela autora, 2019.

Neste trabalho, percebe-se a intenção de democratizar o acesso ao saberes e conhecimentos produzidos na academia, visto que desenvolvem propostas voltadas para a comunidade ao redor da Universidade em questão e que buscam a produção coletiva do conhecimento, na pesquisa supracitada denominada “inteligência coletiva”, por meio das TIC’s como recurso pedagógico essencial nas relações entre educadores, educandos e comunidade. Apesar de não haver o termo emancipatório explícito na pesquisa, encontram-se passagens às quais se remeteriam numa busca pela emancipação, quando “com isso [*a pesquisa*] espera-se desencadear um processo reflexivo-crítico nos alunos, de forma a integrar conhecimento prático e teórico” (p.65, *grifos meus*). Proposta, esta, que está *a priori* entrelaçada com a perspectiva do Grupo EDUSEX, o qual busca, justamente, a disseminação e democratização do acesso às produções científicas elaboradas e desenvolvidas na academia para espaços de educação formal e não formal e para quem possa se interessar sobre a temática, bem como o desenvolvimento reflexivo-crítico emancipatório das/os educandas/os e comunidade como um todo.

Na segunda busca aprofundada de palavras-chaves cotejadas, pude encontrar apenas um trabalho, como se percebe no quadro 07, sendo pertencente ao próprio Grupo EDUSEX que desenvolve uma análise sobre a ação na Rádio UDESC “Programa Educação Sexual em Debate” pertencente à ação de extensão do Grupo EDUSEX.

Quadro 7 – Relação Palavras-chaves x Trabalhos encontrados 2º Grupo

Título	Autoras/es	Ano	Palavras-chave	Link para acesso:
Curso de formação de professores(as) por meio do programa educação sexual em debate na Rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis: algumas reflexões sobre os caminhos percorridos	FREITAS, MELO, ZILLI e MIRANDA	2017	Educação Sexual Emancipatória Intencional, Curso de Extensão para Formação de Professores(as) e Programa de Rádio.	http://periodicos.fclar.unesp.br/ibero-americana/article/viewfile/8561/6587

Fonte: elaborado pela autora. 2019

Assim como já citado desde o memorial desta pesquisadora, o trabalho encontrado no quadro 07 está plenamente de acordo com as perspectivas e metodologias que pautam as pesquisas do Grupo EDUSEX, principalmente por ser pertencente a um membro do Grupo. Logo, a pesquisa se baseia no materialismo-histórico-dialético, bem como na perspectiva de democratizar o acesso às informações acadêmicas.

Encontrei nos demais conjuntos pesquisados resultados nulos ou uma única pesquisa também pertencente ao Grupo EDUSEX e, por isso, percebo a escassez de propostas, pesquisas, artigos, entre outros, referente à temática abordada nesta pesquisa, logo, percebo a iminência e validade desta pesquisa.

Por isso, sigo com meus cúmplices teóricos a fim de fundamentar minha análise de conteúdo e as concepções presentes na perspectiva desta pesquisadora, bem como deste trabalho.

3. CONHECER É SUBSIDIAR: CÚMPLICES TEÓRICOS DAS CATEGORIAS EIXO...

O ponto de partida desta pesquisa se pauta nas quatro categorias-eixo deste trabalho e que foram desenvolvidas e aprimoradas no decorrer do projeto de qualificação, sendo elas: Educação Sexual Emancipatória Intencional, Produção Coletiva de Conhecimentos do Grupo EDUSEX, Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH, Produção de Materiais com Interfaces Midiáticas da à transcrição literal da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA.

Desta forma, cada categoria-eixo desta pesquisa se entrelaça e fundamenta a análise de conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA. E, por isso, sigo com a fundamentação teórico-prática deste trabalho ressaltando que a lógica desta pesquisa se pauta numa concepção de ciência, paradigma, método e metodologia, como se fossem um triângulo, do mais amplo para o mais específico, sendo a última esta dissertação de mestrado.

3.1 ...CATEGORIA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA

Vou de encontro com minha pesquisa de 2017, em que encontro subsídios dos autores, também pesquisados nesta dissertação, para fundamentar meu caminhar dentro da categoria **Educação Sexual Emancipatória Intencional**, pois encontro em Freitas (2016) que a Educação Sexual consiste em ser uma “possibilidade pedagógica e instrumento de reflexão e humanização de grandes massas de indivíduos” (p.40), bem como, nos elucida que “hoje a dinâmica da saturação de apelos e informações sobre sexo, necessita de fundamentos teóricos e metodológicos sólidos e determinados” (p.41). Desta forma, compreender a função social da Educação Sexual Emancipatória Intencional se faz essencial, se concebermos, também, que a Sexualidade e a Educação Sexual são questões fundamentais da cidadania e para se desenvolver um cidadão crítico necessariamente se perpassa conscientemente por essa dimensão humana (MELO, 2004, p. 98-99).

Ainda em Melo, encontro em outra obra a seguinte reflexão

E o tema da educação sexual do Ser corpo humano pleno, cidadão, já está até fartamente discutido e anunciado. Mas na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental? Sempre se praticou e se pratica uma educação ou deseducação sexual entre seres humanos. Seres estes corporificados em sua inserção no mundo, resultado das relações sociais entre os homens nos vários modos de produção que existiram e no vigente. Para avançarmos na construção de um paradigma emancipatório é imperioso que pensemos profundamente sobre essa questão: o que é educação sexual? O que significa educar sexualmente? Quais os instrumentos, meios, fins envolvidos? Quem pode “educar” sexualmente, ensinar o quê? Como fazê-lo? Quem serão esses/essas educadores/es? Educadores/as sexuais somos todos nós, seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos das pessoas, reprimi-los e torna-los dóceis? Ou, então, expô-los como mercadorias? (2001, p. 37).

Por isso oportunizar um movimento dialético de compreensão da história política, social e cultural da própria sexualidade, compreendida aqui como base da cidadania, poderia ampliar as concepções e consolidar o processo da Educação Sexual Emancipatória Intencional como fundamento para a desconstrução de perspectivas repressoras, pois como continua Nunes (1997) “é preciso ter como requisito básico uma concepção do mundo e das relações sociais e históricas: dinâmica e viva [...] É preciso evitar uma compreensão fechada ‘parada’ [...] uma compreensão que se baseia em conteúdos conservadores e ideológicos.” (p. 52).

Quando pensamos, então, neste quesito de cidadania e emancipação, pode-se analisar a escola como vertente norteadora de estruturação destes preceitos, porém como muito se vê, ainda há contradição no papel social da escola de propiciar sujeitos críticos e conscientes de si e de suas dimensões no mundo que lhe cerca, pois “a escola, como instituição comumente utilizada para a educação em massa, encontra-se na contramão da educação emancipatória, por contribuir com uma forma de pensar repressora, desestimulando o pensamento crítico e inovador” (BRASIL, 2009, p.23). Nesse sentido Nunes (1996) diz que:

[...] a emancipação ou a intervenção emancipatória só é possível no mundo de homens e *mulheres* igualmente livres e emancipados, capazes de trocas gratificantes e significativas de homens e *mulheres* que compreendam a dinamicidade do seu ser, e só se empenhem e se reconheçam nos outros. (p.228, *grifos nossos*)

De certa forma o autor está nos dizendo que uma Educação Sexual Emancipatória Intencional só têm condições de ocorrer quando há “uma discussão a respeito da sexualidade humana, uma pesquisa de como é a educação sexual escolar praticada, e a abertura de espaços para uma fundamentação política,

filosófica e pedagógica da temática” para que isso possa possibilitar “um discurso científico e crítico a respeito da sexualidade, preconizando que cada homem seja sujeito da sua própria existência e de suas formas de sentir e conviver”. (BRASIL, 2009, p. 21-22).

Para Silva (2007) e Brasil (2009) a Educação Sexual Emancipatória Intencional perpassa o conceito de idealismo, quase uma utopia, já que “existe certa resistência ao conceito de educação para negar sua complexidade e até fugir dos problemas atuais” (BRASIL, 2009, p.25).

Mas a autora BRASIL ainda ressalta que “possibilidades existem na educação, mas, numa sociedade em que os valores materiais estão acima de tudo e todos, parece não haver espaço para que essas possibilidades aconteçam” (BRASIL, 2009, p.24).

Sendo assim compreendo ser o papel social do Grupo EDUSEX a sensibilização na desconstrução de paradigmas repressores, os quais são perpetuados, geralmente, pelo senso comum, bem como poder analisar o conteúdo da transcrição da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, as quais estive vividamente presente na elaboração, execução e edição de todas as etapas da referida série, possibilitaria consolidar a temática como categoria de estudos e fortificar o surgimento de novas pesquisas referente à análise das influências para a categoria de Educação Sexual Emancipatória Intencional para os espaços educativos.

[...] um fenômeno humano e social, com todas as suas determinações, sendo também campo da ação humana. [...] toda a sociedade ou qualquer grupo social são sempre agências educadoras num permanente processo educacional. Isso porque educação não se reduz à escolarização ou à instrução, já que se entende que educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes. (MELO *et al*, 2011, p.39).

A autora Melo nos traz a concepção de Educação como um fenômeno humano e pautado nas vivências do momento presente em cada contexto histórico, logo, a Educação e suas relações estão imersas no valores, conceitos e padrões sociais em vigor. Encontro também em Melo *et al* (2011) a concepção de que todos nós somos sexuados e em permanente processo de educação, ou seja, cada um de nós possui uma visão de mundo que “inclui nosso entendimento do que é sexualidade e sexo, com reflexos imediatos em nossa maneira de viver, incluído, aí, o processo permanente de educação sexual existente entre os seres

humanos.” (p. 38), sendo assim, esta perspectiva encontra a de Paulo Freire (1996) quando nos diz que nos educamos por meio das relações mediatizados pelo mundo. Sendo assim, a Educação Sexual também contém as verdades provisórias de cada sujeito vivenciado dentro de seu tempo histórico. Percebo isto no processo educativo, quando:

Todo esse processo educativo, seja formal ou informal, é sempre sexuado, já que a sexualidade é uma dimensão inseparável do existir humano. Portanto, a educação sexual, com todos seus componentes explícitos e implícitos, formais e não formais, não escapa a essa dimensão sociopolítica e cultural. (p.39)

Sabemos, também, que esses processos são sociopolíticos e podem se alterar a partir das relações entre as pessoas e destas com o mundo em que vivem, visto que “os avanços científicos e culturais também são expressões dessas relações e influenciam como cada sociedade e nela os seres humanos, em suas várias dimensões, uma delas a sexualidade” (MATTOS, 2017, p36). Diga-se de passagem, o PL 246/2019 que exalta as questões da sexualidade numa perspectiva repressora, o que fundamenta ainda mais as nossas pesquisas em busca de emancipação humana.

O autor Nunes (ibidem) ressalta que o caráter desta temática é sempre explosivo, visto que “Não é uma tarefa fácil à abordagem da sexualidade”, pois a riqueza dessa dimensão humana bem como toda a estagnação de significações que historicamente se acrescentou acabou “engendrando certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade”. (NUNES, ibidem, p.13).

Nunes ainda ressalta que “a sexualidade se encontra envolta de um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa” (p.13) e isto caracteriza sua postura explosiva. Em outras palavras, compreende-se a dimensão da sexualidade como um “terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual de cada um de nós” (p.16), por isso, a compreensão humana de sua própria sexualidade caminha por “todos os âmbitos sócio individuais, proporcionando, geralmente, desentendimentos e desinformações, já que a subjetividade humana, quando não desmistificada, está repleta de tabus e conceitos não desenvolvidos às claras” (MATTOS, ibidem, p.37).

Neste sentido, percebe-se que “a relação humana como um todo, bem como nelas a Educação Sexual, nela sempre parte indissociável desse permanente processo educativo, estão repletas de subjetividade” (MATTOS, 2017, p.20), pois tudo o que caminha dentre as concepções dos “Seres Humanos” simboliza “suas perspectivas daquele e naquele tempo em que vivem” (ibidem).

Porém, ainda que essas subjetividades estejam coexistindo em tempos repressivos e de retrocessos, é possível procurar desenvolver uma proposta de Educação Sexual Intencional Emancipatória com intuito de desconstruir e desmitificá-los pelo estímulo à reflexão crítica. Possibilitando a sensibilização das pessoas para “a busca de um conhecimento pleno de si, da própria cidadania e da sociedade como um todo numa perspectiva mais humana e justa” (MATTOS, ibidem, p.25).

Em Melo et al (2011), há também o suporte para entender que:

[...] é evidente que a educação sexual também sempre acontece plenamente em todos os grupos sociais, em todas as épocas, em todas as culturas, e se expressa em diferentes paradigmas que se refletem em todos os segmentos e organizações sociais, dentre elas, a escola. E, como sabemos, continua a ser tema controverso na maioria das sociedades contemporâneas.

Desta forma, pode-se dizer que nesta temática é essencial o conhecimento histórico para possuímos subsídios científicos que embasem o processo de movimento dialético proposto nas concepções praticadas e vivenciadas pelo Grupo EDUSEX.

Compreendido isto, seguimos para a contextualização de qual concepção emancipatória de Educação Sexual está presente neste trabalho, visto que encontramos nos autores pesquisados o que seria uma abordagem ampla de educação sexual intencional emancipatória. Como diz Mattos (ibidem, p.27)

Seguindo a perspectiva de que a educação é um agente (trans)formador e que por meio de propostas intencionalmente emancipatórias seria possível sensibilizar para estimular a criticidade do que está posto como verdade absoluta em grande parte da nossa sociedade, sejam costumes, culturas e/ou valores que se seguem e são reproduzidos sem uma reflexão ou análise crítica das perspectivas presentes nestes valores, culturas, etc.

Assim como trago em minha pesquisa em 2017, quando me refiro a categoria educação sexual emancipatória, entendo-a como “a busca da compreensão da sexualidade como dimensão humana, sem ser baseada em uma

reprodução do que está posto” (MATTOS, *ibidem*, p.28), pois segundo Nunes (1996) “a sexualidade emancipatória é aquela que nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza única da sexualidade humana” (p. 227). Além disso percebo que Freitas (2016) nos elucida “a sexualidade emancipatória tem como conceito fundamental a liberdade. Liberdade de tomada de decisões e ações com responsabilidade e respeito ao outro” (p. 63). Por isso, sigo com a elucidação das vertentes pedagógicas no Brasil, sendo que busco nelas subsídio de análise à luz DDS DH.

VERTENTES PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

Segundo Romero (1998) não existe uma única definição de sexualidade e, por isso, não existe um único modelo do que se chama Educação Sexual. Diante disso, percebo em Melo *et al* que “a partir da história pessoal e da aprendizagem social é que se constroem as concepções sobre tudo, inclusive sobre sexualidade” (*ibidem*, p.40). Percebo, então, que também “não há um único modelo de sociedade, mas que diversos e múltiplos modelos coexistem, muitas vezes, com embates teóricos e ideológicos entre si” (MATTOS, *ibidem*, p.30).

Ainda em Melo *et al* (*ibidem*), se compreende que um paradigma é uma visão de mundo, seja ela ampla-social ou de micro social e nos salienta que “paradigma” está “presente em nossas subjetividades cotidianas ainda que não tenhamos consciência disto, cotidiano este, sempre, sexuado” (MATTOS, *ibidem*, p.37). Desta forma, se faz necessário elucidar que mesmo o Grupo EDUSEX desenvolvendo suas pesquisas e produções se baseando num paradigma emancipatório, a realidade social coexiste com múltiplos paradigmas, geralmente repressores, já que “nossa sociedade é ampla e subjetiva devido aos sujeitos que nela estão inseridos e aos contextos sócio-histórico-culturais em que estas mesmas sociedades e sujeitos se desenvolveram” (*ibidem*). E, por isso, a necessidade de analisar seus produtos à luz das DDS DH como expressão pedagógica da abordagem emancipatória.

Ressalto a iminência de elucidar que este paradigma emancipatório coexiste com diversos outros paradigmas, mas se faz essencial destacar três vertentes repressoras de educação sexual e uma emancipatória elucidadas por

Nunes (1996) e sintetizadas em Melo et al (2011), sendo estas citadas em minha pesquisa de 2017.

São três vertentes consideradas repressoras, sendo: 1) médico-biologista; 2) normativo-institucional e 3) terapêutico-descompressiva, este se relaciona com o consumismo pós-moderno.

A vertente emancipatória de educação sexual é citada como coexistente com as outras, devido ao contexto múltiplo de sociedades em que vivemos. Percebo que “todas coexistem de alguma forma num mesmo ambiente, seja por causa dos sujeitos com perspectivas diversas, sejam por padrões postos como normas ou concepções absolutas presentes num ambiente formal e/ou informal” (MATTOS, *ibidem*, p.31). Como a autora Melo citou na abertura de um evento em 2016, “em tempos de idade média, temos a necessidade de compreender-nos e sensibilizar uns aos outros na concepção de educação sexual constante, sempre juma perspectiva emancipatória intencional”.

De acordo com o Grupo EDUSEX, as vertentes repressoras tendem a “desumanizar e coibir a cidadania dos sujeitos”, já que para se desenvolver integralmente se faz essencial (re)conhecer e (re)descobrir suas próprias dimensões, inerentes ao existir humano. Por isso, como se dizia na Era do Iluminismo “o conhecimento traz luz”, para poder questionar e refletir acerca do cotejamento que será realizado na análise de conteúdo, embasados na quarta vertente apresentada à luz da DDSH é primordial que elucidemos cada vertente à priori, assim como elucidado em meu trabalho anterior Mattos (2017). Sigo então neste também com a sintetização de cada uma a fim de elucidar a qual concepção se pauta este trabalho.

Vertente Médico-biologista

De acordo com Nunes (1996) esta vertente se encontra a concepção de que o ser humano serviria apenas para “reprodução da espécie”, negando toda e qualquer existência de sexualidade como indissociável do existir humano. Esta vertente aparece comumente nas escolas e nas instituições na perspectiva de “prevenção, coibição e higienização” do ato sexual e dos órgãos genitais. As condutas sexuais que não se encaixariam na heteronormatividade ou nos “padrões” dentro da “normalidade”, são consideradas erros ou “desvios” de comportamento e/ou genéticos. Além dos estereótipos e preconceitos perpetuados

e amparados nessa vertente, já que se utiliza de diferenças biológicas para justificar as desigualdades sociais dos gêneros, como “reforçar a desigualdade entre os sexos - estimulando, no cotidiano escolar, tarefas próprias para meninos, acirrando a competição; e tarefas para meninas, estimulando a submissão” (MELO et al, 2011, p.42).

Vertente Normativo-institucional

Em Melo *et al* (ibidem) a vertente “normativo institucional” se fundamenta em ser “determinada por uma rigorosa moral repressiva institucional, misturando, ecleticamente, mecanismos de ordem científica e conceitos religiosos morais” (p.43), ou seja, esta vertente perpetua todo um contexto patriarcal, já que é baseada nos conceitos conservadores e repressores, defendendo os estereótipos de gênero e papéis sexuais tradicionais do “modelo ocidental”. Por exemplo, pode encontrar esta vertente nas instituições, como nas escolas, pois: “está presente nas escolas, via currículo, mesmo que oculto. (...), por exemplo, nos conteúdos dos livros didáticos utilizados nas escolas” (p.44). A autora traz o exemplo do livro didático pois este traz, geralmente, em seu conteúdo a apresentação da família patriarcal, em que o menino é o filho mais velho e a menina a caçula. Apesar de “aparentar” um simples exemplo, este representa todo o conceito conservador em que o livro e as instituições acabam por perpetuar. O questionamento seria a intencionalidade desta perpetuação.

Um exemplo desta vertente se dá por meio do conceito de “família”, como o PL 6583/2013 “Estatuto da Família” aprovado ao final de 2015 que se resume em perpetuar os papéis de gênero quando institui a família nuclear como Art. 2º “define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”, ou seja “pai, mãe e/ou filhos”, numa perspectiva heteronormativa e, possivelmente, repressora.

Vertente Terapêutico-descompressiva

Como se constata, esta vertente se encontra subsidiada na “concepção banalizada da psicanálise e dos referenciais da psicologia” (MELO *et al*, ibidem, p.45). Ou seja, esta vertente se resume aos livros supérfluos que se dizem de autoajuda, os “consultórios televisivos”, as confissões compulsivas baseadas nas inseguranças dos sujeitos. Inseguranças, estas, geradas pela cultura padronizada

e desinformação. Banalizam o sexo e a sexualidade a fim de “liberdade sexual”, sendo que, na verdade, troca-se uma opressão por outra. Como cito em trabalhos anteriores

Encontram-se os jargões de “o que fazer na hora H” ou “descubra como ter um orgasmo”, ainda voltando-se para a obrigatoriedade do prazer como esse paradigma “manda”, ou seja, faz com que os sujeitos sintam-se culpados ou incapazes de se satisfazer e/ou satisfazer o outro por não acertarem/sentirem o que lhes é dito que devem fazer/sentir. (ibidem, p.32)

Nesta vertente a sexualidade é utilizada como técnica e meio de consumo, seja de consumo de relações seja de consumos de produtos para essas relações, como nos diz Melo et al (2011).

[...] é uma aparente liberalização e descompressão das práticas sexuais. Hoje as mídias são utilizadas, por excelência, como instrumentos formadores de valores éticos sexuais. Nos seus programas e outros tipos de produções, todos são considerados como tendo a mesma história e a mesma necessidade, na qual o conhecimento sobre a sexualidade tende a ser superficial e vazio não a considerando como uma construção sócia histórico-cultural. (p.45)

Apesar de aparentar uma “liberdade sexual”, pode perceber que o meio de produção capitalista se utilizou de lutas justas e um leve “acordar” das sociedades contra esses padrões impostos que se utilizam das expressões humanas de sexualidade e de gênero para obter algum tipo de lucro criando “novos padrões”, por exemplo, quando empresas propagam a ideia de empoderamento feminino, geralmente, vem associada a produtos que “possibilitariam” esse empoderamento, como estilos de vida associados à cosméticos, vestuários, entre outros (MATTOS, ibidem).

Vertente Emancipatória

Adentro, então, outra perspectiva, segundo Nunes (1996), a perspectiva da vertente Emancipatória. Esta é a que “nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza única da sexualidade humana” (p.227). O autor ainda ressalta que não há um “manual” ou “instruções pré-determinadas de se construir uma Educação Sexual Emancipatória”, pois esta depende das construções e contextos de cada educador/a inserido em seus próprios contextos e momentos históricos. Mas também, na realidade, propõe que a Educação Sexual seja vista de modo pedagógico, um saber científico e ontológico em que os conhecimentos sejam fundamentados nos saberes das ciências sem

desconsiderar as vivências prévias dos sujeitos. Por isso o extremo rigor metodológico em que o Grupo EDUSEX fundamenta suas pesquisas e ações, a fim de garantir o aspecto científico e social da temática.

O autor continua elucidando, então, que a concepção emancipatória, na prática, ainda coexiste como utópica, como “práxis a ser conquistada”, principalmente devido ao modelo de sociedade atual não propiciar este movimento, no qual possa abranger a sexualidade humana como condição do existir dos seres humanos. Este Ser como ser político, social, cultural e sexuado.

O autor ressalta a importância de analisarmos a sexualidade por pontos de vista não erotizados nem romantizados, mas sim com um caráter pedagógico, político, ético, cultural e socialmente construído. Sendo o conceito emancipatório uma busca de “superar um conceito de alienação” (p.221), bem como pode “possibilitar a cada um de nossos interlocutores, quer na escola ou na sociedade, a possibilidade de perceber a sexualidade em sua globalidade e totalidade e não como uma parte misteriosa ou alienada de seu corpo”. (p. 17). O que permite, enfim, os sujeitos compreenderem de modo pleno, científico e cultural a sexualidade como um direito básico, parte indissociável da sua cidadania e condição humana.

E esta perspectiva é a que trabalhamos no Grupo EDUSEX. A qual a Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos será utilizada como um documento pedagógico que é uma expressão palpável dessa vertente e nele busco os indicadores que podem auxiliar na análise de conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA.

3.2 ...CATEGORIA GRUPOS DE PESQUISA

Neste ponto adentramos na categoria de **Grupo de Pesquisa**, já que pesquisar está intimamente relacionado ao ato de ser um educador, por isso, trago mais especificamente o objeto de estudo, o **Grupo EDUSEX**, o qual nos traz em ambiente virtual CNPq*, a página acadêmica oficial do Grupo, a suas perspectivas sobre o intuito e missão do grupo

Nossos estudos buscam contribuir para as reflexões sócio-histórico-filosóficas e político-pedagógicas sobre a sexualidade humana, tomando como tema referencial as principais matrizes teóricas da modernidade sobre a questão e suas heranças para os processos educativos, na perspectiva da construção de uma abordagem emancipatória de educação sexual. Entendemos esse referencial como expressão do pensamento científico que desenvolve um estatuto de análise e interpretações que destacam os aspectos econômicos, estético, político e ético da significação da sexualidade no mundo contemporâneo, por meio da educação sexual. Essa modalidade de análise, a pesquisa, imbricada permanentemente ao ensino e à extensão, permitirá o desenvolvimento de estudos sobre a ação pedagógica empírica e as matrizes epistemológicas que conformam o entendimento da relação sexualidade e educação num aporte sócio histórico da questão. (MELO et al, 2004, p.1)

Tais perspectivas do Grupo EDUSEX, ainda no ambiente virtual, pauta-se na linha de estudos do grupo, a qual busca “Tratar das interfaces entre a formação de educadores e a temática da educação sexual, com destaque para os profissionais da educação, em sua formação regular e continuada, hoje fortemente influenciadas por práticas educomunicativas” (MELO et al, 2004, p2). Os estudos e as produções teóricas do Grupo nos levam a compreender esses fenômenos de modo crítico e transformador. Percebe-se nas pesquisas desse Grupo que o “processo de ensino-aprendizagem cidadão é sempre com Seres encarnados, sexuados, impregnados de emoções e sentimentos, incluindo aí o prazer” (MELO, 2004, p.278). Ou seja, este processo de desenvolvimento da cidadania crítica, consciente e imersa nas suas dimensões das condições humanas, presentes também a da sexualidade, se dá, principalmente e inclusive, no ambiente escolar. Os conceitos e ações do Grupo EDUSEX se pautam no desenvolvimento de propostas, materiais, pesquisas, ações de extensão e fins gerais, na formação inicial e continuada das educadoras e dos educadores sempre numa perspectiva emancipatória, já que “não existe qualidade de vida nem direitos humanos, mesmo que apenas em intenção, a não ser para corpos encarnados, sexuados. Somos cidadãos e cidadãs de carne e osso!” (MELO, 2004, p.278).

Nas produções do Grupo EDUSEX, categoria de estudo desta pesquisa, há as interações com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s no desenvolvimento de propostas e de materiais, já que a realidade e contextos escolares estão cada vez mais modificados devido às essas “novas” tecnologias e as propostas são sempre pautadas numa visão de melhorar/facilitar as práxis pedagógicas das educadoras e dos educadores que pretendam dialogar e realizar

seus planejamentos numa perspectiva emancipatória de Educação Sexual Intencional. Kenski (2003) alerta para a atuação destes educadores, pois:

[...] a formação de professores já deve mostrar novos caminhos que utilizem as possibilidades das tecnologias digitais para a organização da função e a partilha da atuação, em equipes(...) O meio digital viabiliza velocidades múltiplas de acesso, organizações flexíveis de bases de conhecimentos e articulações entre as diferentes áreas de conhecimento. Apropriadas pedagogicamente, essas funcionalidades facilitam a criação de disciplinas e cursos com finalidades específicas. (p.11)

Faz-se perceptível, então, a importância destas pesquisas na atuação pedagógica seja na graduação, ou na pós-graduação lato e stricto sensu, já que o Grupo se baseia na formação integral das estudantes e dos estudantes, de Pedagogia principalmente. Desta forma, torna-se essencial a organização e sistematização dos materiais produzidos *pelo e com* Grupo de pesquisa EDUSEX, pois este surgiu da necessidade de se desenvolver propostas emancipatórias de Educação Sexual no âmbito acadêmico, mas também, no meio escolar por estar inserido no seguimento de formação inicial e continuada de professores. Portanto, sistematizar as produções facilitaria novos caminhos de investigação e análise das prováveis influências neste processo de formação presente na efetivação de pesquisas, no ensino e nas ações de extensão. O que possibilita compreender, também, quais subsídios se fazem presente na construção e no entendimento da categoria Educação Sexual Emancipatória Intencional na graduação e na formação continuada de professores/as e educadores/as, algo que poderá servir de embasamento para futuras pesquisas.

Ainda nas produções do Grupo, saliento que a intencionalidade proposta de desenvolver materiais que subsidiem a formação inicial e continuada das/os professoras/es, principalmente os formados pela UDESC, mas também qualquer um que tenha interesse na temática se percebe nesta entrevista realizada no decorrer da pesquisa “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsidio em processos de formação de profissionais da educação” na elaboração da Séria EDUSEXCOMUNICA, em 2016 com a prof.^a Dr^a Sonia Melo, líder e fundadora do Grupo EDUSEX, que nos relata a perspectiva do Grupo, quando diz ao ser entrevistada:

Por que trabalhamos EDUSEX intencionalmente na formação de educadores há 30 anos numa perspectiva emancipatória, hoje também com o uso das novas TIC's, no ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão? Por entendermos que, como seres sociais, sempre maravilhosamente sexuados, vivendo em relações sempre educativas, somos sempre, os humanos, queiramos ou não, saibamos ou não, educadores e educadoras sexuais uns dos outros. Por entendermos que a sexualidade, dimensão humana, tem seus significados construídos histórica e culturalmente e que tudo que é construído pode ser reconstruído, numa abordagem emancipatória. Por entendermos que, na educação, sempre sexuada, hoje o uso democrático das novas tecnologias da informação e comunicação pode contribuir sobremaneira com a emancipação do ser humano. (ENTREVISTA, 2016).

Entendendo isto, encontro em Melo e Pocovi (2008) que o Grupo Edusex “[...] tem como objetivo sensibilizar as comunidades educativas para reflexões e debates sobre a temática, numa perspectiva emancipatória, integrando ensino-pesquisa-extensão” (p.2). O que possibilita a abertura de espaços para uma possível (trans)formação inicial ou continuada principalmente das/os profissionais da Educação, pois estes/as são o foco do grupo.

Dessa forma, percebo que o Grupo vive intensamente suas perspectivas teórico-práticas e que no decorrer destas três décadas, houveram diversas produções, encontros, eventos, oficinas, disciplinas na graduação e na pós-graduação, bem como se mantêm há mais de 11 anos ininterruptos a ação na Rádio UDESC, já citada acima. Por isso, este movimento dialético de analisar o conteúdo das transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, reforça o fazer crítico-analítico presente nas produções do Grupo, além de se fazer essencial o desvelar dos indicadores presentes, também, na série EDUSEXCOMUNICA, aqui expressa por meio das transcrições literais, pois desvelar este percurso auxilia em vivenciar nossas teses e antíteses e subsidia processos de propostas de uma educação sexual emancipatória intencional “em tempos de idade média”.(MELO, 2016).

3.3 ...CATEGORIA PRODUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO

Seguindo essa linha, já na categoria **Produção Coletiva de Conhecimento**, encontro em Fonseca (2002, p. 10), que

[...] o homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora representações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico.

Ou seja, o conhecimento humano se desenvolve em múltiplas faces, mas como pode-se perceber, sempre, na relações e interação com o Outro e com o meio, como diz a máxima de Freire (1996) supracitada. Para tanto, compreendo em Tartuce (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 12) que conhecimento também pode ser definido como

[...] a manifestação da consciência de conhecer. Ao viver, o ser humano tem experiências progressivas, da dor e do prazer, da fome e saciedade, do quente e do frio, entre muitas outras. É o conhecimento que se dá pela vivência circunstancial e estrutural das propriedades necessárias à adaptação, interpretação e assimilação do meio interior e exterior do ser. Dessa maneira, ocorrem, então, as relações entre sensação, percepção e conhecimento, sendo que a percepção tem uma função mediadora entre o mundo caótico dos sentidos e o mundo mais ou menos organizado da atividade cognitiva. É importante frisar que o conhecimento, como também o ato de conhecer, existe como forma de solução de problemas próprios e comuns à vida. O conhecimento como forma de solução problemática, mais ou menos complexa, ocorre em torno do fluxo e refluxo em que se dá a base da idealização, pensamento, memorização, reflexão e criação, os quais acontecem com maior ou menor intensidade, acompanhando parâmetros cronológicos e de consciência do refletido e do irrefletido.

Além disso, o autor continua e exemplifica, nos mostrando que:

O conhecimento é um processo dinâmico e inacabado, serve como referencial para a pesquisa tanto qualitativa como quantitativa das relações sociais, como forma de busca de conhecimentos próprios das ciências exatas e experimentais. Portanto, o conhecimento e o saber são essenciais e existenciais no homem, ocorre entre todos os povos, independentemente de raça, crença, porquanto no homem o desejo de saber é inato. As diversificações na busca do saber e do conhecimento, segundo caracteres e potenciais humanos, originaram contingentes teóricos e práticos diferentes a serem destacados em níveis e espécies. O homem, em seu ato de conhecer, conhece a realidade vivencial, porque se os fenômenos agem sobre os seus sentidos, ele também pode agir sobre os fatos, adquirindo uma experiência pluridimensional do universo. De acordo com o movimento que orienta e organiza a atividade humana, conhecer, agir, aprender e outros conhecimentos, se dão em níveis diferenciados de apreensão da realidade, embora estejam inter-relacionados.

Desta forma, o autor retrata o conhecimento partindo das experiências e vivências humanas desde mais tenra idade e que vão se constituindo e aprimorando no decorrer da vida. Logo, saliento que a concepção de conhecimento científico, pauta desta pesquisa, fundamenta-se na perspectiva de que o conhecimento científico, aqui citado, se dá

[...] pela investigação científica, através de seus métodos. Resultante do aprimoramento do senso comum, o conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade. Contudo, o conhecimento científico apresenta um caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado. Para que tal possa acontecer, deve ser de domínio público (FONSECA, 2002, p.11)

Portanto, o que respalda o conhecimento científico é sua capacidade falseabilidade, ou seja, a capacidade de ser testado, aprimorado e questionado a fim de corroborar com os movimentos dialéticos do saber. Seguindo essa linha, encontro em Robl e Meneghel (2004) que a Produção Coletiva de Conhecimento se dá, justamente, por conta da interação nas relações humanas e nelas os pesquisadores de uma mesma e/ou alinhada perspectiva teórica na formação de Grupos de Pesquisa, pois estes teriam como intuito “consolidar uma tradição de trabalho coletivo, formando mais rapidamente novos pesquisadores no interior do próprio grupo” (SEVERINO apud ROBL e MENEGBEL 2004 p.519). Desta forma, percebe-se que a Produção Coletiva de Conhecimento está intrinsecamente ligada ao desenvolver das relações, logo, das produções do Grupo de Pesquisa. No caso do Grupo EDUSEX, a formação do Grupo e conseqüentemente suas produções se deram em meados dos anos 80 com a aproximação de alguns profissionais da educação efetivos na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

As autoras Robl e Meneghel (2004) ainda retratam que esta produção via Grupo de Pesquisa auxilia no processo de formação inicial dos professores, visto que o desenvolvimento coletivo científico, especialmente na área da educação, seria um diferencial positivo na formação, mas ressalta que os pesquisadores dos Grupos poderiam obter melhores resultados coletivos se houvessem uma interdisciplinaridade e interinstitucionalidade entres os pesquisadores das universidades.

Ressalto aqui um ponto crucial no desenvolvimento das propostas do Grupo EDUSEX, pois este desenvolve suas propostas sempre em parceria de outros grupos de pesquisa, bem como de pesquisadores múltiplos a fim de proporcionar subsídios na formação inicial e continuada de professoras/es e educaras/es.

Veja, senão, as pesquisas e ações de extensão na Rádio UDESC, já que nas pesquisas há sempre a interdisciplinaridade de discentes e docentes além de desenvolver as propostas intercentros, como no caso da parceria mais constante entre o Grupo EDUSEX e o Centro de Educação a Distância – CEAD que o Grupo possui vínculos desde surgimento do centro. Além das ações de extensão na Rádio UDESC estar em contato permanente com múltiplos profissionais das mais diversas linhas e segmentos teórico-práticos.

Ainda sobre a Produção Coletiva de Conhecimento, encontro em Borges que

[...] é possível pensar que o conhecimento é produzido conforme a visão empirista [...] Assim, a ação docente do professor liga-se a diferentes concepções sobre a natureza do conhecimento científico e sobre a educação, relacionando-se também a seu posicionamento político e social. Por isso, tanto em cursos de formação como em cursos de atualização, é importante questionar os fundamentos epistemológicos e pedagógicos da educação (BORGES, 1991, 175)

Ou seja, o conhecimento se produz, também, por um posicionamento subjetivo, o que encontra diretamente com a máxima de Freire (1996), já citada acima, de que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (idem). Mundo este sempre sexuado e encarnado, por isso, não existe posicionamento neutro, já que todo conhecimento é produzido por Seres subjetivos e produtos de um processo histórico-sócio-cultural (MELO *et al*, 2002).

Desta forma, encontro em LEVY (apud CYRINO *et al*, 2012) que o desenvolvimento coletivo do conhecimento se dá por meio da valorização subjetiva e coletiva, logo:

[...] a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem de ser biológico em ser humano, pois é pela aprendizagem nas relações com os outros que se constroem os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental do indivíduo [...] a inteligência coletiva é o projeto de uma inteligência variada, distribuída em toda parte, sempre valorizada e posta em sinergia em tempo real, sendo uma nova forma de laço social no qual cada ser humano é, para os outros, uma fonte de conhecimentos. A inteligência coletiva não é a fusão das inteligências individuais em uma espécie de “magma comunitário”, mas, ao contrário, é a valorização e a reativação mútua das singularidades (p. 64-66)

Além disto, os autores ainda retratam que o desenvolvimento coletivo avançou aceleradamente com o acesso às ditas “novas tecnologias” TIC’s, pois

[...] as comunidades, que alcançaram um grande crescimento com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC’s), especialmente a Internet, são um exemplo de possibilidades de produção, troca e cooperação em coletivos. Ao mesmo tempo, expressam bem o valor que o conhecimento vem assumindo na sociedade contemporânea, inclusive aquele não oficial e que se estrutura fora dos sistemas tradicionais de certificação (p.66)

Ou seja, assim como o Grupo EDUSEX percebeu em suas pesquisas, estes autores também elucidaram esta perspectiva do acesso às informações serem iminentemente necessários no desenvolver de propostas intencionais que democratizem o acesso, bem como auxilie nos processos de ensino-aprendizagem das instituições formais e não formais.

3.4 ...CATEGORIA MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM INTERFACES MIDIÁTICAS

Neste ponto adentramos a última categoria desta pesquisa a produção de **Materiais Pedagógicos com Interfaces Midiáticas** pelo Grupo EDUSEX, pois, assim como os autores supracitados relataram em suas pesquisas, o Grupo EDUSEX também verificou a importância de desenvolver propostas com acesso democratizado por meio de várias ferramentas midiáticas.

Para contextualizar o surgimento da pesquisa referente à que se trata esta dissertação, se faz essencial trazer o percurso que antecedeu a referida pesquisa, pois foram os resultados destas que motivaram o *insight* do EDUSEX para o desenvolvimento das vídeoaulas. Portanto, de modo cronológico trago que o projeto de pesquisa “Desenvolvimento de uma proposta de protótipo de programa de TV Educação sexual em debate como subsídio em processos de formação continuada de educadores” com início em agosto de 2009 e finalizado em julho de 2013, trouxe em sua caminhada investigativa a compreensão do EDUSEX da importância da categoria “professor reflexivo” e a sua estreita relação com a educação sexual intencional emancipatória, ao ponto de afirmarem que “os processos de formação continuada realizados com os professores e professoras deveriam tratar a questão da categoria professor-reflexivo como conteúdo

fundamental, sendo que essa categoria deveria perpassar toda a produção de material e as propostas de metodologias”. Compreendido isto, foi, então, adotado a partir deste projeto de pesquisa a metodologia de “pesquisa-ação”, já que

Na certeza de que nosso investimento no desenvolvimento e na produção de materiais didático metodológicos, aliado ao uso de tecnologias de informação e comunicação vem nos possibilitando aperfeiçoar a preocupação com a categoria professor-reflexivo nas propostas metodológicas e nos materiais pedagógicos elaborados, em qualquer modalidade, incluindo as multimídias.

E este objetivo que moveu a decisão de propor nessa perspectiva o projeto de pesquisa em questão. O de desenvolver uma proposta de protótipo de um programa de TV sobre educação sexual, voltado para formação de educadores e educação sexual com possibilidade de adaptação do mesmo em várias linguagens midiáticas (DVD, internet) algo que proporciona a democratização ao acesso a essa abordagem emancipatória de Educação Sexual Intencional Emancipatória. E dentro das ações do EDUSEX nos três pilares da academia entrelaçando ensino, pesquisa e extensão nesse percurso.

O Grupo traz nos artigos desenvolvidos no decorrer da pesquisa que Vasconcellos (1971, p.3) nos diz que "a sexualidade humana é uma descoberta, uma elaboração, uma busca". De acordo ainda com a autora a sexualidade humana tem

Um peso que a estrutura como um existencial, como uma dimensão do ser-no-mundo do homem, posto que não nos referisse a uma sexualidade animal, sem história e sem cultura, mas a sexualidade enquanto imersa na temporalidade, nela recebendo sua revelação existencial, suas formalizações conceituais, sua expressão estética, seu tratamento moral e social.

Compreendendo, então, a reflexão do Grupo EDUSEX desenvolvida no decorrer desta pesquisa que a reflexão sobre a ação e sobre a formação dos educadores são

possibilidades de significados emancipatórios para a temática educação e sexualidade, significados esses fundamentais em qualquer reflexão sobre educação, e nela sobre a formação de educadores, pode-se questionar também sobre quais os reflexos dessa perspectiva emancipatória - base do trabalho de quase 20 anos do Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual sobre a temática na UDESC - para os/as educadores/as, frente à sexualidade de seus alunos e alunas, nos cursos de formação de educadores e educadoras, bem como nas demais instâncias educadoras em nossa sociedade. Já que sempre há um processo de educação sexual acontecendo, na medida em que somos todos/as sujeitos sexuados, inseridos num mundo também sexuado (MELO e POCIVI, 2002).

E para ser desenvolvida esta pesquisa contou com apoio das bolsistas de extensão e iniciação, bem como com apoio do Centro de Educação à Distância – CEAD da UDESC, no qual o Grupo auxiliou na implementação e criação dos materiais pedagógicos das disciplinas afetas ao EDUSEX.

Encontro em Racanelli (2016) que a utilização de “materiais pedagógicos midiáticos”, denominado pelo autor como “ferramentas midiáticas”, pode ser um meio de empoderamento didático-pedagógico, bem como meio de sensibilização de propostas pedagógicas de várias temáticas, além de uma ferramenta fundamental no processo de democratização do acesso à informação por meio das TIC's, principalmente nos dias atuais, pois como o autor relembra que

Pensar em produção audiovisual para utilização em aula, até o início do século XXI, poderia ser considerado utópico devido ao custo e habilidade técnica necessária para tais produções. Atualmente, a disponibilidade de recursos midiáticos, especialmente em aparelhos smartphones, torna possíveis produções audiovisuais autônomas (p.62)

Por isso, percebo, também, que a produção de materiais pedagógicos com interfaces midiáticas pelo Grupo EDUSEX se iniciou no início do século XXI, quando foram desenvolvidos os primeiros cadernos pedagógicos junto ao curso de Especialização e de Graduação em Pedagogia à distância.

Na construção da práxis de uma proposta de Educação Sexual, numa perspectiva emancipatória, para atuar na formação de professoras e professoras, por meio de ensino na graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão, nas modalidades presenciais e a distância, no Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED e no Centro de Educação à Distância – CEAD, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Mas ressalto que o *insight* do Grupo referente à possibilidades de ampliar a democratização ao acesso às pesquisas acadêmicas deu-se no decorrer da pesquisa referente ao protótipo de programa de TV (2009-2013) que encaminhou o Grupo e esta pesquisadora outrora Bolsista de Iniciação Científica do referido Grupo, ao projeto de desenvolvimento de vídeoaulas, culminando na série EDUSEXCOMUNICA, que teve em suas vídeoaulas o processo de acesso amplificado com a inclusão de uma tradutora de LIBRAS, bem como na elaboração de descrição audiovisual e da criação de produtos extras como a

transcrição literal das vídeoaulas. Como citado no referido projeto de pesquisa que deu origem às vídeoaulas, a preocupação de democratização do acesso às produções acadêmicas referente a temática, foi o ponto chave da elaboração da série, como percebe-se neste trecho do projeto de pesquisa

A possibilidade de divulgar, socializar, ampliar o debate sobre a temática EDUSEX numa perspectiva emancipatória, fica em muito ampliada pelo uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação formal e na formação continuada de educadores. Democratizar esses acessos via o uso de várias ferramentas midiáticas, no objeto atual de nosso projeto a produção intencional de vídeoaulas, fortalecendo o aprender a aprender também na área da Educação Sexual, é meta hoje do Grupo EDUSEX/UDESC, ao qual pertencemos, (Projeto, 2013, p.12).

Ainda em artigo referente à pesquisa, encontra-se também que

Ficou evidente para nós, após a etapa de levantamento de material produzido sobre a temática, que muitas pesquisas contemporâneas têm sido feitas nessa abordagem de uma educação sexual emancipatória e que as mesmas são socializadas em muitos eventos específicos no país e até no exterior, mas esse conhecimento pouco é divulgado junto aos espaços educativos formais e não formais. E é o que este projeto se propôs a fazer, com o **Desenvolvimento e Produção de Vídeoaulas de Educação Sexual Emancipatória como subsídio em Processos de Formação de Profissionais da Educação**, puderam ampliar o público alvo e contribuir com a democratização do acesso às pessoas que não estão ligadas diretamente à academia nem a eventos científicos, como geralmente ocorre, pois nossas vídeoaulas, após todas as edições finais juntamente com a acessibilidade, estão disponíveis online nas redes sociais do grupo de modo público. (MELO, MATTOS, SILVA, 2018, p.05)

Aliás, a produção de materiais e propostas de uma Educação Sexual Emancipatória Intencional está presente em todo desvelar de pesquisas correlatas ao Grupo, pois

Relacionando concomitantemente esses materiais produzidos, por exemplo, a inúmeras pesquisas correlatas terminadas e em andamento desenvolvidas por membros do Grupo EDUSEX no PPGE-UDESC, relativas à análise do uso de jogos online gratuitos por crianças, a busca da compreensão de professoras sobre como os filmes da boneca Barbie influenciam a educação sexual de nossas meninas, para que se tornem eternas princesas, os fundamentos legais encontrados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC para desenvolver propostas de educação sexual emancipatória, contando também com pesquisas de análise sobre os programas produzidos pelo grupo na rádio, dentre outros trabalhos de pesquisas além da produção de livros, artigos, idas a eventos para estabelecer parcerias e conhecer novas experiências, dentre outras, a ampliação do debate sobre as interfaces entre educação, sempre educação sexual, comunicação e tecnologias. (MELO, MATTOS, SILVA, 2018, p.06)

Como ressalta-se neste trecho de artigo, há diversas pesquisas sendo elaboradas na academia e por isso a iminência da disseminação e democratização ao acesso. E, ainda, o compromisso ético-político do grupo o fez desenvolver na prorrogação da pesquisa para poder, justamente, ampliar o acesso da população, pois

[...] as acessibilidades das vídeoaulas já produzidas no decorrer da pesquisa, contando com LIBRAS, a transcrição literal e a áudio descrição. Ressaltamos que a prorrogação foi necessária justamente por causa desse movimento dialético que o grupo está inserido em que revê suas perspectivas e verdades provisórias constantemente, o que nos levou a decidir realizar as acessibilidades a fim de abranger um público-alvo maior, bem como, de respeitar o compromisso do grupo em desenvolver propostas emancipatórias, críticas, de fácil acesso à população em geral e que promovam a cidadania (MELO, MATTOS, SILVA, *ibidem*, p.07)

De acordo com os relatórios e artigos da pesquisa, a transcrição literal não era uma etapa prevista na prorrogação, mas foi-se necessário desenvolver, como elucida-se neste trecho do artigo

[...]as transcrições literais não estavam previstas como material a serem desenvolvidos na justificativa da prorrogação, mas devido a este movimento dialético vivenciado pelo grupo, foi-se necessário abranger, por compreendermos que existem inúmeras especificidades e deficiências as quais se não fossem contempladas, nosso material e pesquisa não respeitaria estas múltiplas diversidades humanas. (MELO, MATTOS, SILVA, *ibidem*, p.08)

Registra-se que em “todo esse processo contou-se com a participação voluntária de diversos profissionais desde técnicos de tecnologia da informação até os profissionais específicos para cada adaptação da acessibilidade” (*ibidem*, p.14).

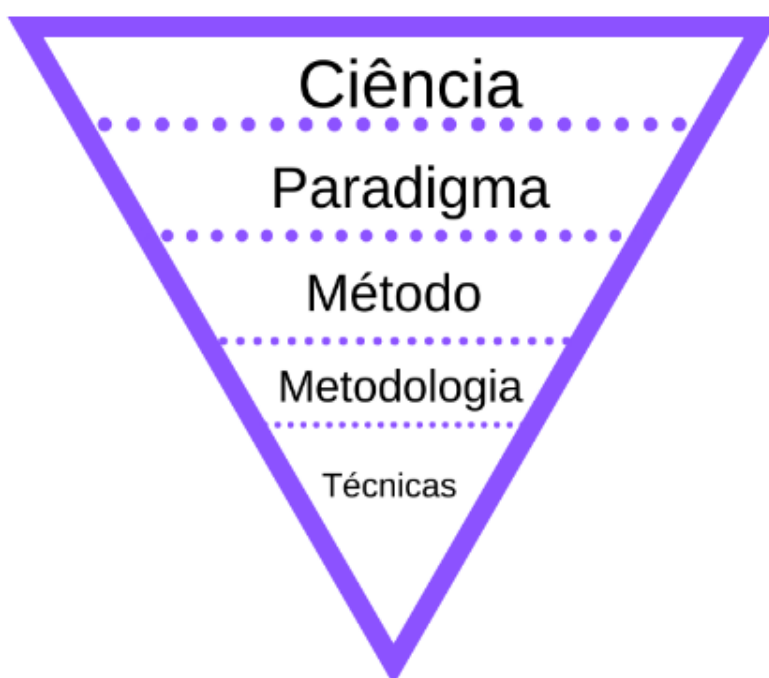
Desta forma, o compromisso ético-político do grupo fundamenta também a elaboração da transcrição literal da série de vídeoaulas, o que embasa esta pesquisa, pois o fazer do EDUSEX levou-me, como bolsista na época, a editar cada vídeoaula, realizar as áudio-descrições e a ouvir atentamente cada vídeoaula para transcrever literalmente cada entrevista. E com essa vivência, pude caminhar até esta dissertação a fim de compreender se há indicadores de uma Educação Sexual Emancipatória Intencional na série EDUSEXCOMUNICA, aqui expressa por meio das transcrições literais.

Portanto, finalizo as minhas quatro categorias base desta dissertação ciente de que o intuito fundamental deste é a análise de conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas desenvolvidas via conhecimento produzido coletivamente pelo Grupo EDUSEX, da transcrição literal da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA à luz da DDSDH, como citado anteriormente.

4. MOVIMENTOS METODOLÓGICOS

Relembrando o triângulo citado acima, represento na figura 01 a lógica aqui definida e em seguida defino os meus movimentos metodológicos de acordo com a imagem explicativa, a fim de caminhar didático-pedagogicamente do conceito amplo de ciência, perpassando as concepções aqui definidas de paradigma, método e metodologia, culminando nas análises de conteúdo deste trabalho representada na figura como DM (dissertação de mestrado).

Figura 1 – Representação dos conceitos



Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Para seguir, encontro em Tartuce (2006) a definição de que ciência se baseia na perspectiva da filosofia ser “[...] a fonte de todas as áreas do conhecimento humano, e todas as ciências não só dependem dela, como nela se incluem.” Ou seja, a Filosofia “É a ciência das primeiras causas e princípios. A Filosofia é destituída de objeto particular, mas assume o papel orientador de cada ciência na solução de problemas universais” Partindo disto, o autor segue e traz que para Marx (1818-1883) a realidade é dialética, ou seja, Marx defende a tese de que “as contradições existem na natureza, portanto, dispõe-se a interpretar essas realidades que se são contraditórias, são concretas” (p.6).

Desta forma, encontro também em Yared (2016) que “Determinar e trilhar o caminho de embasamento epistemológico e seus respectivos princípios e procedimentos metodológicos de um estudo científico é, talvez, a missão mais complexa de qualquer trabalho acadêmico” (p.187). Pois, delinear com quais perspectivas o desenvolvimento da pesquisa terá embasamento é uma tarefa árdua, principalmente quando compreendemos que todos são fundamentados por uma base ideológica.

Como nos diz Freire “neutralidade não existe” (1996, p.71). Ou seja, saibamos ou não, nossas perspectivas e nossos estudos são baseados em nossa própria subjetividade, pois “neutralidade científica é uma falácia e que os pesquisadores e pesquisadoras não vão à campo neutros” (YARED, 2016, p.57).

Segundo Gil (2007) o ato de pesquisar se define como

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (p. 17),

Logo, uma pesquisa científica se inicia e consiste como “uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa”. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 12), ou seja, para realizar uma pesquisa científica é “fundamental ter o conhecimento do assunto a ser pesquisado, além de recursos humanos, materiais e financeiros”, além de que “É irreal a visão romântica de que o pesquisador é aquele que inventa e promove descobertas por ser genial (p. 11-12).

Portanto, baseio-me justamente em minhas vivências plenas juntamente com o Grupo EDUSEX e nele busco os materiais pedagógicos os quais pude participar de sua democratização e/ou elaboração, como no caso da série EDUSEXCOMUNICA e nela as transcrições literais, as quais foram elaboradas em conjunto dos membros do EDUSEX e alunas/os regulares das disciplinas vinculadas ao Grupo EDUSEX todo o decorrer da parte técnica.

No que diz respeito à concepção de ciência, encontro em Fonseca (2002), uma perspectiva que está de acordo com as vivenciadas pelo EDUSEX, pois o autor retrata que as experimentações práticas relacionadas ao raciocínio lógico e à observação estabelecem o conhecimento científico, baseando-se “por um

conjunto de modelos de observação, identificação, descrição, investigação experimental e explanação teórica de fenômenos. O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas” E para a realização de pesquisas científicas é necessário estabelecer “[...] regras fixas para a formação de conceitos, para a condução de observações, para a realização de experimentos e para a validação de hipóteses explicativas”. O autor ainda retrata que “O objetivo básico da ciência não é o de descobrir verdades ou de se constituir como uma compreensão plena da realidade” (p.11-12), por isso o Grupo acredita, aí incluída esta pesquisadora, que a dialética se desenvolve justamente nesses processos de movimentos dialéticos de teses e antíteses, num caminhar constante.

Além disto, encontro nas autoras Gerhardt e Silveira (2009) que conhecimento teve várias concepções durante a história humana, por exemplo,

[...] a definição clássica de conhecimento, originada em Platão, diz que ele consiste de crença, verdadeira e justificada. Em filosofia, mais especificamente em epistemologia, **crença** é um estado mental que pode ser verdadeiro ou falso. Ela representa o elemento subjetivo do conhecimento. Platão, iniciador da tradição epistemológica, opôs a crença (ou opinião – *doxa*, em grego) ao conceito de conhecimento. Uma pessoa pode acreditar em algo e, ainda assim, ter dúvidas. Acreditar em alguma coisa é dar a isso mais de 50% de chance de ser verdadeiro. Acreditar é ação. A crença é a certeza que se tem de alguma coisa. É uma tomada de posição em que se acredita nela até o fim; ou seja, é sinônimo de convicção, fé, conjunto de ideias sobre alguma coisa, etc.; atitude que admite uma coisa verdadeira. **Verdade** significa o que é real ou possivelmente real dentro de um sistema de valores. Esta qualificação implica o imaginário, a realidade e a ficção, questões centrais tanto em antropologia cultural, artes, filosofia e na própria razão. O que é a verdade afinal? Para Nietzsche, a verdade é um ponto de vista. Ele não define nem aceita definição da verdade, porque diz que não se pode alcançar uma certeza sobre isso. Em epistemologia, **justificação** é um tipo de autorização a crer em alguma coisa. Quando o indivíduo acredita em alguma coisa verdadeira, e está justificada a crer, sua crença é conhecimento. Assim, a justificação é um elemento fundamental do conhecimento (p.18).

Por isso, trago em Nunes (1996) uma abertura para o diálogo sobre dialética na origem do pensamento grego, quando

Entendemos a dialética a partir das suas matrizes filosóficas, encontradas nas origens do pensamento grego. O pensamento de HERÁCLITO DE SAMOS (Séc. VI a.C) já captava a trama da dinamicidade do mundo e das coisas ao afirmar que "tudo muda, nada permanece igual, como este fogo eternamente vivo, como a união dos contrários de amor e ódio".⁵ Tal pensamento opunha-se aos conceitos dos filósofos de Eléia, liderados por ZENON (490-430 a.C), que pregava a unicidade e imutabilidade das coisas e do mundo como paradigma da perfeição. HERÁCLITO DE SAMOS (540 a.C -476 a.C) afirmava a tensão da realidade, sua mutabilidade voraz, seu dinamismo incessante que a todos envolveria numa mudança e devir radical.

O autor continua a abertura do diálogo quando nos diz que:

Esta matriz conceitual da "dialética", congregando a composição da mutabilidade e do dinamismo das coisas e do ser do mundo é a raiz fundante de nosso pensar. PLATÃO (428-347 a.C) define como dialética sua metodologia filosófica investigativa, de partir de as coisas sensíveis até atingir as verdades plenas e perfeitas. A compreensão platônica, no campo da gnosiologia, assemelha-se a uma ascese da razão, das coisas sensíveis para a imutabilidade das verdades eternas, das aparências para a essência, num exercício ascético que seria reservado ao filósofo e espíritos preparados para tal feito. Neste caso, a dialética seria a transcendência da realidade sensível para atingir, por este movimento do pensamento e do espírito, o mundo das ideias. A concepção dialética de Platão encontra-se definida nos seguintes termos do diálogo SOFISTA (367 a.C, HERACLITO DE SAMOS (540 a.C- 476 a.C) Filósofo grego considerado o "pai de Dialética", entendida como uma concepção de mundo a partir da perspectiva da mudança. Seus escritos perderam-se, restando poemas fragmentários relatados por ARISTÓTELES (384-322 a.C) que o classificara entre os "Físicos", filósofos pré-socráticos que buscavam apreender o princípio primordial constitutivo da natureza. Sua mais famosa frase é "Não se banha duas vezes do mesmo rio..." (Siracusa), dedicado ao combate aos sofistas na cidade de Atenas. Neste diálogo, entendido como gênero literário, Platão apresenta a dicotomia verdade e erro e pretende, ao evocar a dialética, desmascarar a falsidade verbal e retórica dos sofistas, considerados charlatões por este.

O autor continua e nos traz que o pensamento filosófico grego se encontrou com o pensamento alemão e pôde vivenciar a dialética filosófica, pois

A Modernidade trouxe para a cultura humana o gênio extraordinário da Filosofia Alemã e sua trilogia sagrada: KANT (1724-1804), HEGEL, (1770-1831) e MARX, (1818-1883). Ali o pensamento filosófico ocidental encontrou uma forma absolutamente original, com as construções de sólidos sistemas gnosiológicos epistemológicos e cosmológicos que ainda não foram superados no seu campo de influência e constituição. Mas, destes grandes pensadores modernos alemães, aquele que resgatou a complexidade do conceito de dialética foi originariamente HEGEL. Para HEGEL a dialética é a lei universal da oposição dos contrários, o suporte explicativo da dinamicidade da realidade e o motor do devir do espírito, pois as coisas existem e são constituídas pela tensão entre o ser e o não-ser, o conflito entre o claro e o escuro, entre a vida e a morte, entre a realidade da sensação e o espírito (p. 24-25)

Diante disso, o autor nos permite refletir a perspectiva em que se fundamenta este trabalho, já que o materialismo-histórico-dialético analisa a realidade de acordo com as subjetividades de cada contexto histórico-social. Logo, compreende-se no contexto atual que se faz fundamental a probidade e seriedade da temática como categoria de estudo e de emancipação humana. Para tanto, percebo a necessidade de analisar os produtos da referida pesquisa, à luz da DDSH, indicadores de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória.

Partindo, então, deste pressuposto, pode-se dizer que esta pesquisa foi fundamentada no paradigma filosófico do materialismo-histórico-dialético, sendo que foi de natureza qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa descritiva documental, baseada nas técnicas de análise de conteúdo a fim de cotejar os materiais selecionados com a DDS DH, no quadro 08.

Portanto, como explicito desde o início desta pesquisa que ora finda, a abordagem desta está calcada no paradigma do materialismo dialético que também norteia as atividades realizadas no decorrer dos mais de 30 anos do Grupo. Desta forma, encontro em Nunes (1996) que a dialética da sexualidade é mais complexa, pois:

A determinação de buscar compreender a sexualidade a partir das referências metodológicas da dialética materialista não exime de compreender também sua historicidade e dimensões estruturais de formação. A atitude política que nos move é a de buscar romper com o pensamento dominante sobre a sexualidade, que pretende reduzi-la a um amontoado de noções biologistas, instintivas ou institucionais morais. Nosso objetivo é compreender a sexualidade na trama das relações sociais e culturais de cada época humana, explicitar seus determinantes econômicos, mormente dos modelos hegemônicos, decifrar seus eixos de sentido e desvendar as contradições dos códigos de poder que a envolvem. Na concepção dialética da pesquisa em educação, a metodologia está intrinsecamente envolvida com uma concepção de realidade, uma concepção de mundo, uma visão do homem, da vida e da história. (p.)

Segundo Yared (2016) para compreender essas concepções se faz essencial encontrar as características do Materialismo Histórico em Triviños (2012), o qual apresenta como a “[...] ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (p. 51). Desta forma, pode-se considerar a ciência como “instrumento de produção de conhecimento que vem da vida e deve voltar para a vida” (YARED, 2016, p.198), sendo que Santos (2010) afirma “[...] todo conhecimento científico é socialmente construído”(p.09) e que a ciência, ao romper com o senso comum, deverá se tornar um novo senso comum, logo, a ciência “não somente é produzida pelos seres humanos, mas que esse conhecimento deve voltar para os humanos, num processo de democratização do acesso ao conhecimento científico” (YARED, 2016, p.199). Por isso, refletir sobre o que já foi desenvolvido e vivenciado, numa

prática de reflexão da própria reflexão, possibilitaria o entendimento histórico-crítico dos percursos e propostas desenvolvidas com e pelo grupo EDUSEX.

Ainda em Yared (2016) encontra-se que “o Materialismo Dialético é a base filosófica do marxismo. Entende que o conhecimento é relativo a cada momento histórico e que os seres humanos são capazes de apreender a realidade”, mas a autora ainda ressalta um conceito presente em Triviños (2012) que nos alerta que este processo de conhecer o mundo “[...] não é imediato, instantâneo, e sim gradual. O pensamento avança no conhecimento do objeto.” (p. 25). Logo, essa relação de “pesquisar na perspectiva do método dialético é voltar ao ponto de partida, é retornar ao passado e analisá-lo a contrapelo para refletir sobre o fenômeno e suas partes, com vistas a ampliação de sua totalidade” (YARED, 2016, p.201). Por isso busco compreender os caminhos percorridos do NES ao EDUSEX, no intuito dialético de descrever, sistematizar, organizar suas produções contribuindo, enquanto categoria de pesquisa, ensino e extensão, na construção de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória como subsídio no processo de formação de professores/as e educadores/as. Lembrando que esta pesquisa também possibilita caminhos e pesquisas futuras de análise das influências da Grupo na temática Educação Sexual e Sexualidade nos cursos de graduação e pós-graduação em que está envolvido. Lembrando, também, que o método dialético norteia todas as ações do Grupo, sendo utilizado em todas pesquisas e práticas do grupo, baseando também na pesquisa-ação que, segundo Boggino e Rosenkrans (2004, p.19-20) “potencializa a curiosidade epistemológica, onde os pesquisadores e demais envolvidos refletem sobre suas práticas e buscam validar os conhecimentos daí advindos”. Também refletido junto com Melo et al (2014) que

[...] explicitar-se claramente o paradigma subjacente a essa construção de conhecimentos, o que por sua vez implica em uma referência epistemológica do desenvolvimento de alternativas metodológicas - e NÃO O CONTRÁRIO. Registramos então como paradigma subjacente a essa proposta de investigação o da teoria crítica, que entende que a natureza do conhecimento é estrutural e está baseada em uma análise sócia histórica e que os critérios de qualidade incluem a explicitação das contradições e o estímulo às mudanças que busquem transformar as relações de poder, emancipando as pessoas.

Aliás, as autoras continuam e reforçam que estas contradições e estímulos

[...] Estão utilizadas permanentemente no decorrer do projeto técnicas da pesquisa bibliográfica sobre as categorias fundantes para o trabalho investigativo, bem como técnicas de análise documental necessária para coletar as produções de grupos de pesquisas sobre a temática, selecionados na internet e em vários outros espaços devidos [...] de categorias que são os eixos epistemológicos da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos, da World Association of Sexology/WAS. Definido os temas, a ordem e a sequência das vídeoaulas, [...] como início de uma série de vídeoaulas denominada EDUSEXCOMUNICA. (MELO et al, 2014, p.4)

Por isso, encontro em TRIVIÑOS (1987) de que a concepção de pesquisa descritiva se baseia em “descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (p.115). Por isso, fundamento minha pesquisa também na concepção de descritiva documental, já que para analisar o conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas é necessário primeiramente descrever os fatos, pois farei uma busca documental. Encontro em Fonseca (ibidem) que

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (p. 32).

Desta forma, será utilizada como metodologia para a análise dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas elaborados pelo Grupo EDUSEX via análise de conteúdo cotejadas com a DDSH. E para realizar da análise de conteúdos, pautou-se em Bardin (1988) que elucida:

A documentação permanece uma atividade muito circunscrita e a análise documental pouco conhecida do profano, é um assunto para especialistas. No entanto, alguns procedimentos de tratamento da informação documental apresentam tais analogias com uma parte das técnicas da análise de conteúdo que parece conveniente aproximá-los para melhor os diferenciar. [...] o propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo) com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). A análise documental é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados. (p.45-46).

A análise de conteúdo, técnica fundamental deste estudo, tem como categoria base a técnica de análise documental expressa em Ludke e André

(1986), já que a descrição é uma primeira etapa da análise documental e representa:

[...] técnica (que) busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Como exemplos gerais de documentos, podem ser citadas: as leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, arquivos escolares, circulares, etc. Novamente aqui, o uso desta técnica apresenta vantagens e desvantagens, mas se recomenda o seu uso quando o pesquisador se coloca frente a três situações básicas: [...] e quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos. Dentre as etapas do processo de utilização da análise documental destaca-se a de análise propriamente dita dos dados, na qual o pesquisador recorre mais frequentemente à metodologia de análise de conteúdos. (p.46)

E para compreender o passo a passo da análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (ibidem) e Triviños (ibidem), foi nesta pesquisa sintetizados da seguinte maneira: o passo inicial com a coleta e organização dos dados, em segundo momento a imersão no conteúdo e, por fim, a percepção dos indicadores por meio da análise de conteúdo desvelando as categorias.

4.1 PASSO INICIAL: COLETA, ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Para a coleta de dados, conforme foi explicitado no decorrer deste trabalho, utilizaram-se as transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, desenvolvidas no projeto de pesquisa do Grupo EDUSEX, explicitadas no quadro a seguir:

Quadro 8 – Pesquisa 2013 a 2018

DURAÇÃO	TÍTULO	PRODUTOS			
		Série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA			
Agosto/2013 a julho/2018	Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsidio em processos de formação de profissionais da educação	“Conversando sobre Formação de Educadores e Educação Sexual”	“Conversando sobre Compreensão Humana”	“Conversando sobre Masculinidades”	“Conversando sobre Blendedlearning”
		SUBPRODUTOS			
		03 blocos de modelos experimentais	01 teaser	01 transcrição literal	01 transcrição literal
		01 transcrição literal	01 transcrição literal		
		01 vídeoaula com LIBRAS	01 vídeoaula com LIBRAS	01 vídeoaula com LIBRAS	01 vídeoaula com LIBRAS

Fonte: acervo do Grupo EDUSEX, elaborado pela própria autora, 2019.

Desta forma, sigo com a explicitação do que foi desenvolvido e analisado em cada uma das transcrições da serie EDUSEXCOMUNICA, a fim de elucidar o passo a passo da análise de conteúdo para que possamos, então, atingir o objetivo central desta pesquisa a análise de conteúdo das transcrições literais do EDUSEXCOMUNICA, constatando se está de acordo com a DDSH.

4.2 PASSO SEGUINTE: IMERSÃO NA DDSH E O QUE DIZEM OS DIREITOS

Diante ao apresentado até o momento, pode-se afirmar o quão vagaroso está o caminhar das sociedades para uma concepção de cidadania plena, já que, por exemplo, em nosso próprio contexto sócio-político atual se percebe que há alguns avanços nas políticas públicas, mas há também muitos momentos críticos de retrocesso. Alcançam-se determinadas conquistas sociais, em contrapartida, bancadas conservadoras em nosso congresso sugerem e/ou aprovam legislações que coíbem/atrapalham o desenvolvimento de uma cidadania plena retirando direitos e/ou excluindo público-alvo.

Por isso em conjunto dos movimentos dialéticos do EDUSEX, decidi cotejar os produtos da pesquisa selecionada com a Declaração de Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH, com intuito de analisar se a abordagem de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória é expressa nos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas do grupo EDUSEX na pesquisa selecionada.

Ainda que este documento não seja considerado uma norma legal, serviu-me de base para a análise de conteúdo da categoria Educação Sexual Emancipatória aqui realizada, calcada na perspectiva de cidadania para todas as pessoas.

Esta declaração foi proclamada no 13º Congresso de Sexologia realizado pelo “*World Association for Sexual Health* (Associação Mundial pela Saúde Sexual – WAS)” em 1997 em Valência na Espanha, como já citado. A presente declaração foi revisada e aprovada pelo Conselho Consultor da WAS em março de 2014.

Esta declaração (anexo I) nos traz concepções de Educação Sexual e Sexualidade como parte inerente à cidadania plena, expressa em seus 16 direitos, pois nos diz que:

Reconhecendo que direitos sexuais são essenciais para o alcance do maior nível de saúde sexual possível, a Associação Mundial para a Saúde Sexual: DECLARA que direitos sexuais são baseados nos direitos humanos universais que já são reconhecidos em documentos de direitos humanos domésticos e internacionais, em Constituições Nacionais e leis, em padrões e princípios de direitos humanos, e em conhecimento científico relacionados à sexualidade humana e saúde sexual. (p.01)

Além disso, a declaração ainda nos traz que

[...] a sexualidade é um aspecto central do ser humano em toda a vida e abrange sexo, identidade e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A Sexualidade é experienciada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre expressadas ou sentidas. Sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. RECONHECE que a sexualidade é uma fonte de prazer e bem estar e contribui para a satisfação e realização como um todo. (p.01)

A Declaração ressalta que

[...] a saúde sexual é um estado de bem estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade; não é meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa para com a sexualidade e relacionamentos sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação ou violência. REAFIRMA que a saúde sexual não pode ser definida, compreendida ou operacionalizada sem uma profunda compreensão da sexualidade. (p.01)

Ainda elucida que

RECONHECE que todos os tipos de violência, perseguição, discriminação, exclusão e estigma, são violações dos direitos humanos e afetam o bem estar do indivíduo, famílias e comunidades. AFFIRMA que as obrigações de respeitar, proteger, e consumir direitos humanos se aplicam a todos os direitos sexuais e liberdades. (p.01)

E finaliza sua introdução com a seguinte concepção

AFIRMA que os direitos sexuais protegem os direitos de todas as pessoas na plena realização e expressão de sua sexualidade, usufruindo de sua saúde sexual, desde que respeitados os direitos do próximo (p.01)

Compreendo assim que esta declaração reafirma a sexualidade como inerente ao existir humano e que somos seres sexuados. Logo, todas nossas ações são sexuadas, não necessariamente sexualizadas, o que são conceitos e categorias de pesquisa diferentes. Portanto, “se todas nossas ações são sexuadas e se todas as ações/relações são educativas e educadoras, logo, todos nós seremos educadores sexuais uns dos outros, compartilhando e (re)descobrimos valores, conceitos e culturas” (MATTOS, *ibidem*, p.36). Pude perceber no decorrer deste trabalho que a DDSH expressa significativamente a compreensão de Educação Sexual Intencional Emancipatória desenvolvida pelo Grupo e em minhas vivências conjuntamente com o mesmo. Partindo disto, percebo que posso utilizar esta declaração como expressão pedagógica com indicadores fundamentais para exercer e se desenvolver propostas de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória e, por isso, servirá de base para analisar as transcrições da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA da referida pesquisa selecionada a fim de compreender se há efetividade no intuito de uma abordagem intencional emancipatória do EDUSEX.

Posso também compreender esta declaração como parte fundamental para se compreender a Educação Sexual Intencional Emancipatória como movimento político-sócio-cultural permeado de “valores morais, éticos e religiosos, mas que visa à emancipação do sujeito integral e pleno, cidadão reflexivo, capaz de analisar seu próprio mundo e o mundo em que está inserido de modo crítico” (MATTOS, *ibidem*, p.40) a fim de compreender sobre si e sobre o outro esse movimento dialético das relações que são mutuamente educadoras e educativas.

Para tanto, trago no quadro 8 alguns direitos extraídos da DDS DH que nos servirão de Indicadores de uma abordagem de Educação Sexual Intencional Emancipatória a fim de cotejar com a análise de conteúdo realizada a partir dos produtos da pesquisa selecionada, indicadores estes elaborados a partir de uma leitura crítico-analítica da DDS DH.

Analisando os direitos, um a um e por ordem de 1º ao 16º, encontramos no primeiro direito, por exemplo que **O Direito a igualdade e a não discriminação**, nos diz que “Todos têm o direito de usufruir dos direitos sexuais definidos nesta Declaração” ou seja “sem distinção de qualquer tipo, seja raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, local de residência, características, nascimento, deficiência, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar” além disso ressalta que também não deve haver discriminação por “orientação sexual, identidade e expressão de gênero, estado de saúde, situação econômica, social ou outra qualquer”.

Já no **Direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal**. Afirma que “Todos têm o direito à vida, liberdade e segurança, que não podem ser ameaçadas, limitadas ou removidas arbitrariamente por motivos relacionados à sexualidade” Nesta questão estão incluídas “orientação sexual, comportamentos e práticas sexuais consensuais, identidade e expressões de gênero, bem como acessar ou ofertar serviços relacionados à saúde sexual e reprodutiva”.

Encontramos também o **Direito a autonomia e integridade corporal**, em que “todos têm o direito de controlar e decidir livremente sobre questões relativas à sua sexualidade e seus corpos. Isto inclui a escolha de comportamentos sexuais, práticas, parceiros e relacionamentos, desde que respeitados os direitos do próximo” além disso diz que “a tomada de decisões livre e informada, requer consentimento livre e informado antes de quaisquer testes, intervenções, terapias, cirurgias ou pesquisas de natureza sexual”.

No caso do **Direito de estar isento de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante**, faz-se essencial ressaltar que “todos devem estar isentos de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante em razão de sua sexualidade, incluindo: praticas tradicionais nocivas; esterilização, contracepção ou aborto forçado”, além de informar que estão garantidas por direito a não vivenciarem “outras formas de tortura, tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes praticados por razões relacionadas ao sexo, gênero, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, ou característica física de alguém”.

O que vai de encontro com o **Direito de estar isento de todas as formas de violência ou coerção.**, que garante também que “todos deverão estar isentos de violência e coerção relacionadas à sexualidade”, isto inclui “Estupro, abuso ou, perseguição sexual, “bullying”, exploração sexual e escravidão, trafico com propósito de exploração sexual, teste de virgindade ou violência cometida devido à prática sexual real ou presumida, orientação sexual, identidade e expressão de gênero ou qualquer característica física”.

Além disso, o **Direito à privacidade** traz que “todos têm o direito à privacidade relacionada à sexualidade, vida sexual e escolhas inerentes ao seu próprio corpo, relações e práticas sexuais consensuais, sem interferência ou intrusão arbitrária”, ou seja, “controlar a divulgação de informação relacionada à sua sexualidade pessoal a outrem”.

Encontramos no **Direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras**, que “Todos têm o direito ao mais alto padrão de saúde e bem estar possíveis, relacionados à sexualidade, incluindo a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras”, sendo assim “Isto requer a disponibilidade, acessibilidade e aceitação de serviços de saúde qualificados, bem como o acesso a condições que influenciem e determinem a saúde, incluindo a saúde sexual”. Este direito está nitidamente vinculado ao oitavo direito, o **Direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações**, pois “todos têm o direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações em relação à sexualidade e saúde sexual”.

Já o **Direito à informação**, vem de encontro com a perspectiva do Grupo EDUSEX de democratizar o acesso, pois diz “todos devem ter acesso à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais através de diversas fontes” e lembra que “Tal informação não deve ser arbitrariamente censurada, retida ou intencionalmente deturpada.”.

E neste ponto encontramos o direito que pode fundamentar essencialmente nossas pesquisas o **Direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora**. Como o próprio EDUSEX desenvolve em suas produções, acreditamos assim como o direito traz que “Educação sexual esclarecedora deve ser adequada à idade, cientificamente acurada, culturalmente idônea, baseada nos direitos humanos, na equidade de gêneros e ter uma abordagem positiva quanto à sexualidade e o prazer”.

Na DDSDH há também o **Direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto**, em que traz “todos têm o direito de escolher casar-se ou não, bem como adentrar livre e consensualmente em casamento, parceria ou outros relacionamentos similares” Além disso este direito traz que “todas as pessoas são titulares de direitos iguais na formação, durante e na dissolução de tais relacionamentos sem discriminações de qualquer espécie”. E garante também que haja “igualdade absoluta de direitos frente a seguros sociais, previdenciários e outros benefícios, independente da forma do relacionamento”.

Não obstante, há ainda o **Direito a decidir sobre ter filhos, o número de filhos e o espaço de tempo entre eles, além de ter informações e meios para tal**. Este vem de encontro com todos os apresentados até o momento, pois afirma que “todos têm o direito de decidir ter ou não ter filhos, a quantidade destes e o lapso de tempo entre cada criança. O exercício desse direito requer acesso a condições que influenciam e afetam a saúde e o bem-estar” o que inclui “serviços de saúde sexual e reprodutiva relacionados à gravidez, contracepção, fertilidade, interrupção da gravidez e adoção”, que vai de encontro com o direito já citado de uma Educação Sexual Emancipatória.

O **Direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão**, faz-se fundamental, principalmente no momento histórico-sócio-político em que nos encontramos, visto que traz “Todos têm o direito à Liberdade de pensamento,

opinião e expressão relativos à sexualidade, bem como o direito à expressão plena de sua própria sexualidade”, bem como exemplifica que esta liberdade inclui a aparência, na comunicação e o comportamento social e pessoal, mas ressalta que a liberdade está diretamente ligada ao respeito dos direitos dos outros.

No caso do **Direito à Liberdade de associação e reunião pacífica**, reforça a liberdade acima citada e concomitantemente manifesta que “todos têm o direito de organizar-se, associar-se, reunir-se, manifestar-se pacificamente e advogar, inclusive sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais”. Assim como no **Direito de participação em vida pública e política**, em que salienta a importância de garantir o “o direito a um ambiente que possibilite a participação ativa, livre e significativa em contribuição a aspectos civis, econômicos, sociais, culturais e políticos da vida humana a nível local, regional, nacional ou internacional” e para isso reforça que “todos têm o direito de participar no desenvolvimento e implantação de políticas que determinem seu bem-estar, incluindo sua sexualidade e saúde sexual”.

O **Direito de acesso à justiça, reparação e indenização**, surge com o intuito de garantir o “acesso à justiça, reparação e indenização por violações de seus direitos sexuais. Isto requer medidas efetivas, adequadas e acessíveis, assim como devidamente educativas, legislativas, judiciais, entre outras”. E lembra que esta reparação se inclui a “retratação, indenização, reabilitação, satisfação e a garantia de não repetição”.

Reconhecendo que estes direitos sexuais são, então, fundamentais para o alcance de uma cidadania exercida plena e integralmente, além de expressarem pedagogicamente a abordagem de uma Educação Sexual Intencional Emancipatória, pois, como visto nos seus dezesseis direitos isto é base de uma cidadania emancipada. Além disso o oitavo, nono e décimo direitos expressam nitidamente esta perspectiva de emancipação humana. E todas as afirmações e garantias expressas nesta declaração ressaltam a importância de tratarmos desta temática.

Como dialogamos no EDUSEX, se a nossa realidade fosse, então, emancipatória por si, estes direitos estariam intrínsecos no modo de agir e produzir em sociedade, logo, não seria nem necessário trazer à tona tais questões. Porém, o nosso modo de vida e de produção vai no sentido contrário, o

de manter na obscuridade e ignorância a população, para provavelmente manter o poder.

Por isso, este trabalho bem como todos os mais de trinta anos de atuação do EDUSEX se pautam nesta perspectiva de modo de vida, em que vivenciamos modelos de educação repressora e buscou-se desconstruir isto para utopicamente vivenciar um modo de vida pleno, integral, cidadão e emancipado.

Desta forma, os direitos extraídos para cotejar com as produções da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, foram selecionados após uma reflexão conjunta com o Grupo EDUSEX em que se pode perceber quais direitos iam de encontro maior com a temática em questão. Apesar de todos os dezesseis direitos estarem amplamente de acordo com a perspectiva deste trabalho, bem como com a perspectiva do EDUSEX. Estes indicadores encontrados na DDSDH e criticamente selecionados, fundamentaram a comparação com os materiais selecionados, explicitados nos próximos capítulos, uma vez que busco verificar se esses indicadores que selecionei da DDSDH (de modo explícito ou não) são contemplados na série de vídeoaulas do EDUSEXCOMUNICA, aqui expressa por meio das transcrições literais.

Para tanto, segue no quadro 9 os indicadores que pude perceber e selecionar a fim de dar luz a temática desta pesquisa, também já utilizado em minha pesquisa anterior (MATOS, 2017). Estes indicadores aqui expressam o processo de imersão no conteúdo dos dados que foram observados e analisados nesta pesquisa, visto que salientam as possíveis vivências de propostas de uma educação sexual emancipatória intencional. Isto se dá, principalmente, devido à DDSDH ser pedagogicamente o documento que expressa esta vertente. Segue, então, no quadro a seguir os indicadores quais utilizo como expressão da vertente supracitada.

Quadro 9 – Indicadores da DDSDH

DIREITO	INDICADORES
O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora.	Educação numa perspectiva emancipatória.
O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão.	Emancipação do sujeito.
O direito de participação em vida pública e política.	Cidadania plena.
O direito à vida, Liberdade, e segurança pessoal.	Expressão da sexualidade e identidade de gênero no cotidiano
O direito à informação.	Desmistificação de tabus e conceitos equivocados.
O Direito a igualdade e a não discriminação	Igualdade e equidade, valorização da diversidade.

Fonte: produção da própria autora em 2017, baseada nas DDSDH de 2014.

Percebe-se, então, nos excertos que foram selecionados e analisados a compreensão de emancipação do sujeito está explicitada na DDSDH e nestes excertos. A partir da compreensão da Educação Sexual e da Sexualidade como parte da condição humana se possibilita a desmistificação dos conceitos, culturas e valores das construções histórico-político-sociais das sociedades, assim como dos sujeitos nelas inseridos. Diante disto, neste paradigma, a educação numa perspectiva macro pode “proporcionar um possível caminhar para a equidade e a igualdade de todas e todos os cidadãs e cidadãos” (MATTOS, *ibidem*, p.41).

Portanto, a fim de encaminhar os próximos capítulos à luz destas concepções emancipatórias, finaliza-se este capítulo com a seguinte questão: “o que a série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA nos indica à luz do quadro 9?”.

4.3 PERCEPÇÃO DOS INDICADORES POR MEIO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: DESVELANDO AS CATEGORIAS

O contexto da elaboração das vídeoaulas até a produção da amostra escolhida para análise se faz fundamental elencar, a fim de elucidar todo o processo vivido até aqui.

No caso da referida pesquisa citada acima, a série EDUSEXCOMUNICA contou com apoio dos alunos especiais matriculados na disciplina “Tecnologia e formação de educadores: interface com a temática da educação sexual” ministrada pela Prof.^a Dr^a Sonia Melo em 2014.2 e em 2015.1, aproximação esta propiciada pela docente da disciplina que é também a orientadora da pesquisa. Com a inserção das bolsistas como alunas ouvintes nas disciplinas nos dois semestres e com a ementa da mesma tendo em seu conteúdo a produção de materiais didático-pedagógicos de educação sexual com apoio de ferramentas midiáticas, a produção da vídeoaula tornou-se produção coletiva ampliada. Em 2014.2 foi decidido nesse grupo ampliado qual a primeira vídeoaula a ser produzida. A escolha foi realizada a partir das etapas vividas no ano anterior da pesquisa citada. Pela diversidade de formação dos discentes da turma citada, em que tínhamos educadores do Grupo EDUCOM FLORIPA e membros do Grupo EDUSEX, inclusive as bolsistas da Iniciação Científica, foram ricos debates, estudos e reflexões sobre o modelo, a determinação dos subtemas, da ordem e da sequência da vídeoaula, com todos e todas elaborando o roteiro coletivamente, editando, experienciando e vivenciando cada etapa decidida pela metodologia da pesquisa-ação, cabendo à edição final às bolsistas de Iniciação Científica.

Até o final da turma de 2014.2 obtiveram diversos produtos experimentais, resultando em três blocos de versões de um mesmo produto final, a primeira vídeoaula que, após o encerramento da disciplina, foram então trabalhados e editados durante o primeiro semestre de 2015, na segunda turma da disciplina com apoio das bolsistas de Iniciação Científica, junto com a orientadora da pesquisa e estruturados numa única vídeoaula, que se torna então a primeira da série EDUSEXCOMUNICA com a Doutora em Educação Yalin Brizola Yared, denominada “Conversando sobre Formação de Educadores e Educação Sexual”. Essa primeira vídeoaula da série se deu referente à pesquisa de dissertação de mestrado da referida Doutora, na UNIPLAC/SC.

Na sequência da produção das vídeoaulas para a série, paralelamente ao trabalho de edição final da primeira delas pela equipe da pesquisa durante todo o semestre 2015.1, na mesma disciplina do PPGE-UDESC, novamente repetiu-se o trabalho integrado com a nova turma de discentes do PPGE-

UDESC, resultando, ao final do semestre, na segunda vídeoaula da série, vídeoaula esta que na mesma disciplina com nova turma em 2015.2, ainda no trabalho coletivo entre Iniciação Científica da graduação e Doutorandos e Mestrandos da pós-graduação, avançou na etapa de produção da mesma, desenvolvendo a vídeoaula “Conversando sobre Compreensão Humana”, fundamentada na pesquisa de Mestrado em Educação/UNIPLAC, de Ms. Andréia Valeria de Souza Miranda, hoje doutora pelo PPGE/UDESC e membro do Grupo EDUSEX.

A terceira e quarta vídeoaulas foram desenvolvidas baseadas nas pesquisas de mestrado e doutorado da professora Dhilma Lucy de Freitas, hoje morando em Portugal e membro do Grupo EDUSEX. A terceira foi intitulada “Conversando sobre Masculinidades” e a quarta denominou-se “Conversando sobre Blendedlearning”, foram gravadas e elaboradas em conjunto das bolsistas de Iniciação Científica, mestrandas e doutorandas do PPGE/UDESC, junto à equipe da pesquisa.

Em julho de 2015, a pesquisa foi prorrogada a pedido da equipe junto aos órgãos devidos até julho de 2018 para que as vídeoaulas fossem submetidas a um processo de acessibilidade, com tradução em LIBRAS e áudio-descrição inserido no vídeo, bem como foi decidido e realizada a transcrição literal do conteúdo de cada entrevista em caderno impresso e online, contando com o material amplamente adequado com apoio de programa adequado para pessoas com baixa visão e surdos, como apoio no uso das vídeoaulas.

No projeto havia uma etapa prevista de divulgação da série que se consistia, inicialmente, na gravação em DVD para “distribuição gratuita de suas cópias para uso como material de apoio pedagógico em processos educativos formais e não formais de formação dos profissionais da educação, especialmente nas IES do Brasil e de Portugal, nas modalidades presencial e a distância” (MELO et al, 2013, p.10) o que de fato alterou-se para distribuição dos arquivos por meio de *pendrives* e disseminação nas redes sociais de modo público. Também estava prevista a divulgação das vídeoaulas tanto nas modalidades presencial e à distância via várias ferramentas midiáticas, “além de servir para distribuição ainda para usos múltiplos em vários espaços, presenciais ou virtuais, que forem

surgindo das necessidades cotidianas de educadores e educadoras” (p.11), o que está sendo feito atualmente.

Entendo ser este um caminho de auxílio à construção de cada vez mais cidadania, pois como registram Melo *et al*, no projeto citado

É questão de cidadania a ampliação do acesso ao conhecimento no que tange a várias temáticas, dentre elas a questão da sexualidade, com a inclusão digital de cada vez mais pessoas, somado ao uso democrático e crítico das tecnologias de informação e comunicação, todas elas produtos do desenvolvimento do conhecimento humano, e, portanto propriedade da humanidade (mesmo que muitas vezes muitos disto se esqueçam, com a consequente apropriação privada desses bens mundiais). (MELO et al, 2013, p.11).

Belloni em 1998 já nos alertava que

A escola ainda não conseguiu integrar esses bens culturais produzidos pelas mídias, e que são consumidos pela maioria das crianças, consumo este desigualmente distribuído entre grupos sociais. A escola de qualidade terá que integrar as novas tecnologias de comunicação de modo eficiente e crítico, sem perder de vista os ideais humanistas da modernidade (isto é, evitando aquele velho mecanismo que consiste em jogar fora a criança com a água do banho), mostrando-se capaz de colocar as tecnologias a serviço do sujeito da educação - o cidadão livre -, e não a educação a serviço das exigências técnicas do mercado de trabalho. (p.8)

Compreendo juntamente com o Grupo EDUSEX que essa reflexão já tem sido feita em grande parte nas academias, principalmente pelos seus grupos de pesquisas com a produção de conhecimento científico referendado pelo espaço em que atuam, mas que este conhecimento deveria ter sido socializado mais amplamente junto à educadores, tanto em formação quanto em atuação. Mas, infelizmente, não é o que acontece, pois, mesmo com a ampliação das ferramentas midiáticas, inclusive de uso gratuito, que permitiriam a rápida socialização dos resultados de várias maneiras, ainda é muito limitado os números de grupos que conseguem ou alcançam a disseminação em massa por meio dessas ferramentas midiáticas, especialmente junto aos professores e professoras em formação regular e continuada.

Para tanto o Grupo EDUSEX teve como intuito na pesquisa citada e como compromisso ético-político de divulgar estas vídeoaulas nos mais diversos meios de comunicação, com todas as demais ações que o grupo desenvolve, seja na parceria com as prefeituras da região com os cursos de capacitação dos profissionais da educação das redes públicas de ensino, seja

nas mídias sociais em que os materiais estão amplamente disseminados gratuitamente a fim de democratizar o acesso a estes saberes. Ressaltando, também, que este compromisso do grupo, incluído no projeto das vídeoaulas, em realizar a transposição didática dos conteúdos abordados nas pesquisas acadêmicas, pois, as falas das entrevistadas se pautaram na perspectiva de respeitar o “não conhecimento prioritariamente acadêmico”, ou seja, foram falas fluídas e que um leigo no assunto poderia compreender, sem a utilização desnecessária de termos elaborados, respeitando e propiciando o acesso e entendimento de todas as pessoas, não necessariamente ligadas à academia.

4.3.1 Análise de conteúdo da transcrição da vídeoaula 01 “Conversando sobre Formação de Educadores e Educação Sexual” com Prof.^a Dr^a Yalin Brizola Yared

Na referida vídeoaula encontramos a preocupação da Dr^a Yalin Brizola Yared em trazer falas mais acessíveis, com termos de maior receptividade para os possíveis leigos e/ou comunidades escolares que possam se interessar pela temática.

A autora contextualiza seu lugar de fala, sua origem e o interesse pelo tema, quando inicia

Meu nome é YALIN, nasci e sempre morei na cidade de Lages, fica na Serra de Santa Catarina, Brasil. Estudei na Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, que é uma faculdade de referência na nossa região. Eu fiz licenciatura em ciências biológicas e mestrado em educação nessa universidade. Depois que eu terminei minha graduação fiz especialização em educação sexual e a minha primeira experiência profissional como professora foi na escola pública. Trabalhei nas séries finais do Ensino Fundamental e no ensino médio e depois eu tive a experiência de me tornar professora Universitária na faculdade em que me formei. E trabalho e estudo tema da sexualidade humana e educação sexual desde do meu trabalho de conclusão de curso. Esse tema já me trazia interesse desde adolescência e com TCC e outras pesquisas que venho fazendo até hoje. Então em 2012 participei do processo seletivo para doutorado da UDESC e hoje sou membro grupo de pesquisa Edusex (2014)

Logo, percebe-se o vínculo do Grupo com as mais amplas e múltiplas ricas diversidades de vivências de seus membros, por exemplo a Dr^a Yared, como professora da Educação Básica e do Ensino Superior, traz em seu

percurso teórico-prático esta vivência em sala de aula, o que demonstra ser essencial na sua pesquisa, principalmente no quesito de suas inquietações como pesquisadora da temática Educação Sexual

O interesse por esse tema surgiu depois da pesquisa do mestrado e teve início a partir do meu trabalho conclusão de curso que foi sobre educação sexual e no ano de 2008 participei de um importante seminário na Universidade Federal Santa Catarina, onde houve a apresentação de uma mestranda afirmando que o professor de ciências e biologia era o profissional responsável para trabalhar educação sexual com alunos na escola. Ora isso não é verdade toda minha vivência dentro da escola já me mostrou que isso não é verdade. E minha graduação e formação Inicial também me mostra que nós não tivemos, os professores de ciências e biologia, esse preparo para trabalhar integralmente a educação sexual com os alunos. Então essas afirmações me incomodavam muito.

Percebe-se, então, essa preocupação da Dr^a Yared com a relação previamente “autorizada” dos/as professores/as de ciências e biológicas como um “educador sexual autorizado”, sendo que a percepção ampla de sexualidade como parte inerente da condição humana nos faz compreender que todos somos educadores sexuais uns dos outros (MELO, 2012), o que é fundamental na perspectiva do Grupo.

A autora ainda ressalta que “precisamos quebrar esse entendimento de que só o professor de ciências ou professor de biologia é preparado, entre aspas, para trabalhar o tema com os estudantes nas escolas”, pois de acordo com a autora “[...]nós precisamos também ampliar o entendimento do que é sexo e do que é Sexualidade e não reduzir sexualidade a sexo”.

Diante disso, a autora registra que desenvolver e ampliar o conhecimento sobre sexualidade humana é compreender que “a Sexualidade é uma dimensão dos seres humanos, que nós somos seres sexuados, somos seres corporificados”. Por isso a fala da autora vai de encontro com a concepção de Educação Sexual presente neste trabalho, já que compreende a sexualidade como parte da dimensão humana. Além disso, a pesquisa da autora mostra a preocupação com a transversalidade de interdisciplinaridade da temática, pois na sua pesquisa ressalta que somos educadores sexuais uns dos outros, logo, todos/as os/as professores/as estão aptos e “autorizados” a desenvolver propostas intencionais de uma Educação Sexual Emancipatória Intencional. E as desenvolvem, mesmo que não saibam.

Creio que a autora representa sim muitos indicadores do quadro 9, quando diz que “toda relação entre os seres humanos é uma relação educativa” e continua com a perspectiva de que “somos seres humanos sexualizadas, sexuados, erotizados, essa relação é sempre educação sexual. Então, queiramos ou não ou saibamos ou não, nós somos educadores sexuais um dos outros o tempo inteiro a todo o momento”. Por isso a autora traz que “não é uma responsabilidade somente do professor de ciências e biologia trabalhar o tema e sim um trabalho realizado por todos os professores de todas as áreas de conhecimento”.

Podemos perceber o caráter múltiplo desta temática, como Nunes (1996) sugere, quando a autora nos traz o motivo de ser tão difícil falar de sexualidade

Primeiramente porque nós temos dificuldade de nos compreender como seres humanos sexuados, ou seja, como seres corporificados. E o que significa isso? É compreender a Sexualidade como dimensão humana, uma dimensão da vida. E que essa dimensão é mediada por fatores culturais, históricos e sociais. Então, nós aprendemos a vida toda seja em casa, seja na escola, que essa dimensão da vida está separada de nós, mas, na verdade, nós não temos sexualidade, nós somos sexualidade

Uma fala desafiadora da autora é sobre a falta de espaços intencionais referentes à temática, visto que coincide com o que estudei no meu trabalho de conclusão da graduação. A autora traz que nas falas das professoras entrevistadas por ela, essa questão foi alarmante, quando apontou para

Outro resultado que foi bem expressivo, foi muito relatado por professoras entrevistadas, é ausência de um espaço intencional nas formações iniciais e continuadas delas, ou seja, Na graduação e após a efetivação dos seus espaços de trabalho. O que seria esse espaço intencional? É um espaço, um local de debates de reflexão, que trabalha educação sexual intencional dentro do currículo dessa formação Inicial e continuada, o que privilegia o diálogo, o que privilegia a reflexão, o que privilegia a resignificação, onde possa ocorrer uma educação sexual do sujeito ali presentes. Isso foi o resultado bem expressivo, a ausência de um local para se debater realmente a educação sexual.

Isto nos retrata os questionamentos que o Grupo EDUSEX traz em suas perspectivas, principalmente quando a autora ainda nos diz que:

E conseqüentemente a ausência de um espaço para trabalhar educação sexual intencional na formação Inicial e na formação continuada ela provoca essa sensação, mesmo, a falta de credibilidade dos Professores eles, sentem medo e insegurança de trabalhar esse tema com os alunos, por exemplo, e dessa forma os professores, juntamente com seus diretores das escolas, eles procuram constantemente profissionais da área da saúde para trabalhar o tema educação sexual e sexualidade nas escolas. E isso tem ocorrido principalmente por meio de palestra, seja por meio de profissionais médicos, psicólogos, enfermeiros ou técnico de enfermagem.

Diante disto a autora segue e alerta que:

Então esses depoimentos eles têm mostrado essa maior procura por profissionais da área de saúde para trabalhar o tema da educação sexual com os estudantes, mas é importante lembrar que independente se forem profissionais da Saúde ou forem profissional da educação, precisa ter estudo, dedicação, uma educação sexual para trabalhar tema, então, profissional da educação que não consegue trabalhar o tema com os estudantes e chama o profissional da saúde, não é garantia que vai ser um trabalho feito com vistas à emancipação do sujeito, por exemplo, por que esse profissional da Saúde ele também pode não ter tido em sua formação Inicial, na graduação, o espaço intencional para dialogar sobre isso. Então, eles também podem estar ancorados nessa abordagem da sexualidade baseada no paradigma médico higienista ou moral religiosa que são essas concepções de sexualidade que a gente já abordou antes, então isso quer dizer, então, que qualquer profissional que for trabalhar o tema com o nas escolas precisa ter preparação para isso.

Portanto, novamente esta questão entra em pauta. Contudo devo questionar qual a Proposta Curricular do Curso em que estas professoras se formaram inicialmente, visto que há cursos de graduação gratuitos de universidades públicas que garantem este espaço de formação inicial e continuado, como no caso do Grupo EDUSEX na UDESC.

Entretanto, a autora segue e nos diz quais são os entendimentos da comunidade escolar e das professoras entrevistadas na pesquisa de mestrado, referente à sexo e sexualidade, pois diz que

Então esse entendimento ele traz o discurso médico que a base das interpretações biológica como a base do entendimento Da Sexualidade humana. Então, a reprodução é vista como o eixo da discussão, reduz a Sexualidade aos órgãos genitais. Então, a Sexualidade é vista como um problema de saúde pública, então, muito profissionais seja da educação e da Saúde, eles trabalham intencionalmente educação sexual nas escolas, Mas eles estão ancorados por esta visão de mundo, porque a ênfase se dá em doenças sexualmente transmissíveis, na gravidez adolescência, nos métodos contraceptivos, então, muitas vezes o diálogo com os estudantes ocorre por meio de uma linguagem clínica, uma linguagem apenas biológica, o que dificulta a compreensão dos estudantes ou dos funcionários da escola. Enfim o sexo é muitas vezes classificado pelas disfunções, pelas anomalias.

A autora traz em sua fala a preocupação da padronização prejudicial às subjetividades humanas, nelas incluídas a sexualidade, percebe-se isto principalmente quando em sua fala nos diz que:

O que reforça a padronização dos seres humanos a normatização dos comportamentos das pessoas. E as práticas fora da heteronormatividade ainda são vistas como incomuns, estranhas ou que causam um certo estranhamento. Nessa perspectiva a Sexualidade é entendida como parte integral da personalidade de todo ser humano esse paradigma se expressa pedagogicamente pela declaração dos direitos sexuais como

direitos humanos e trabalhar educação sexual intencional é trabalhar a partir de um caráter emancipatório que implica que as pessoas possam ser sujeito de sua própria sexualidade é isso que passa

Portanto, percebem-se nas falas da Dr^a Yared as preocupações em desmitificar a função dos/as professores/as de ciências e biológicas desse papel de “educador sexual autorizado” para (trans)formar o espaço da comunidade escolar como amplo interdisciplinar e cidadão, com intuito de refletir na formação crítica e cidadã dos adolescentes e na formação continuada dos professores/as. Para tanto, segue no quadro 10 a relação entre os indicadores da DDSH e as falas da Dr^a Yalin.

De acordo com o quadro 10, pode-se observar nos excertos da fala da Dr^a Yared que toda a pesquisa trazida na vídeoaula “Conversando sobre Formação de Educadores e Educação Sexual” vem com uma linguagem acessível, além de estar de acordo com a legislação de acessibilidade lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, bem como assim como demonstrado no quadro 10, esta análise da transcrição dessas vídeoaula aponta para uma perspectiva de educação sexual numa abordagem emancipatória intencional, pois vai de encontro com os conceitos chave da DDSH, aqui ressaltados pelos excertos e indicadores do quadro 9.

Portanto, a vídeoaula 01 da série EDSEXCOMUNICA, aqui expressa em sua transcrição literal, se traduz em sua proposta inicial (mesmo que sua edição inicial contou com 03 blocos experimentais) e no seu resultado final se caracteriza por uma linguagem clara, que desmistifica contradições e abre para um provável diálogo sobre interdisciplinaridade. Bem como esta vídeoaula, por ser a primeira da série, também auxilia na concepção base de Educação Sexual Emancipatória e como seriam propostas dentro desta concepção da dimensão humana. O que é sintetizado no quadro 10.

Quadro 10 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V1 X Excertos DDSH

Conceitos-chaves excertos da fala da vídeoaula 01	Excertos dos Direitos Seleccionados da DDSH (extraídos do quadro 9)
Criar nosso conhecimento do que é sexualidade humana ampliar essa compreensão de que a Sexualidade é uma dimensão dos seres humanos, que nós somos seres sexuados, somos seres corporificados	O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora O direito à informação.
Não reduzir sexualidade a sexo	O direito à informação.
Não é uma responsabilidade somente do professor de ciências e biologia trabalhar o tema e sim um trabalho realizado por todos os professores de todas as áreas de conhecimento	O Direito a igualdade e a não discriminação O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora O direito à informação.
É um espaço, um local de debates de reflexão, que trabalha educação sexual intencional dentro do currículo dessa formação Inicial e continuada, o que privilegia o diálogo, o que privilegia a reflexão, o que privilegia a ressignificação, onde possa ocorrer uma educação sexual do sujeito ali presentes	O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão O direito de participação em vida pública e política O direito à vida, Liberdade, e segurança pessoal. O direito à educação e o direito à educação sexual
As escolas ainda continuam acreditando que se faz educação sexual apenas uma vez ao ano, onde se promove grandes encontros trazendo alguém externo para escola para trabalhar o assunto educação sexual com os estudantes, veja bem, não estamos dizendo que isso é negativo. As palestras não são negativas, mas ela só não pode ser usada como intervenção única, somente essa estratégia para trabalhar educação sexual nas escolas.	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito de participação em vida pública e política O direito à informação.

Fonte: elaborada pela própria autora, baseada na DDSH de 2014 e em MATTOS 2017.

Por isso, a transcrição analisada desvela indicadores calcados na DDSH, material usado como base pelo EDUSEX e que expressa a perspectiva de emancipação do sujeito pleno, aí incluído a dimensão da sexualidade.

Por fim, as falas da Dr^a Yared apontam claramente para que a vídeoaula seja um material pautado numa vertente de Educação Sexual Emancipatória Intencional, expressa pela DDSH.

Sigo com a análise das vídeoaulas seguintes, partindo, então para a próxima (e segunda vídeoaula), pela Mestra pela UNIPLAC e hoje doutora pelo PPGE/UDESC, a Dr^a Andréia Valeria de Souza Miranda.

4.3.2 Análise de conteúdo da transcrição da vídeoaula 02 “Conversando sobre Compreensão Humana” com a Dr^a Andréia Valéria de Souza Miranda

Na referida vídeoaula, elaborada sempre coletivamente com entrelaço entre ensino, pesquisa e extensão aos níveis de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado), a Dr^a Andréia Valéria de Souza Miranda, em sua pesquisa de mestrado aborda as questões de dignidade, respeito, cuidado humanizado para pessoas com transtornos mentais. Dentro desta categoria de estudo, a autora ressalta a importância do olhar para o cuidador da pessoa com transtornos mentais, bem como as questões de cidadania integral que abrange todas as dimensões humanas, sendo a da sexualidade também incluída.

Inicialmente a autora se apresenta e relata um pouco da sua trajetória profissional e acadêmica a fim de contextualizar o seu lugar de fala e as inquietações para realização da referida pesquisa

Eu sou enfermeira há 18 anos me formei pela UFSC aqui em Florianópolis e também sou professora há 18 anos. Então as duas carreiras iniciaram juntas, como enfermeira intencionalmente em função da graduação e como professora aconteceu um convite, aceitei já de pronto para iniciar no instituto Estadual de Educação e aí então em 1997 as duas carreiras se conciliaram. E desde então sou professora e enfermeira atualmente eu trabalho como enfermeira no município de Lages em Santa Catarina e também como docente universitária, trabalho na graduação e na pós-graduação também em Lages. Diante dessa carreira como professora e como enfermeira, busquei estudar.

A autora também cita o que a motivou para realizar a pesquisa do mestrado

no mestrado eu estudei o transtorno mental especificamente o cuidado ao cuidador familiar do portador de transtorno mental eu trabalhava como enfermeira no Capes que é o Centro de Atenção psicossocial um centro que atende portadores de transtorno mental graves uma doença incapacitante em algumas formas de apresentação dela então a minha principal função foi que a partida da reforma psiquiátrica tem como garantia legal o atendimento à pessoa com transtorno mental mas o cuidador familiar este fica desprovido de assistência não existe uma rede articulada que pense no Cuidado ao cuidador Então deste ponto específico, surge minha inquietação Por que cuidar de uma pessoa com transtorno mental nas 24 horas do dia no cotidiano desse familiares não é uma tarefa fácil então alguém tem que cuidar desses cuidadores

Em seguida a autora contextualiza as concepções de transtornos mentais ao qual ela desenvolveu a pesquisa

O Transtorno mental, pela organização de saúde é definido como qualquer alteração do pensamento da memória de organização psicoafetiva dessa pessoa, que envolve humor emoção, então, considero o transtorno mental uma condição que modifica o padrão de pensamento, que modifica a memória, que modifica as relações afetivas e pessoais dessa pessoa. O transtorno mental ele pode ser considerado leve moderado e severo. Isto vai depender da manifestação dos sintomas que essa pessoa está experimentando. Sofrer psiquicamente todos nós sofremos, o que nos modifica das pessoas que tem um diagnóstico de transtorno mental é que nós ainda conseguimos retornar para nossa realidade ainda conseguimos organizar nosso pensamento, ainda conseguimos dormir, comer, ter relações pessoais afetivas. E para pessoa em sofrimento psíquico intenso, muitas vezes, o cotidiano é modificado em função justamente da alteração de pensamento, da memória.

Diante disso a autora também nos registra que “pela classificação internacional das doenças e pelo DSM que é o diagnóstico que a gente utiliza para saúde mental existe uma série de transtorno mentais e cada um desses transtornos mentais vai remeter a pessoa a experimentar ou passar por algumas sensações” E ressalta que até o ano de 2001, no Brasil, pessoas com transtornos mentais eram considerados passivos de manicômio e essas pessoas eram mantidas afastadas dos entes queridos e de relações afetivas. A autora ainda retrata que no estado de Santa Catarina havia o hospital referência de “manicômio” o Colônia Santana, mas que a partir de 2001 os pacientes retornaram para suas casas devido às mudanças nas concepções de transtornos mentais.

Ainda registra que a partir disto, instaurou-se o projeto “de volta para casa” e, então, diz-nos que

[...] a partir daí se instala uma nova crise no atendimento à essas pessoas com transtorno mental, porque as famílias não estavam acostumadas a cuidar dessas pessoas em seus domicílios. A ideia da desospitalização ela é ótima se nós temos condições, devemos sim cuidar de todas as pessoas no nosso domicílio, mas é preciso suporte para essas famílias cuidarem, porque há os sintomas muito severos e muito persistentes, então, a família precisa estar preparada. E é uma parada para um cuidado, a qualquer situação que aconteça no domicílio, aqui especificamente pensando nas questões do transtorno mental.

Então, quando a autora traz em sua fala o contexto dos cuidadores, em especial o cuidador familiar, ela ressalta que

[...] temos uma legislação específica para o atendimento em Saúde Mental em Psiquiatria, não amparado pela legislação. Então, o que se prevê é que o Enfermeiro tenha uma formação específica técnica, que é uma especialização em Saúde Mental. Acredito que além da especialização, é preciso alguns outros atributos humanos, como a própria formação em enfermagem já exige, como: empatia, vínculo, a responsabilização pelo cuidado. Acho que a palavra chave mesmo é empatia, de você se colocar ali na situação do outro, de você tentar imaginar como seria sua vida se você tivesse no lugar daquela pessoa ou daquele que está sofrendo psiquicamente ou até daquele próprio familiar. Então, é um campo do conhecimento, trabalhar em Saúde Mental, que exige muito respeito, acho que existe um divisor que considero na minha vida, antes da Saúde Mental e depois a saúde mental. Porque a gente aprende a respeitar o outro na sua singularidade, respeitar o silêncio, respeitar a hora que ele quer conversar, respeitar a hora que ele quer comer, porque é muitas vezes o fato da gente impor a nossa vontade, pode desencadear uma crise. Então, a gente aprende a respeitar. [...]mas tudo isso com muito diálogo, com muita amorosidade e muito afeto. É um cuidado muito complexo, que exige muito.

A fala da autora referente às subjetividades humanas, em que a mesma ressalta a importância do cuidado sensível, vai de encontro com o que Madalena Freire Weffort (1996) diz referente à escuta sensível e o olhar atento na educação, em que se prioriza o momento do Outro Ser, as subjetividades, a capacidade de empatia e de zelo. Perspectivas fundamentais ao se desenvolver propostas e atividades humanizadas com uma abordagem emancipatória, pois como a própria máxima grega nos diz “educamos pelo exemplo”, nós nos educamos por meio das relações (FREIRE, 1996), o que compreende a empatia e subjetividades humanas nas relações com o Outro.

Nas questões da Sexualidade, a autora comenta que há sim esta questão nos pacientes com transtornos mentais e que a temática é abordada por qualquer

profissional, diferente do ambiente escolar, citado na primeira vídeoaula. Por isso, a autora afirma que

Os profissionais da equipe do Capes são a referência do cuidado, então, tudo lá é buscado, trabalhado. Então, as questões da Sexualidade acabam sendo um pouco mais abordadas, não tanto por um profissional específico, mas por qualquer profissional. Porque como as pessoas que estão lá em tratamento, acabam buscando. Elas escolhem quem será o profissional de referência do cuidado, então, com esse profissional de referência, eles discutem essas questões intencionalmente nos grupos de educação e saúde, são trabalhados os temas de educação sexual, porque eles têm todos os órgãos funcionando, eles podem ter um pensamento organizado, eles tem vontades, eles têm desejos e a questão da sexualidade é uma questão inerente à condição humana, então, é tratado assim entre todos esses assuntos, talvez não da forma como a gente gostaria, o que deveria, mas dentro das possibilidades do cotidiano do serviço.

Desta forma, há espaços intencionais de Educação Sexual e são desenvolvidos no ambiente de trabalho da autora e, aparentemente, numa perspectiva emancipatória, mas acredito que espaços curtos, dado a demanda do trabalho. A Entrevistadora desta vídeoaula pergunta “de que maneira o sujeito da sua pesquisa no caso dos cuidadores contribuem para uma educação sexual uma perspectiva emancipatória?” e a autora nos diz que:

A principal questão aqui é a questão do autocuidado, novamente, porque esse cuidador, às vezes, acaba deixando de lado a sua própria vida, então, a gente encontra lá pessoas que faz muito tempo que não consegue ir ao supermercado, Como fazer uma compra, que não consegue uma festa de aniversário, então, acaba ficando prejudicada a sua dimensão humana por inteiro. Inclusive a questão da sexualidade em relação à educação sexual numa perspectiva emancipatória o conceito-chave é autonomia. Então, para que eu tenha autonomia é preciso conhecimento do que eu quero, do que eu posso dar, manifestação do meu desejo e de como isso pode ser feito sem submissão, porque muitas vezes as pessoas por terem transtorno mental, elas são julgadas como incapazes, inválidas e não é assim. É preciso esclarecer que elas têm todos os processos corporais funcionando e que dentro da perspectiva a partir da autonomia, é possível explorar muitas questões da sexualidade. A educação sexual liberta totalmente da alienação imposta socialmente a partir de um diagnóstico.

Neste trecho acredito ser o conceito-chave vinculado a este trabalho de dissertação, pois a autora traz que o paciente de saúde mental, geralmente, é rotulado por ser quem é e/ou estar como está, causando estigmas e preconceitos, como no caso da dimensão humana da sexualidade. Pelo o que a autora nos traz, a família e/ou a sociedade julga previa e erroneamente os pacientes, o que leva a concepções repressoras de sexualidade humana, como se não fossem capazes de exercer sua cidadania de modo integral. O que a autora ressalta estar

completamente equivocado, uma vez que os pacientes de saúde mental são essencialmente humanos e, mesmo que às vezes não estejam em plenas faculdades mentais, eles ainda assim são seres biossocioculturais, ou seja, ainda possuem desejos, vontades, valores etc.

Outro trecho da vídeoaula em que a autora faz uma menção à escola e como deveriam ser trabalhadas as diferenças no contexto amplo dentro das escolas, para assim, possivelmente, amenizar estes estigmas e conceitos equivocados de pessoas com transtornos mentais. A autora nos diz que

o transtorno mental marca uma diferença humana, a gente é diferente, nós somos seres diferentes, é importante trabalhar não só questão transtorno mental, mas as diferenças em si, a diferença cognitiva, diferença física, diferença social e econômica, aqui a gente pensa que partindo dessas funcionalidades do ser humano, conseguiremos promover um pouco mais de harmonia entre os seres, de compaixão, de solidariedade, de diminuição de preconceitos, de diminuição de tudo aquilo que a gente acaba observando todos os dias. E que está amplamente sendo divulgado nas mídias, que são várias questões, o que a diferença causa no outro a diferença sexual, a diferença econômica. E daí vemos barbáries acontecendo. E se a gente consegue tratar desses assuntos dentro da escola, com certeza formaremos cidadãos.

Desta forma, mais uma vez cabe à escola e aos educadores e profissionais da educação desenvolverem propostas emancipatórias das dimensões humanas, sendo uma delas a dimensão humana de sexualidade.

A entrevistadora questiona a importância da pesquisa e a contribuição da mesma para uma formação humana integral, bem como para a formação continuada de enfermeiros, quando diz “como seu estudo contribui para uma educação sexual compreensiva e emancipatória e qual a sua contribuição para a formação regular e continuada para professores enfermeiros?”. A autora ressalta as questões do cuidado, do olhar sensível, do zelo principalmente pelo cuidador, quando nos diz que

Digo que a principal contribuição é a questão da reflexão diária, crítica a respeito da educação sexual. E como professora, a partir dos conhecimentos aqui do doutorado, tenho buscado sempre, a cada dia, modificar um pouco ou sensibilizar um pouco, o cenário de sala de aula. Então, com a produção do mestrado, já foi possível se aproximar um pouco mais na compreensão humana e de como a gente pode se tornar mais humano. E aqui, no doutorado, então, proponho pensar na inteireza que envolve justamente pensar esse ser humano em todas as suas dimensões, incluindo e sempre a dimensão sexual, parece contraditório, mas é importante frisar a educação sexual, por que todas as outras dimensões elas parecem socialmente mais aceitas do que é a dimensão sexual. Então, é urgente pensar em como o educador, como o enfermeiro, como o professor deve contribuir na formação regular intencional da educação sexual.

Portanto a autora traz as concepções desenvolvidas no decorrer da sua vida profissional e acadêmica para elucidar um recorte de sua caminhada. Diante disto e do que a autora considerou importante ressaltar, pude compreender as perspectivas de compreensão humana, sempre com o olhar e escuta sensíveis às subjetividades humanas tanto dos pacientes quanto dos cuidadores, em especial o familiar. Além do cuidado em trazer as questões das dimensões humanas presentes em ambos os cenários, tanto de paciente quanto de cuidador, já que ambos são seres sexuados.

Por isso, sigo abaixo com o quadro 11 a relação das falas da Dr^a Miranda com os indicadores da DDSH, a fim de elucidar os conceitos chave excertos das falas transcritas de acordo com uma perspectiva de Educação Sexual Emancipatória Intencional.

Então, de acordo com as transcrições da vídeoaula 02 “Conversando sobre Compreensão Humana” com a Dr^a Andreia Valéria de Souza Miranda, facilita a vivência, ainda que em interface midiática, do olhar sensível, do zelo com o Outro, da preocupação em se desenvolver propostas de uma educação cidadã, seja no ambiente laboral, seja na comunidade escolar, como a própria autora sugere.

Quadro 11 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V2 X
Excertos da DDSDH

Conceitos-chaves excertos da fala da vídeoaula 02	Indicadores dos Direitos Seleccionados da DDSDH (extraídos do quadro 8)
Porque a gente aprende a respeitar o outro na sua singularidade, respeitar o silêncio, respeitar a hora que ele quer conversar, respeitar a hora que ele quer comer.	O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora O Direito a igualdade e a não discriminação O direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal
A principal questão aqui é a questão do autocuidado novamente porque esse cuidador ele às vezes acaba deixando de lado a sua própria vida	O direito à informação. O direito de participação em vida pública e política.
Reflexão diária crítica a respeito da educação sexual	O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão. O direito à informação.
Então, as questões da Sexualidade acabam sendo um pouco mais abordadas não tanto por um profissional específico, mas por qualquer profissional	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito à informação.
O transtorno mental marca uma diferença humana a gente é diferente, nós somos seres diferentes, é importante trabalhar não só a questão do transtorno mental, mas as diferenças em si.	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito de participação em vida pública e política O direito à informação. O Direito a igualdade e a não discriminação O direito à informação

Fonte: elaborada pela própria autora, baseada na DDSDH de 2014 e em MATTOS 2017.

Por isso, a vídeoaula 02 teve em seu objetivo ampliar o olhar sensível tanto de educadores quanto de profissionais que lidem com as relações humanas, ou seja, o objetivo de contribuir para uma compreensão humanizada e sem julgamentos prévios da vivência familiar tanto de pacientes quanto dos cuidadores, mas essencialmente nos trouxe uma perspectiva humanizada de educação. Nos ressaltou a importância do zelar pelo Outro dentro de todo e qualquer contexto, de compreender as subjetividades e singularidades de cada indivíduo, visto aqui como sujeito produto e produtor de história e cultura.

Acredito que a ênfase em trazer este olhar humanizado nas vivências laborais e acadêmicas está plenamente de acordo com a DDSDH, principalmente no contexto do direito à igualdade e o direito à uma educação plena, pois ainda que a pesquisa se relate principalmente nos meios laborais, somos todos seres educadores e em constante processo de educação humana, sexuada e integral, num contínuo movimento dialético de viver e fazer a vida.

4.3.3 Análise da transcrição da vídeoaula 03 “Conversando sobre Masculinidades” com a Dr^a Dhilma Lucy de Freitas, de Portugal.

Esta terceira vídeoaula da série EDUSEXCOMUNICA, foi gravada com uma pesquisadora brasileira, membro do Grupo EDUSEX que mora em Portugal e desenvolveu a pesquisa referente a esta vídeoaula na dissertação de mestrado realizado na Udesc. Prof.^a Dr^a Dhilma Lucy de Freitas é pedagoga, com especialização em Educação Sexual e Mestrado em Educação e Cultura, todos cursados na UDESC. O doutorado (pesquisa referente à vídeoaula 04), foi realizado em Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC e Educação, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), com pesquisa e estudos na área de educação sexual e formação de professores/as.

A vídeoaula foi gravada num *estúdio* do Centro de Educação à distância – CEAD da UDESC. A pesquisa da dissertação de mestrado da autora se fundamentou no conceituar as múltiplas masculinidades presentes em nossa sociedade. A pesquisa contou com entrevistas à homens heterossexuais de idades e gerações variadas. O intuito apresentado na vídeoaula e expressa nas transcrições pautaram-se em desenvolver um novo conceito de identidade masculina.

A entrevistadora desta vídeoaula, a mestra e membro do grupo EDUSEX Aline Zili Ziloto, perguntou à autora: “Você traz para o centro da questão uma discussão densa e instigante sobre a identidade masculina e os desafios para um novo conceito de homem, claro, amparado pela historicidade e cultura que atravessam esse fenômeno. Quais são as pistas que você identificou para a construção desse novo homem?”. Partindo deste ponto, a autora inicia sua fala com as concepções de que ser homem historicamente é, na verdade, um “não ser mulher”, visto que registra desde já os indícios de ser um novo homem

Com certeza a pista para construção de um novo homem passa pela mudança na construção de estereótipos sexuais e papéis de gênero, então assim, quebrar, cortar, acabar definitivamente com essa binaridade entre o homem e a mulher, um é forte ou outro fraco. Essa visão binária do homem e da mulher como um se contrapondo o outro, eu vejo como a pista. E daí eu posso estar exagerando como professora que sou acredito na educação que o processo é a educação sexual, o que a gente vê na construção da masculinidade historicamente construída é que ser homem é antes de tudo não ser mulher a construção da masculinidade ela se constrói da negação do que tudo que é feminino, então, a sensibilidade, a passividade, a delicadeza, a amorosidade, tudo o que é feminino, não pode ser masculino e na verdade um não exclui o outro. Como diz aquele cantor ser um homem feminino não fere meu lado masculino, Gilberto Gil que canta né, e é bem por aí. A identidade masculina se construiu sempre pela negação de todas as características do que é ser feminina e inclusive Abadá até diz que o menininho ele aprende em primeiro aprende que ele não pode ser para depois aprender o que ele pode ou deve ser. Então, ele aprende que não pode chorar, aprende que não pode ser delicado.

Diante disto, percebe-se que a autora traz as concepções de historicidade do ser homem e ser mulher, como diria Simone de Beauvoir em 1949 “não se nasce mulher, torna-se mulher”, neste caso seria que se torna homem também, principalmente do como não ser homem para iniciar a concepção de identidade masculina. Novamente a concepção de “repressão”, visto que para ser algo, você inicialmente NÃO deve ser outro. A binaridade citada pela autora perpassa também as vertentes de educação sexual repressoras e conservadoras.

A autora segue explicitando que hoje em dia haveria mudanças já nesse conceito, de que não se mantém esse conservadorismo, mas a própria autora alerta para uma falsa sensação de mudança, pois nos registra que “realmente nós vemos mudanças significativas, novos homens, novos pais, mais afetivos, mais amorosos, mais comprometidos na educação dos seus filhos” e ressalta que a preocupação desses novos pais seria também “com cuidado da educação e não só com a provisão e manutenção econômica financeira” mas a autora alerta que

“sutilmente essa construção *repressora* permanece muito presente nos dias de hoje” (grifos meus).

A autora também registra que em sua dissertação estudou o autor William Polak de 1999 e constrói sua fala a partir dos registros deste, em que nos diz

Os meninos vão construindo a identidade masculina usando máscaras da masculinidade, ele não pode demonstrar medo, ele não pode demonstrar sensibilidade, a gente ainda vê isso nos jogos nas brincadeiras infantis. É só sentar e olhar para o Jardim de Infância, por exemplo, que ainda vai identificar muito claramente esses papéis de gênero: as meninas nos seus cantinhos, delicadas, com as bonecas a maioria, sempre cuidado para não generalizar, e os meninos jogando bola. E essa divisão na educação física educação física de meninos e meninas separados, meninas com coisas mais tranquilas e meninos com coisas mais agitadas. A educação sexual passa por aí, eu percebo que essa possibilidade de mudança no perfil masculino passa pela educação sexual numa perspectiva emancipatória

A autora ainda ressalta que “o próprio Sócrates é outro autor que fala que o que se exige de um homem e as exigências que se faz com relação ao sentido de competitividade de assertividade no homem chega a ser desumano, a ser comparado como máquinas o nível de exigência”. Ainda elucida que

[...] na época que eu fiz a pesquisa isso me marcou bastante, por exemplo, o número de suicídios, de depressão, de alcoolismo, de reprovação escolar era muito mais alto nos meninos do que nas meninas. Porque a exigência da masculinidade chega a ser desumano, nós pelo menos, nós mulheres, podemos deitar no ombro de uma amiga e chorar, já os homens não podem fazer, falar de suas fragilidades, isso é entregar a sua fragilidade e entregar a cabeça de bandeja para um amigo.

A partir disto, a autora ainda ressalta que está questionando a essência e dimensão humana, visto que somos todos seres humanos e que temos receios, inseguranças, certezas e incertezas e que, por isso, deveria ser indiferente amigos ou amigas se desabafarem e expressarem suas emoções. E ainda nos diz que “a construção dessa mudança desse perfil passa pela educação sexual emancipatória permitindo que meninos e meninas sejam educados como seres humanos, acima de tudo”. A autora ainda traz que “antes de serem meninos e serem meninas, homens e mulheres, eles são seres humanos. Todos nós temos medo. Todos nós temos inseguranças. Todos nós temos necessidade de carinho, de afeto”.

A autora relata uma experiência de uma pesquisa realizada por uma universidade numa maternidade em que compara a reação dos pais com os bebês

identificados como meninos e meninas, mas que na verdade seria o contrário, segue relato

[...] tem uma pesquisa inclusive que foi feita numa universidade, que faz tempo também, mas que mostra essa diferença o quanto essa diferença marca atos sutis, essa pesquisa foi realizada numa maternidade. Pegaram bebês meninas enrolaram em mantas azuis e pegaram meninos enrolaram em mantas rosa. E pegar esses bebês, que a princípio estavam enrolados na manta Rosa os meninos e nas mantinhas azuis as meninas e fizeram a seguinte experiência: os pais e os homens que estavam, pediram para segurar essa criança, esse bebê, e ficou muito claro, assim, quando estava o bebê rolado uma mantinha azul a segurança e firmeza “segura firme”, os homens que segurava as crianças seguravam sem força “não precisa tanto cuidado”. E quando davam os bebês enrolados nas mantinhas cor-de-rosa aqui o parecer que se quebra, toda delicadeza para segurar. O que era para ser mesmo, já que eram bebês iguais e uma experiência tão simples como essa mostrou e comprovou quanto ainda educação dos meninos e das meninas é diferenciada. Os meninos para serem fortes e corajosos e as meninas para serem delicadas e afetuosas. Isso vem contribuindo para tudo isso que estamos vendo, desamor, desencontros nos relacionamentos entre os casais.

A autora retrata que a diferenciação na educação desde pequenos é também uma das principais causas da continua violência contra a mulher e que os papéis estereotipados contribuem para esses casos, além de contribuir para relacionamentos sempre complicados entre homens e mulheres, como a autora relembra “criam sim meninos e meninas como se fossem seres de diferentes planetas porque a educação é dada totalmente diferente, depois coloca para morar juntos, dividir o mesmo teto, fica meio difícil essa convivência, esse encontro”.

A autora alerta que para essa diferença não ocorrer, a criação de meninos e meninas deve ser pautada em uma educação emancipatória, incluída aí a educação sexual. Pois

[...] os meninos e as meninas só podem ter essa possibilidade de emancipação se forem educados igualmente, com os mesmos direitos, da mesma forma. Claro diferenciando aqui que são pessoas diferentes, crianças diferentes, mas não porque são meninos ou meninas, mas porque são pessoas diferentes e nós temos características diferentes um dos outros. Existem muitas formas de serem mulher, muitas formas de ser homem e as crianças também têm essa identificação.

Além disso, a autora traz uma fundamentação importante para toda nossa base de perspectiva, o núcleo familiar ser o cerne inicial e fundamental para a construção de uma nova sociedade, pois a partir dela que poderemos demonstrar

às novas gerações modelos diversificados de famílias, como a autora retrará quando diz que:

[...] essa educação tem começar na família que é lá que tudo começa o primeiro núcleo de exemplo do modelo, o que a criança vê, o que que é o pai, o que que é a mãe, ser homem, ser mulher, essa criança vê dentro da sua casa naquele pai que dividir a tarefa, aquela mãe que trabalha fora que tem seu compromisso que ajuda o pai, não porque esse ajuda na despesa é um problema, mas que contribui de forma significativa para o orçamento familiar, não pensar que o salário da mulher ajuda o que o homem que mantém. E a gente sabe que a maioria das residências são regida por mulheres, na classe média e média baixa e eu vejo no meu trabalho e cada vez mais nessa caminhada de anos de experiência que educação sexual na perspectiva emancipatória é o caminho para desconstrução desses papéis rígidos e para pessoas mais felizes, responsáveis.

A autora também relata sobre a experiência em sua pesquisa, que se preocupou em entrevistar a masculinidade de seis homens, por meio da fenomenologia, estes heterossexuais e com diferenças etárias de 10 anos em cada um, iniciando com 21 anos e finalizando com 70 anos. Em sua fala transcrita, a autora relata sobre a entrevista mais marcante para ela, pois o entrevistado possuía uma concepção conservadora de educação sexual, demonstrada na fala transcrita da autora quando nos diz que

[...] mas o momento que para mim foi muito marcante foi quando entrevistei o Manuel. Era um jovem senhor, podemos dizer assim, com 63 anos e na época vivia com uma jovem quase 30 anos mais nova que ele e ele falou sobre a questão do que significava ser homem, resgatou sua família, resgatou o pai, todas as dimensões que a gente vai ver. E ele, lá pelas tantas, perguntou para mim “mas você é separada? Não é?”. Eu estava separada, respondi que sim e ele “ai coitada tenho muita pena de ti” eu disse “é? Por quê?” aí ele disse “eu vou te dizer a verdade uma mulher que já não é tão jovem (porque na época tinha 43 anos) hoje em dia com essa monteira de mulheres separadas jovens dando Bandeira, olha não quero dizer nada para você não, mas vai ser muito difícil arrumar um novo marido”. Aquilo me deu foi um impacto tão grande, ouvir aquilo, naquela situação, naquele momento[...]veja o que é, há um desencontro muito grande nessa questão que precisava ser repensada para o bem de homens e de mulheres, para nosso bem de uma maneira geral. Mas foi muito bom ouvir esses homens foram todos muito abertos, foram momentos deliciosos e que eu guardo bem dentro das minhas lembranças

A autora ainda nos traz as categorias desveladas ao final de sua pesquisa que foram as identidades masculinas relacionadas entre os conceitos de mulher esposa e mulher amante, o conceito da masculinidade a partir da amizade com outro homem e o conceito de masculinidade digna a partir de um trabalho remunerado.

As falas transcritas da autora trazem a alegria de desvelar categorias tão importantes para um conceituar de relações humanas. E vão de acordo com a perspectiva de necessidade de uma educação sexual emancipatória intencional, quando registra, principalmente, que a diferença desigual na criação de meninos e meninas pode levar a este caos em que nos encontramos hoje como sociedade múltipla de homens e mulheres das mais diversas e ricas expressões de identidades e sexualidades.

Para tanto trago, então, no quadro 12 os excertos das falas transcritas e conceitos-chaves encontrados nas falas da autora relacionados com os indicadores da DDSDH e as possibilidades de uma Educação Sexual Emancipatória Intencional.

Quadro 12 – Conceitos-Chave dos excertos das transcrições da V3 X excertos da DDSDH

Conceitos-chaves excertos da fala transcrita da vídeoaula 03	Excertos dos Direitos Seleccionados da DDSDH (extraídos do quadro 8)
Com certeza a pista para construção de um novo homem passa pela mudança na construção de estereótipos sexuais e papéis de gênero, então assim, quebrar, cortar, acabar definitivamente com essa binaridade entre o homem e a mulher	O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora O Direito a igualdade e a não discriminação O direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal
A exigência da masculinidade chega a ser desumano	O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão. O direito à informação.
A identidade masculina se construiu sempre pela negação de todas as características do que é ser feminina	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito à informação.
Existem muitas formas de serem mulher, muitas formas de ser homem e as crianças também têm essa identificação. Então passa pela educação sexual intencional numa perspectiva emancipatória e essa educação tem começar na família que é lá que tudo começa	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito de participação em vida pública e política O direito à informação. O Direito a igualdade e a não discriminação O direito à informação

Fonte: elaborada pela própria autora, baseada na DDSDH de 2014 e em MATTOS 2017.

Desta forma, compreendo que as falas transcritas da autora da vídeoaula 03 “Conversando sobre Masculinidades” se pautam, justamente, nas concepções de compreender a origem e historicidade das masculinidades presentes no estudo. As identidades masculinas dos entrevistados na pesquisa de dissertação da autora retratam um cenário, aparentemente, típico brasileiro: conservador, contraditório e hipócrita. Sigo isto a partir das categorias desveladas em que os papéis pré-estabelecidos de ser homem, ou seja, de não ser mulher, bem como as relações entre mulher esposa e mulher amante são, aparentemente, contraditórias e comuns em nosso contexto social.

A pesquisa da autora contou com rigor metodológico para que pudesse desvelar categorias chave, apesar do senso comum presente nas falas dos homens entrevistados, como relatado pela autora.

Este estudo se faz fundamental na concepção de educação sexual emancipatória intencional, pois para se compreender e iniciar um processo de desconstrução e transformação sociocultural se faz necessário compreender o que está posto como certo e errado, como vivência, dos sujeitos desses contextos.

Por isso, a vídeoaula 03, aqui expressa por sua transcrição literal, teve seu intuito de contribuir para ampliação do saber histórico-sócio-cultural das masculinidades, logo, das vertentes de educação sexual presentes em nossas sociedades. E, por isso, vai de encontro com a DDSDH no intuito de desmitificar e contribuir para uma sensibilização de um novo conceito de cidadania plena.

4.3.4 Análise da transcrição da vídeoaula 04 “Conversando sobre Blendedlearning” com a Dr^a Dhilma Lucy de Freitas, de Portugal.

Esta quarta vídeoaula, gravada também com a Dr^a Dhilma Lucy de Freitas, supracitada, foi elaborada a partir da pesquisa de doutorado em Portugal, referente à temática “Blendedlearning” que se caracteriza pela união entre formação formal institucionalizada e a formação via tecnologias digitais, no caso se assemelha à nossa educação à distância.

A pesquisa se pautou no estudo de um curso de formação continuada para professora/es e educadoras/es do infantil e do primeiro ciclo (educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, no Brasil). O curso teve duração de seis

meses com um encontro mensal aos sábados na Universidade de Lisboa e todas às segundas-feiras por meio das tecnologias digitais.

A autora relata os desafios encontrados na relação com os estudantes/educadores por causa do pouco contato desses profissionais com as tecnologias digitais, pois “os professores educação infantil primeiro ciclo básico que são os que menos têm contato com as tecnologias, os que menos conhecem, os que mais tem dificuldade”.

Além disso a autora traz que um curso de formação de seis meses, geralmente, os participantes vão saindo. O que a motivou a abrir vaga apenas para 30 estudantes, mesmo com mais de 200 pré-inscritos. E assim como previsto, apenas 11 finalizaram o curso, apesar de 3 últimos desistentes terem se afastado ao final do curso por motivo de saúde.

Diante disso a autora registra que

Também tinha os pressupostos. Primeiro, além de trabalhar com professores educação infantil e primeiro ciclo tinha que ser uma formação longa, que esse é um outro ponto na outra tese que defendo. É muito importante, que tenha informações curtas, cursinhos, workshops, mas para mudar comportamentos não é uma formação de 20, 30 horas, ainda mais à distância, que vai mudar comportamento dos professores. Pois eles precisam ter tempo para ler, para assimilar aquilo que leram. Então, a minha formação, que foi outra crítica que recebi, é uma formação de 6 meses. Então, quem é o professor que vai dedicar do seu tempo 6 meses para participar de uma formação?

A autora registra as críticas que recebeu devido ao tempo de formação, temática e método utilizado. Ainda ressalta que Portugal existe uma lei que garante abordar a educação sexual intencionalmente nas instituições de ensino, o que legitima todo o processo de educação sexual emancipatória, diferente do que ocorre nos dias atuais no Brasil em que estão desenvolvendo projetos e propostas que proíbam ou coíbam os educadores e professores de abordar esta temática em sala de aula.

A autora continua relatando sobre sua pesquisa, referente aos saberes e fazeres adquiridos pelos participantes. A autora relata com muita alegria que mesmo após um ano da finalização da formação, os mesmos 11 participantes finalíssimos ainda utilizavam as ferramentas e metodologias desenvolvidas no decorrer do curso de formação continuada. Quando relata que “na medida que eles foram fazendo esse curso eles foram usando as tecnologias de forma invisível”. Ou seja, como ainda registra a autora

Eles aprenderam a fazer vídeoaulas, eles aprenderam a fazer e a usar os mapas conceituais e aprenderam usar as ferramentas de web conferência, o Hangouts da Google, que é gratuito, aprenderam a se comunicar entre eles com o Skype. Em alguns momentos eles se reuniam, Os Pequenos Grupos usando Skype, usando Hangouts. A maioria desconhecia totalmente essas ferramentas esses aplicativos e as ferramentas do Google Docs, aprenderam a fazer questionário no Google Docs, discutimos e fizeram os resumos e sínteses construídas coletivamente usando Google Docs. Eles foram aprendendo a usar esses aplicativos e essas ferramentas sutilmente à medida que iam precisando. A gente dava apoio e devagarinho eles foram se enturmando, se inteirando dessa questão, sem se dar conta, simplesmente usando assim.

A autora ainda registra que os participantes realizaram, praticamente, duas formações, uma em educação sexual e a outra em tecnologias digitais. Diante disso, a autora ainda retrata a importância da formação continuada longa, pois

Partindo do princípio da importância da constância da formação continuada, da constância das leituras, da formação dos professores nesse estudo, porque assim, os professores vão e fazem uma formação de 10, 20 ou 30 horas. O que acontece? Vêm para escola motivado cheio de sonhos, de projetos, chega lá na escola e encontra uma barreira aqui, uma barreira lá e entra no cotidiano e na rotina da escola. E acaba que toda essa empolgação acaba. Daqui a pouco lá fazendo a mesma coisa e não investindo mais, começa a aparecer as dúvidas, porque ele vai para escola para botar em ação aquilo que aprendeu lá no curso, naquele workshop. E depois não tem com quem discutir, com quem conversar com quem tirar as dúvidas.

A entrevistadora questiona o resultado e abordagens após este estudo, já que os resultados aparentes se calcavam num sucesso de elaboração e de desvelamentos de categorias chave para a pesquisa, por isso a autora registra que

[...] quando acabou essa oficina de formação, que os professores manifestaram “A gente devia continuar, a gente vai fazer alguma coisa”. Então tive a ideia de criar o primeiro congresso totalmente online na área educação sexual, que foi a primeira conferência internacional online em educação sexual, todos eles tiveram a sua inscrição gratuita e fizeram esse congresso. E aí ficou “acabou?”. E agora o congresso, como é que farei para que esses professores continuem. Sendo esses contatos dos professores para que eles continuem tendo espaço de formação continuada, que eles possam continuar atualizando seus conteúdos, possam até ter alguém para contato para perguntas.... Foi aí que também desenvolvi e criei um projeto de web educação sexual em parceria com a universidade do Brasil e de Portugal. Um projeto que já tem 4 anos e que está aí ainda, mas não sei até quando, porquê mover um projeto gratuito sem nenhuma verba, é muito complicado.

A autora discorre sobre o projeto de web educação sexual e a conferência online, que foram alguns dos resultados da pesquisa de doutorado e relata que

Pensando na importância de continuar investindo na formação continuada dos professores, dando possibilidades dos professores discutirem as mais variadas temáticas dentro da sexualidade, uma vez por mês nós temos uma webinar gratuita e cada etapa do projeto tem um tema. Uma vez por mês tem uma gratuita que é organizada por algumas das Universidades, dessas quatro universidades organizadoras, quem não pode assistir ao vivo tem direito, está lá acessível a gravação. No final de cada etapa, que é por semestre, ainda pode receber um certificado de formação continuada dessas universidades, que foi uma maneira que a gente achou de estimular e motivar os professores a participar dentro do projeto. Então o projeto web educação sexual, vocês podem ir lá na internet colocar web educação sexual, vão encontrar lá nosso site, muitas aulas, 4 anos são no mínimo 24 vídeoaulas sobre temas variados. Estão disponíveis para serem usados pelos professores em uma reunião de pais, num espaço de formação de professores ou mesmo pessoalmente para tirar suas próprias dúvidas ou ampliar seus conhecimentos na área que te interessa, além de ter contato com a gente, todos nossos contatos para dúvidas, para uma ajuda, estamos sempre entrando, dar esse apoio. Mas o projeto web educação sexual e a conferência internacional de online de educação sexual foram duas ações e se desdobraram dessa tese de doutorado. O que é uma forma da gente continuar envolvendo professores, porque nós acreditamos na importância e necessidade de leitura e formação contínua. E momentos específicos são muito bem-vindos e valiosos, mas essa constância faz com que os professores não desanimem e não desestimulem e continue fazendo seu trabalho.

Considero instigante quando uma profissional da educação utiliza de seus saberes e fazeres para estimular parceiros de profissão e comunidade em geral a estudar, seja de modo esporádico seja contínuo. Quando se pensa nas/nos profissionais da educação, acredito, como contínua estudante que este movimento quanto maior e mais duradouro, melhor. Acredito também, dentre os movimentos dialéticos vividos por mim que conhecimento se partilha, visto que conhecimentos e saberes se desenvolveram no relacionar com os outros. E por isso, o que veio do mundo, para o mundo retornará.

Diante disto, trago no quadro 13 os excertos das falas transcritas da autora os conceitos chave cotejados com os indicadores da DDSDH e que apontam para uma Educação Sexual Emancipatória Intencional.

Quadro 13 – Conceitos Chave dos excertos das transcrições da V4 X Excertos da DDSDH

Conceitos-chaves excertos da fala transcrita da vídeoaula 04	Excertos dos Direitos Seleccionados da DDSDH (extraídos do quadro 8)
O fato dos professores não terem formação inicial e nem continuada nessa temática faz com que ele ainda seja um tema mais controverso e polêmico do que na verdade ele poderia ou deveria ser, porque quando se tem a formação inicial à formação adequada ou continua ou continuada, com certeza essa polêmica, essa controversa, ela se dilui substancialmente.	O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora O Direito a igualdade e a não discriminação O direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal
Porque nós acreditamos na importância e necessidade de leitura e formação contínua. E momentos específicos são muito bem-vindos e valiosos, mas essa constância faz com que os professores não desanimem e não desestimulem e continue fazendo seu trabalho.	O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão. O direito à informação. O direito à educação e o direito à educação sexual
É polêmica, por causa disso, por causa da multiplicidade de valores dos temas do Sexo e Sexualidade e da educação sexual e pela falta de formação de professores.	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito à informação.
Percebe-se que em muitos cursos de professores que a gente faz ou em muitas aulas que a gente dá, ou já deu, sempre vem aquela expectativa “agora vou sair dali sabendo como fazer uma educação sexual” o dia que estiverem num curso ou numa aula que vocês saírem com essa receita, questiona	O direito à educação e o direito à educação sexual O direito à informação. O Direito a igualdade e a não discriminação O direito à informação

Fonte: elaborada pela própria autora, baseada na DDSDH de 2014 e em MATTOS 2017.

Diante do apresentado, a vídeoaula 04 “Conversando sobre Blendedlearning” com a Dr^a Dhilma Lucy de Freitas, aqui expressa por meio da sua transcrição literal, vem de encontro com o que foi desenvolvido até o momento nesta pesquisa que ora finda. As falas transcritas da autora, referente à necessidade de uma formação continuada em educação sexual, bem como uma base essencial no currículo da graduação, faz-se essencial. Principalmente por irem de acordo com as perspectivas tanto da DDSDH expressa nos direitos de acesso à informação e de uma educação sexual emancipatória, bem como estarem, também, de acordo com as próprias ações e fazeres do grupo EDUSEX.

A autora traz conceitos chave para entendermos a importância de realizarmos formações longas e específicas para as/os profissionais da educação.

Além de possuir um percurso teórico-prático nítido e embasado na perspectiva da vertente emancipatória.

Quando se traz as questões da necessidade do partilhar saberes, sempre me é encantador, como já citado, acredito que partilhar saberes enriquece a troca e engrandece o próprio saber.

Esta quarta vídeoaula, teve como intuito contribuir com as perspectivas da formação de professores e educadores, além de ressaltar a importância da continuidade destes fazeres. Mas acredito que a autora teve um *insight* fundamental ao alertar para cursos que digam “possuírem receita de educação sexual”, pois o que pode haver são situações exemplo, estudos teórico-práticos, principalmente devido a cada situação estar imersa em seu próprio contexto e subjetividade.

Portanto, esta quarta vídeoaula, dentre suas concepções, vai de encontro com a DDSH quando incentiva a educação e formação cidadã, quando estimula a busca e oferta cursos de qualidade e gratuitos a fim de promover os conhecimentos científicos no teor da temática.

5. MOVIMENTO DILÉTICOS: AS SÍNTESES DESTE CICLO

Esta dissertação que ora se finda, em sua verdade se iniciou muitos anos antes, com o adentrar ao Grupo EDUSEX, em cada discussão, debates, vivências em múltiplos ambientes, cenários, pilares acadêmicos. Acredito que esta pesquisa somente se fez possível justamente por vivenciar no percurso da graduação o mais rico e múltiplo conteúdo de ensino, pesquisa e extensão amplamente entrelaçados na perspectiva de fazer-saber do grupo em seu rico movimento dialético.

E vos digo, também, que este fazer-saber do grupo EDUSEX influencia diversos sujeitos na ânsia por conhecimento e desconstrução de valores equivocados, possibilitando este (re)fazer de novos conceitos, novos olhares e perspectivas num contínuo e vivo movimento dialético.

Acredito, então, que esta pesquisa surgiu deste movimento prévio em minhas vivências com o Grupo EDUSEX e se desenvolveu neste movimento *stricto sensu* a fim de dar luz aos produtos e produções do Grupo em que estive amplamente inserida. E por isso, esta pesquisa teve como intuito realizar uma pesquisa fundamentada no paradigma do materialismo-histórico-dialético, de cunho qualitativo, exploratória, embasada no método dialético com metodologia de análise de conteúdo das transcrições literais da série de vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, produção referente à pesquisa “Desenvolvimento e produção de vídeoaulas de educação sexual emancipatória como subsídio em processos de formação de profissionais da educação” com duração de 2013 a 2018, no Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc pertencente ao Grupo de Pesquisa EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/Udesc.

O intuito amplo desta dissertação se pautou em contribuir com a solidificação do campo teórico da Educação Sexual Emancipatória. E teve como intuito específico cotejar as falas transcritas com os excertos da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos – DDSDH a fim de compreender se os materiais pedagógicos com interfaces midiáticas produzidas pelo Grupo EDUSEX enquanto estava como bolsista IC e plenamente inserida nestas vivências, estariam de acordo com as propostas intencionais de uma educação sexual emancipatória, aqui expressas pela DDSDH.

Por este trabalho se pautar numa temática com caráter permeado de valores e concepções múltiplas, foi necessário explicitar quais conceitos considero repressores e qual o emancipatório, para tanto fundamentei esta pesquisa nos cumplices teóricos aportados também pelo Grupo EDUSEX, por isso, compreender o contexto de educação sexual no Brasil por meio das vertentes foi caminho necessário.

Além disso, as categorias-eixo deste trabalho foram desenvolvidas em plenitude, a fim de corroborar com a fundamentação teórica desta pesquisa para que as análises estivessem rigorosamente embasadas.

No decorrer deste trabalho foi possível perceber o passo a passo da elaboração da série de vídeoaulas, como foi laborioso e contou com auxílio voluntário de muitos envolvidos, em todas as etapas, desde a elaboração dos roteiros, sempre de modo coletivo e em vivência plena nos pilares da academia de ensino, pesquisa e extensão, a decisão das autoras entrevistadas dos locais em que seriam gravadas as vídeoaulas, o estudo das perguntas e respostas, até a edição final e acrescentada as etapas de acessibilidade, também com profissionais e/ou estudantes voluntários.

Além disso, acredito que os conceitos chave destas produções, o intuito de cada vídeoaula, bem como o conteúdo de acordo com a DDSDH estavam também plenamente explanados, difundidos e aprofundados de acordo com a proposta inicial.

No decorrer das análises de cada transcrição se faz perceptível o cotejamento com a DDSDH e autores cúmplices teóricos deste trabalho. No passo a passo da análise dos dados pode-se perceber a descrição documental, organização e seleção dos dados para análise, bem como a imersão nas falas de cada transcrição, finalizando com a análise propriamente dita, com um quadro, a fim de elucidar o passo de cada excerto. Os quadros utilizados foram de elaboração própria, a fim de elucidar a compreensão referente ao cotejamento com a DDSDH e as falas transcritas, além de ressaltar os indicadores desvelados a partir das análises.

Diante disso, acredito que cada análise resultou em indicadores, sendo: A vídeoaula 01 “Conversando sobre Formação de Educadores e Educação Sexual” trouxe-nos indicadores da DDSDH como possibilidades de vivenciar propostas de Educação Sexual Emancipatória, em que aponta para a compreensão de uma

cidadania plena, vivenciada integralmente com a dimensão da sexualidade humana numa abordagem emancipatória, também apontam para uma desmitificação de tabus e possibilita a ampliação da posposta curricular de transversalidade, bem como aponta para uma educação Sexual numa abordagem emancipatória, desenvolvendo uma educação integral e cidadã para uma transformação da comunidade escolar pautada numa abordagem emancipatória de educação sexual intencional.

Além disso, a vídeoaula 02 “Conversando sobre Compreensão Humana” nos trouxe os indicadores da DDSH como possibilidades de vivenciar propostas de Educação Sexual Emancipatória, sendo que aponta para a compreensão de uma cidadania plena, em que o Outro é respeitado em sua inteireza, o que nos compreende a educação cidadã, em que a percepção sensível disto facilita a mediação na relação com outras pessoas e com o meio, além de apontar para uma desmitificação de estigmas, preconceitos e possibilitar uma educação integral de uma educação Sexual numa abordagem emancipatória.

Já a vídeoaula 03 “Conversando sobre Masculinidades” também nos traz indicadores da DDSH como possibilidades de vivenciar propostas de Educação Sexual Emancipatória, pois aponta para a compreensão de uma cidadania plena, em que todos são iguais e se faz necessário desconstruir esses conceitos equivocados de ser homem e ser mulher, o que se faz essencial também para uma desmitificação de estigmas e preconceitos. Além disso, aponta para uma transformação dos conceitos intrínsecos nas famílias brasileiras pautada numa abordagem emancipatória de educação sexual intencional.

A vídeoaula 04 “Conversando sobre Blendedlearning”, nos traz em seus indicadores da DDSH possibilidades de vivenciar propostas de Educação Sexual Emancipatória, principalmente quando aponta para a desmitificação de equívocos gerados a partir de uma educação sexual emancipatória a partir dos cursos de graduação e de formação continuada, o que possibilita uma desmitificação de estigmas, preconceitos e questionamentos de concepções repressoras, muitas vezes perpetuadas na comunidade escolar. Além disso, também aponta para um questionamento de valores equivocados pautados em paradigmas potencialmente repressores, o que poderia possibilitar uma provável transformação dos conceitos equivocados e pautar as novas concepções numa abordagem emancipatória de educação sexual intencional. E ressalta, também, a importância de se analisar o

contexto, pois não há receitas prontas de educação sexual emancipatória intencional.

Partindo então disto, compreendo que cada vídeoaula transcrita teve em sua temática as possibilidades de desenvolver de modo emancipatória suas próprias temáticas, pois cada uma trouxe concepções singulares.

Por isso, acredito que esta pesquisa compreendeu sua proposta inicial supracitada, mas alcançou um objetivo *plus*, ou seja, percebo que além dos objetivos analisados e previamente propostos, consegui nesta pesquisa compreender que as subjetividades dos trabalhos e dos movimentos dialéticos vivenciados nestas pesquisas ora relatadas por meio da Série de Vídeoaulas EDUSEXCOMUNICA, aqui representada por cadernos de suas transcrições literais, podem subsidiar novas pesquisas, instigar pessoas não ligadas diretamente à universidades e também novas/os acadêmicas/os. O que nos leva à uma possível compreensão do surgimento da categoria final deste trabalho: o movimento dialético.

Este tão rico, caótico e pleno recurso fundamental do fazer, da mudança, da quebra da zona do conforto sócio histórico cultural, que elucida as relações e pratica a falseabilidade dos conceitos criados por seres humanos ao longo dos tempo e para cada tempo histórico. O movimento dialético vivenciado diariamente, nas relações curtas, nas quebras de paradigmas, no imediatismo que esta nova geração de sujeitos está construindo e reconstruindo a cada instante, em cada mídia, ferramenta tecnológica, mas também no choque de gerações e de vivências a longo prazo. Por isso, acredito que a categoria final deste trabalho reflete, exatamente, o que esta pesquisa nos trouxe: possibilidades e novos e constantes caminhos.

Acredito também que, diante da pesquisa que ora finda, os materiais produzidos com interfaces midiáticas do Grupo EDUSEX por meio de produção coletiva de conhecimento estão calcados numa proposta de vivenciar uma cidadania plena, pois, independente da temática da vídeoaula, todas trazem em si as concepções de emancipação humana, respeito às múltiplas e ricas diferenças, o olhar sensível seja ao educando, colega ou paciente.

Percebo que o grupo segue a sua linha teórico-prática em todas as suas vivências e, parafraseando Paulo Freire, o Grupo EDUSEX fez de sua teoria a sua prática. Por isso, compreendo que o compromisso do Grupo de sensibilizar para a

reflexão crítica para vivenciar propostas de uma educação sexual emancipatória em todas as suas ações as quais pude analisar, fundamenta-se justamente na perspectiva de desenvolver uma cidadania plena em que todos os Seres possam se respeitar e respeitar o Outro dentre de suas próprias subjetividades e ricas multiplicidades.

E para finalizar esta dissertação em que pude desvelar categorias tão ricas e imersas no compromisso ético do EDUSEX, bem como compromisso político de uma universidade pública, a democratização ao acesso à produtos de conhecimento científico, acredito que somente Freire em sua mais pura compreensão do que é cidadania poderia ter redigido esta frase que nos cabe tão bem para elencar esse momento único

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.(2000, p.33).

6. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREITAS, Marcia de. **Educação sexual em debate nas ondas da rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis**: estudo de caso dos programas gravados de 2007 a 2015. Florianópolis, SC: UDESC. 2016. 404p. dissertação.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE WEFFORT, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MATTOS, Mellany Viaro Gobbi de. **Quem educa o educador**: do vivido em cotidianos escolares a uma análise do prescrito em documentos legais como indicadores de direito dos educadores às vivências de processos de educação sexual emancipatória. Florianópolis, SC: UDESC, 2017. 66p. trabalho de conclusão de curso.

MELO, Sonia Maria Martins. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

MELO, Sonia Maria Martins. Pocovi, Rosi. **Educação e Sexualidade**. 2ª Ed. [Caderno Pedagógico, v.1], Florianópolis: UDESC, 2008.

MELO, Sonia Maria Martins, et al. **Educação e sexualidade**. 2.ed.rev. – Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

NUNES, César Aparecido. **Filosofia, Sexualidade e Educação**: As relações entre os pressupostos éticos-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre educação escolar. Campinas, SP: UNICAMP. 1996. 330p.tese.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Ed. Papiros, 2ª ed. 1997.

PACHECO, Raquel da Veiga. **Escola de Princesas**: Um estudo da compreensão de professoras sobre a influência de filme da boneca Barbie na educação sexual de crianças. Florianópolis, SC: UDESC. 2014. 220p. dissertação.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (org.) **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

ROMERO, Leonardo. **Elementos de sexualidade y educación sexual**. Colômbia: CAC, 1998.

YARED, Yalin Brizola. **Do prescrito ao vivido**: a compreensão de docentes sobre o processo de educação sexual em uma experiência de currículo integrado de um curso de medicina. Florianópolis, SC: UDESC. 2014. 443p. tese

7. ANEXOS

Anexo 1 – Declaração dos Direitos Sexuais Como Direitos Humanos

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS

Reconhecendo que direitos sexuais são essenciais para o alcance do maior nível de saúde sexual possível, a Associação Mundial para a Saúde Sexual:

DECLARA que direitos sexuais são baseados nos direitos humanos universais que já são reconhecidos em documentos de direitos humanos domésticos e internacionais, em Constituições Nacionais e leis, em padrões e princípios de direitos humanos, e em conhecimento científico relacionados à sexualidade humana e saúde sexual.

REAFIRMA que a sexualidade é um aspecto central do ser humano em toda a vida e abrange sexo, identidade e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A Sexualidade é experienciada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre expressadas ou sentidas. Sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.

RECONHECE que a sexualidade é uma fonte de prazer e bem estar e contribui para a satisfação e realização como um todo. 61

REAFIRMA que a saúde sexual é um estado de bem estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade; não é meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa para com a sexualidade e relacionamentos sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação ou violência.

REAFIRMA que a saúde sexual não pode ser definida, compreendida ou operacionalizada sem uma profunda compreensão da sexualidade.

REAFIRMA que para que a saúde sexual seja atingida e mantida, os direitos sexuais de todos devem ser respeitados, protegidos e efetivados.

RECONHECE que direitos sexuais são baseados na Liberdade, dignidade e igualdade inerente a todos os seres humanos e incluem o compromisso de proteção contra danos.

AFIRMA que a igualdade e não discriminação são fundamentais à proteção e promoção de todos os direitos humanos e incluem a proibição de quaisquer distinções, exclusões ou restrições com base em raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, características, status de nascimento ou outro qualquer, inclusive deficiências, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual e identidade de gênero, estado de saúde, local de residência e situação econômica ou social.

RECONHECE que a orientação sexual, identidade de gênero, expressões de gênero e características físicas de cada indivíduo requerem a proteção dos direitos humanos.

RECONHECE que todos os tipos de violência, perseguição, discriminação, exclusão e estigma, são violações dos direitos humanos e afetam o bem estar do indivíduo, famílias e comunidades. 62

AFFIRMA que as obrigações de respeitar, proteger, e consumir direitos humanos se aplicam a todos os direitos sexuais e liberdades.

AFIRMA que os direitos sexuais protegem os direitos de todas as pessoas na plena realização e expressão de sua sexualidade, usufruindo de sua saúde sexual, desde que respeitados os direitos do próximo.

Direitos sexuais são direitos humanos referentes à sexualidade

O Direito a igualdade e a não discriminação.

Todos têm o direito de usufruir dos direitos sexuais definidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer tipo, seja raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, local de residência, características, nascimento, deficiência, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, estado de saúde, situação econômica, social ou outra qualquer.

O Direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal.

Todos têm o direito à vida, liberdade e segurança, que não podem ser ameaçadas, limitadas ou removidas arbitrariamente por motivos relacionados à sexualidade. Estes incluem: orientação sexual, comportamentos e práticas sexuais consensuais, identidade e expressões de gênero, bem como acessar ou ofertar serviços relacionados à saúde sexual e reprodutiva.

O direito a autonomia e integridade corporal.

Todos têm o direito de controlar e decidir livremente sobre questões relativas à sua sexualidade e seus corpos. Isto inclui a escolha de comportamentos sexuais, práticas, parceiros e

relacionamentos, desde que respeitados os direitos do próximo. A tomada de decisões livre e informada, requer consentimento livre e informado antes de quaisquer testes, intervenções, terapias, cirurgias ou pesquisas de natureza sexual.

O direito de estar isento de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante. 63

Todos devem estar isentos de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante em razão de sua sexualidade, incluindo: práticas tradicionais nocivas; esterilização, contracepção ou aborto forçado; e outras formas de tortura, tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes praticados por razões relacionadas ao sexo, gênero, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, ou característica física de alguém.

O direito de estar isento de todas as formas de violência ou coerção.

Todos deverão estar isentos de violência e coerção relacionadas à sexualidade, incluindo: Estupro, abuso ou, perseguição sexual, —bullyingll, exploração sexual e escravidão, tráfico com propósito de exploração sexual, teste de virgindade ou violência cometida devido à prática sexual real ou presumida, orientação sexual, identidade e expressão de gênero ou qualquer característica física.

O direito à privacidade.

Todos têm o direito à privacidade relacionada à sexualidade, vida sexual e escolhas inerentes ao seu próprio corpo, relações e práticas sexuais consensuais, sem interferência ou intrusão arbitrária. Isto inclui o direito de controlar a divulgação de informação relacionada à sua sexualidade pessoal a outrem.

O direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras.

Todos têm o direito ao mais alto padrão de saúde e bem estar possíveis, relacionados à sexualidade, incluindo a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras. Isto requer a disponibilidade, acessibilidade e aceitação de serviços de saúde qualificados, bem como o acesso a condições que influenciem e determinem a saúde, incluindo a saúde sexual.

O direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações.

Todos têm o direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações em relação à sexualidade e saúde sexual.

O direito à informação. 64

Todos devem ter acesso à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais através de diversas fontes. Tal informação não deve ser arbitrariamente censurada, retida ou intencionalmente deturpada.

O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora.

Todos têm o direito à educação e a uma educação sexual esclarecedora. Educação sexual esclarecedora deve ser adequada à idade, cientificamente acurada, culturalmente idônea, baseada nos direitos humanos, na equidade de gêneros e ter uma abordagem positiva quanto à sexualidade e o prazer.

O direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto.

Todos têm o direito de escolher casar-se ou não, bem como adentrar livre e consensualmente em casamento, parceria ou outros relacionamentos similares. Todas as pessoas são titulares de direitos iguais na formação, durante e na dissolução de tais relacionamentos sem discriminações de qualquer espécie. Este direito inclui igualdade absoluta de direitos frente a seguros sociais, previdenciários e outros benefícios, independente da forma do relacionamento.

O direito a decidir sobre ter filhos, o número de filhos e o espaço de tempo entre eles, além de ter informações e meios para tal.

Todos têm o direito de decidir ter ou não ter filhos, a quantidade destes e o lapso de tempo entre cada criança. O exercício desse direito requer acesso a condições que influenciam e afetam a saúde e o bem-estar, incluindo serviços de saúde sexual e reprodutiva relacionados à gravidez, contracepção, fertilidade, interrupção da gravidez e adoção.

O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão.

Todos têm o direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão relativos à sexualidade, bem como o direito à expressão plena de sua própria sexualidade, por exemplo, na aparência, comunicação e comportamento, desde que devidamente respeitados os direitos dos outros. 65

O direito à Liberdade de associação e reunião pacífica.

Todos têm o direito de organizar-se, associar-se, reunir-se, manifestar-se pacificamente e advogar, inclusive sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais.

O direito de participação em vida pública e política.

Todos têm o direito a um ambiente que possibilite a participação ativa, livre e significativa em contribuição a aspectos civis, econômicos, sociais, culturais e políticos da vida humana a nível local, regional, nacional ou internacional. Em especial, todos têm o direito de participar no desenvolvimento e implantação de políticas que determinem seu bem-estar, incluindo sua sexualidade e saúde sexual.

O direito de acesso à justiça, reparação e indenização.

Todos têm o direito ao acesso à justiça, reparação e indenização por violações de seus direitos sexuais. Isto requer medidas efetivas, adequadas e acessíveis, assim como devidamente educativas, legislativas, judiciais, entre outras. Reparação incluiu retratação, indenização, reabilitação, satisfação e a garantia de não repetição.

Esta é a tradução oficial da Declaração dos Direitos Sexuais. Para fins legais e técnicas, deve-se consultar a versão em Inglês como o texto oficial: <http://www.worldsexology.org/resources/declaration-of-sexual-rights/>.

A —World Association for Sexual Health^{II} (WAS – Associação Mundial pela Saúde Sexual) é um grupo mundial multidisciplinar de sociedades científicas, ONGs e profissionais do campo da sexualidade humana que promove a saúde sexual por toda a vida e em todo o mundo através do desenvolvimento, promoção, e apoio à sexologia e a direitos sexuais para todos. —WAS^{II} realiza tais objetivos, através de ações de defesa e integração, facilitando a troca de informações, ideias, experiências e avanços científicos baseados na pesquisa da sexualidade, educação e sexologia clínica, com uma abordagem multi disciplinar. A declaração de direitos sexuais da WAS foi originalmente proclamada no 13º. Congresso de Sexologia em Valencia, Espanha em 1997 e então em 1999, uma revisão foi aprovada em Hong Kong pela Assembleia Geral da WAS e reafirmada na —Declaração WAS: Saúde 66

Sexual para o Milênio (2008)^{II}. A presente declaração revisada foi aprovada pelo Conselho Consultor da WAS em Marco de 2014.

Anexo 2 – Créditos das vídeoaulas

CRÉDITOS ACADÊMICOS

COORDENAÇÃO

PROFESSORA DOUTORA SÔNIA MARIA MARTINS DE MELO
LÍDER DO GRUPO DE PESQUISA EDUSEX FORMAÇÃO DE EDUCADORES
EDUCAÇÃO SEXUAL CNPQ UDESC DOCENTE NA GRAVAÇÃO E NA PÓS-
GRADUAÇÃO FAED UDESC PROFESSORA DA DISCIPLINA PPGE FAED
UDESC TECNOLOGIA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES INTERFÁSICO
EDUCAÇÃO SEXUAL

APOIO À COORDENAÇÃO

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS - BOLSISTA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA CNPQ UDESC

ANA BEATRIZ SODRÉ ACADÊMICA PARTICIPANTE VOLUNTÁRIA

APOIO À PRODUÇÃO

MEMBROS PARTICIPANTES DA EQUIPE DA PESQUISA
DESENVOLVIMENTO E PRODUÇÃO DE VÍDEO AULAS DE EDUCAÇÃO

SEXUAL EMANCIPATÓRIA COMO SUBSÍDIO EM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NICOLE SCALVIM DA COSTA
PROBIC UDESC DE OITO DE 2013 A 3 DE 2014

HELLEN LESSA GRACIOSA PROBIC UDESC DE 04/2014 A 7/2014

KAMILA RAULINO DA SILVA PIVIC UDESC DE 08/2013 A 2/ 2014

LAURA PRA BALDI DE S FREITAS PROBITI UDESC DE 09/14 A 03/15

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS PROBITI/UDESC E
PROBIC/UDESC DE 08/13 A ATUAL

ANA BEATRIZ SODRÉ PIVIC 04/15 A 03/16

ALINE MARTINS DE SOUZA ACADÊMICA PARTICIPANTE VOLUNTÁRIA

DEMAIS MEMBROS DA PESQUISA

ADEMILDE SARTORI, PROFESSORA DRA PPGE UDESC, LÍDER DO
GRUPO EDUCOM

CAMILA DETONI DE SÁ, MESTRANDA PPGE UDESC

CRISTINA MONTEGGIA VARELA MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE
UDESC E DOUTORANDA FURG

DEISI CORD MESTRE UFSC E DOUTORANDA PPGE UDESC

ELIZANE MESTRE EM EDUCAÇÃO E DOUTORANDA PPGE UDESC

KAMILA REGINA DE SOUZA MESTRE E DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO
PPGE UDESC

MARCIA FREIRAS MESTRANDA EM EDUCAÇÃO PPGE UDESC

RAQUEL DA VEIGA PACHECO MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE UDESC

YALIN BRIZOLA YARED MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE UNIPLAC E
DOUTORANDA PPGE UDESC

ALUNOS DISCIPLINA: TECNOLOGIA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES: INTERFACES COM EDUCAÇÃO SEXUAL PPGE UDESC

CAMILA DETONI MESTRANDA PPGE UDESC

CÉLIA REGINA APPIO MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE FURB

CRISTINA MONTEGGIA VARELA MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE
UDESC E DOUTORANDA FURG

EDEMILSON GOMES DE SOUZA MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FÁTIMA AMARANTE, ALUNA ESPECIAL PPGE UDESC

FERNANDA EDITE FERREIRA ALUNA ESPECIAL PPGE UDESC

MARCIA FREIRAS MESTRANDA EM EDUCAÇÃO PPGE UDESC
 RAQUEL DA VEIGA PACHECO MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE UDESC
 ROBERTA CAVALCANTE DE FRANÇA, MESTRANDA EM EDUCAÇÃO
 PPGE UDESC
 SOLANGE GOULART DE SOUZA, MESTRE EM EDUCOMUNICAÇÃO
 PPGE UDESC
 YALIN BRIZOLA YARED MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE UNIPLAC E
 DOUTORANDA PPGE UDESC
 ALINE ZILLI
 CRISTIANO CARIOBA
 LUCIANO GREIS
 DANIELA WEIN

**CRÉDITOS DOS PROTÓTIPOS DA VIDEOAULAS
 (TEXTO, ROTEIRO, EDIÇÃO)**

CAMILA DETONI
 CÉLIA REGINA APPIO MESTRE EM EDUCAÇÃO PPGE FURB
 CRISTINA MONTEGGIA VARELA
 EDEMILSON GOMES DE SOUZA MESTRADO EM EDUCAÇÃO
 FÁTIMA AMARANTE, ALUNA ESPECIAL PPGE UDESC
 FERNANDA EDITE FERREIRA ALUNA ESPECIAL PPGE UDESC
 MARCIA FREIRAS
 RAQUEL DA VEIGA PACHECO
 ROBERTA CAVALCANTE DE FRANÇA, MESTRANDA EM EDUCAÇÃO
 PPGE UDESC
 SOLANGE GOULART DE SOUZA, MESTRE EM EDUCOMUNICAÇÃO
 PPGE UDESC
 YALIN BRIZOLA YARED

APOIO A EDIÇÃO FINAL DOS PROTÓTIPOS

IGOR SANTOS - ESTUDANTE ENSINO MÉDIO, VOLUNTÁRIO

CRÉDITOS EDIÇÃO VIDEOAULAS FINAL

COORDENAÇÃO

PROFESSORA DOUTORA SÔNIA MARIA MARTINS DE MELO

LÍDER DO GRUPO DE PESQUISA EDUSEX FORMAÇÃO DE EDUCADORES
EDUCAÇÃO SEXUAL CNPQ UDESC DOCENTE NA GRAVAÇÃO E NA PÓS-
GRADUAÇÃO FAED UDESC PROFESSORA DA DISCIPLINA PPGE FAED
UDESC TECNOLOGIA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES INTERFÁSICO
EDUCAÇÃO SEXUAL

ANA BEATRIZ SODRÉ PIVIC 04/15 A 03/16

ALINE MARTINS DE SOUZA ACADÊMICA PARTICIPANTE VOLUNTÁRIA

MELLANY VIARO GOBBI DE MATTOS PROBITI/UDESC E
PROBIC/UDESC DE 08/13 A ATUAL

CRÉDITOS TÉCNICOS DA VIDEOAULA
(TEXTO, ROTEIRO, EDIÇÃO)

DANIELA WEIN – ENTREVISTADORA

ANDREIA VALERIA DE SOUZA MIRANDA – ENTREVISTADA

MÔNICA WENDHAUSEN – COORDENAÇÃO GERAL

LUCIANO GREIS – CÂMERAMAN E EDITOR FINAL.

AGRADECEMOS TODAS E TODOS OS ENVOLVIDOS